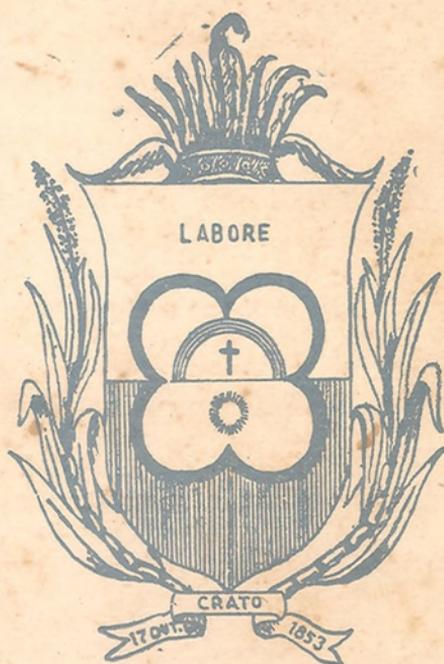


Itaytera



NÚMERO 9

ANOS 1963 - 1964

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI - CRATO - CEARÁ

*Crescendo com o Ceará
Fazendo o Ceará crescer*

Banco de Crédito Comercial S. A.

FUNDADO EM 24 DE FEVEREIRO DE 1926

MATRIZ

F O R T A L E Z A
RUA FLORIANO PEIXOTO, 440

AGÊNCIAS

Brejo Santo - Crateús - Crato - Iguatu
Juazeiro do Norte - Senador Pompeu - Sobral

39 anos de bons serviços prestados ao Ceará

CORRESPONDENTES NAS CAPITAIS E PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS

Itaytera

N Ú M E R O 9

ANOS 1963-1964

DIRETORIA DO
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI
ELEITA PARA O ANO SOCIAL, ENTRE
OUTUBRO DE 1964 A IDENTICO MÊS,
EM 1965

PRESIDENTE

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

VICE-PRESIDENTE

Pe. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

SECRETÁRIO GERAL

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

SECRETÁRIO

Dr. VICENTE DA FROTA CAVALCANTE

TESOUREIRO

ANTONIO CORREIA COELHO

Comissão de "ITAYTERA"

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Pe. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Comissão de Ciências, Letras e Arte

Prof. JOSE' NEWTON ALVES DE SOUSA

CELSO GOMES DE MATOS

DUARTE JUNIOR

Comissão de Sindicância

JOSE' DE SOUSA CARVALHO

JOSE' DE PAULA BANTIM

HUBERTO CABRAL

Í N D I C E

PÁG.

APRESENTANDO	3
A HEROINA CRATENSE BARBARA DE ALENCAR	7
ANTIGUIDADES DO TRACOMA NO NORDESTE	15
FALSOS E AUTÊNTICOS SUPER-HÔMENS	23
A GRANDEZA DE NOSSA PEQUENEZ	27
CHAPADA DO ARARIPE	31
BUMBA-MEU-BOI EM S. LUIZ DO MARANHÃO	35
CENTENÁRIO DO CEL. ANTONIO LUIZ	43
PEDIDOS DE FESTAS	47
APRESENTAND O CARIRI, NA CASA DO CEARÁ, NO RIO	55
INGEM DE FERRO.	59
MUNICIPALISMO	60
OS ALENCARES	62
BRASIL DO CHAPÉU DE COURO	82
PETROLINA	85
UM TOURO DE PONTA BAIXA.	87
MAJOR OTAVIANO CICERO A. ARARIPE	91
REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DE ALAGOAS	95
O NEGRO E O GARIMPO EM MINAS GERAIS	97
O JUMENTO, NOSSO IRMÃO	98
MESTRE JOSE' FERNANDES	99
MUNICÍPIO DO CRATO COMEMORA BI-CENTENÁRIO	102
CARTA DO DR. VALDETÁRIO P. MOTA	105
COISAS QUE SE FORAM	109
SACERDOTIZA	109
O PROF. FILGUEIRA LIMA E ITAYTERA	110
ALMIRANTE ALEXANDRINO DE ALENCAR	131
VELHO SOLAR	133
ALGUNS POEMAS DE JURANDY	134
ABOIO: GEMIDO E CANÇÃO	136
UMA ITAJUBENSE NO CRATO	141
O MESTRE	143
CRÔNICA	145
POEMAS DE JOÃO ALVES ROCHA	148

Apresentando

J. de Figueirêdo Filho

Dado o atraso na entrega do número anterior, correspondente ao ano de 1962, a presente edição corresponde a 1963 e 1964. Novamente, a direção de "ITAYTERA" foi obrigada a recorrer a boa vontade de anunciantes para a tiragem de seu 9.º número.

Como demonstração das inúmeras atividades do Instituto Cultural do Cariri, no último ano social, transcrevemos o relatório que seu presidente dirigiu ao Exmo. Snr. Ministro da Educação e Cultura.

"Durante o ano de 1964, prosseguiram, sem solução de continuidade, as múltiplas atividades do Instituto Cultural do Cariri, cada vez mais contribuindo para a melhoria do nível intelectual da região.

Lançou o oitavo número da revista "ITAYTERA", seu órgão oficial, com 210 páginas, editada pela Imprensa Universitária do Ceará que cobrou um preço mais acessível do que as outras empresas gráficas de caráter comercial.

Melhorou sensivelmente o acervo do Museu de Crato, sob sua direção, agora funcionando, provisoriamente na Biblioteca Pública Municipal. Mandou construir novas vitrinas e estantes, não só para o citado Museu, como para a sua biblioteca, instalada na sede social, à rua Lima Verde, 2, sala alugada, em pleno centro citadino.

Sobre alguns objetos existentes no Museu de Crato, seu presidente, o signatário do presente relatório, escreveu documentado trabalho, com fotografias no BOLETIM GEOGRÁFICO, N.º 75, de Julho e Agosto de 1963, editado

pelo CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA, do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

Convém frizar que a revista ITAYTERA, foi fortemente distribuída nos meios intelectuais do Brasil, do exterior e a BIBLIOTECA DO CONGRESSO, dos Estados Unidos da América, por mais de uma vez, a tem solicitado em correspondência que muito desvanece a direção da citada publicação.

Foi assídua e eficiente a cooperação cultural entre o Instituto Cultural do Cariri e a Faculdade de Filosofia do Crato, quer dando inteiro apoio a conferencistas e professores que veem de fora, quer no tocante à edição de livros de autores regionais. Dessa união de vistas, nasceu a série — HISTÓRIA DO CARIRI, com dois volumes editados e de autoria do presidente do Instituto Cultural do Cariri, que também é professor daquela escola de ensino superior.

Às expensas próprias, viajou o atual dirigente do I. C. C., em dias do ano de 1964, pelo sul do país, pronunciando no dia 8 de Agosto, na CASA DO CEARÁ, no Rio, conferência em torno do folclore caririense, com gravações, sob o patrocínio do Instituto Cultural do Cariri, da mesma Casa do Ceará e do Clube dos Amigos do Folclore, da Guanabara. Também concedeu êle entrevista, no dia 2 de setembro, ao escritor e folclorista Alceu Maynard de Araújo na Tv. CULTURA, de S. Paulo, na qual o mesmo intelectual paulista

exibiu peças do Museu de Crato e o oitavo número da revista "IETETERA", classificando-a entre as melhores, no gênero, de todo o país.

Deu o Instituto Cultural do Cariri, o maior apoio possível às festividades do Bi-Centenário do Município de Crato, a 21 de Junho do ano passado, ás quais contaram com a honrosa presença do Exmo. Snr. Presidente da República Marechal Humberto Castelo Branco. Coube à nossa entidade elaborar programas e escalar oradores para aquelas solenidades que tiveram a maior divulgação em todo o Brasil.

Todos os diversos setores do Instituto Cultural do Cariri funcionam normalmente, de acôrdo com os Estatutos, incluindo o arquivo, com vários documentos de valor histórico. Sua sede, em buscas de informações da região, é continuamente visitada por pesquisadores de fora, especialmente estrangeiros. A correspondência quotidiana, que mantém com escritores e instituições culturais doutros pontos do país e do exterior, é digna de menção especial.

Foram, portanto, variadas e grandes as atividades do Instituto Cultural do Cariri, no ano social que se findou.

Por tudo isso, espera que prossigam os auxílios desse Ministério à nossa entidade de cultura, que conta com marcantes e decisivos serviços prestados ao meio intelectual de todo o Cariri e adjacências, em mais de onze anos de atividades ininterruptas.

Cordialmente

José Aloes de Figueiredo Filho
Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Crato cresce com  a Santa Marta !

imobiliária
SANTA MARTA

EDIFÍCIO "SERRA AZUL", CLUBE RECREATIVO GRANGEIRO, SÃO DOIS
GRANDES EMPREENDIMENTOS DA IMOBILIÁRIA SANTA MARTA.

Rua José de Alencar, 60 — CRATO - Ceará

EXPORTADORA CRATENSE
BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

Valoriza o Produto do Homem do Campo

Agora em novas instalações

Av. Padre Cícero

NA VIA INDUSTRIAL DO NOVO CRATO !

"COLUSA" - Correia Luna S. A.

Beneficiamento de Amendoas de
Babaçu, Macaúba e Amendoim

TORTA especial para engorda e
recria de suínos, bovinos e aves.

USINA NO DISTRITO MURITI

ESCRITÓRIO :
RUA NELSON ALENCAR, 54
CRATO - Ceará

BANCO DO CARIRI S/A

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS N. 2
Telegrama: BANCARI
CRATO - CEARÁ

Capital e Reservas . . . Cr\$ 28.000.000

Depósitos Cr\$ 160.000.000

OPERA EM TODA A REGIÃO DO CARIRI E ADJACENCIAS E PRESTA Á AGRICULTURA,
PECUÁRIA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO RELEVANTES BENEFÍCIOS.

Prefira, para seus negócios, o

BANCO DO CARIRI S/A.

A Heroina Cratense Bárbara de Alencar

Pe. Antônio Gomes de Araújo

ÚNICA MULHER RECOLHIDA AOS ERGÁSTULOS
DA CIDADE DO SALVADOR EM VIRTUDE DA RE-
VOLUÇÃO DE 1817, E RÉ SINGULAR DESTA REBE-
LIÃO INDEPENDENTISTA E REPUBLICANA, FATO
QUE ESPANTOU OS BAHIANOS PELO INÉDITISMO
NO BRASIL, DE RELACIONAR-SE COM UMA RE-
PRESENTANTE DO SEXO FEMININO, SOBRETUDO
EM UM CRIME CONSIDERADO QUASE HERESIA
E PASSÍVEL DE PENA CAPITAL

Comprometido, em Recife onde residia e exercia as funções ministeriais, com a revolução pernambucana de 1817; aí, conservado, prêso, ao longo de quase dois anos; transferido, depois, para as cadeias da cidade do Salvador com quase todos aqueles que se encontravam igualmente prêsos na capital de Pernambuco por força da mesma revolução, o Padre Francisco Muniz Tavares, depois monsenhor, prestou depoimento para a história sôbre os acontecimentos em que foi partícipe. Fazendo-o, como testemunha, que tinha sido, sobretudo testemunha presencial dos fatos desenrolados em Recife — referiu-se incidente e particularmente à heroina cratense Bárbara de Alencar e à Ana de Almeida Castro, irmã do Padre Mestre Miguei Joaquim de Almeida Castro, um dos chefes e mártires principais da revolução. Referência, esta, feita ao tratar, em seu livro, documento clássico da revolução, da or-

dem do governo que determinava a transferência da devassa e dos prêsos, do Recife para a capital da Bahia, "sôltos aqueles contra os quais não houvesse testemunha jurada":

"Esta ordem foi executada sem réplica; foram poucos os sôltos, e entre êstes, UMA DONZELA, A SENHORA D. ANA DE ALMEIDA CASTRO, IRMÃ DO PADRE MESTRE MIGUEL JOAQUIM; donzela admirável, sofreu A INJUSTA PRISÃO com inabalável constância AS SUAS RARAS VIRTUDES TINHAM PROMOVIDO A SUSPEITA E A PERSEGUIÇÃO; os assassinos não puderam consumir O VILIPÊNDIO; não haviam perjurado. (Todos os grifos nesta citação têm a responsabilidade do transcritor). Outra senhora, mãe do Emissário do Ceará, José Martiniano de Alencar, foi menos feliz. Depois de cruéis padecimentos na cadeia daquela provincia, transportada à de Pernambuco, FOI AINDA CONSTRANGIDA A EMBARCAR PARA A BAHIA, ONDE FOI RECOLHIDA EM UMA DAS FORTALEZAS. As pessoas mais caras ao seu coração estavam com ela igualmente prêsas, e com o seu exemplo aprendiam HERÓICA resignação". IN — História da Revolução de Pernambuco em 1817", com anotações de Oliveira Lima, páginas CCLXVIII e CCLXIX, Recife, 1917, 3.^a ed.

Inspirados no depoimento de Muniz Tavares, informação indiscutível pela autenticidade e veracidade de que se reveste, havíamos escrito IN "1817 no Cariri", pg. 16, modesto opúsculo, de nossa autoria, constante dalgumas desprezenciosas observações, destinadas ao diálogo aclarador, a passagens, discutíveis, tomadas a êsmo, no curso da leitura de "A Revolução de 1817 no Ceará", compilação frouxa, mas valiosa no conjunto, do esforçado pesquisador de assuntos históricos e cronista dos resultados dêste esforço, o ilustre médico-general Carlos Studart Filho — havíamos escrito, repetimos:

"O ambiente de Salvador devia convergir suas simpatias especialmente para Dona Bárbara, um espan-to pelo inêditismo de seu caso: uma ré de crime político revolucionário".

Em réplica — infeliz, sobretudo quanto ao fim principal visado, o esmagamento do opositor — intitulada “O Padre Gomes de Araújo e a “Revolução de 1817 no Ceará” (que tem resposta elaborada esperando publicação), o mesmo médico-general, ilustre secretário do Instituto do Ceará, escreveu, à página 29 :

“NADA prova, igualmente, houvesse sido Dona Bárbara a ÚNICA mulher recolhida aos cárceres da Bahia EM VIRTUDE DA REVOLUÇÃO DE 1817. Se houvesse lido “O Brasil na História” (página 433), CERTO ficaria o Padre Gomes BEM INFORMADO DE QUE UMA DONZELA, IRMÃ DO PADRE MIGUEL JOAQUIM, foi presa E ENVIADA ÀS ENXOVIAS DA CIDADE DO SALVADOR. GRATUITA, NULA E, PORTANTO, INSUBSISTENTE A AFIRMATIVA CONSTANTE DA PÁGINA 16 DO FOLHETO QUE ÚTIMAMENTE PUBLICOU”.

Acontece que havíamos lido, além de “História da Revolução de Pernambuco em 1817”, “O Brasil na História”, inclusive a página 433. Entre a informação inaceitável e insubstancial de Manuel Bonfim — fraco no conhecimento da história REGIONAL destas partes do Brasil — e o testemunho de Muniz Tavares, a opção se nos afigurou indubitável, com a força de um axioma. E Manuel Bonfim não é historiador.

Se o ilustre chefe de relações públicas da Academia Cearense de Letras — onde representa o subproduto da arte literária na província — houvesse lido Muniz Tavares nas citadas páginas, historiador que se diz :

“EM VERDADE, não somos apenas cronistas, SOMOS SOBRETUDO, HISTÓRIADORES CLASSIFICADOS...; historiador, que se diz, rasgadamente festejado com “...RASGADOS ENCÓMIOS DOS ENTENDIDOS...” ...“O Padre Gomes de Araújo e ”A Revolução de 1817 no Ceará”, pg. 18);

se o ilustre acadêmico houvesse lido “História da Revolução de Pernambuco em 1817” nas páginas citadas, estaria BEM INFORMADO de que... (Ao leitor, a conclusão). “Gra-

tuita, nula, portanto, insubsistente”, a afirmativa constante da página 29 da réplica em aprêço.

Tem-se a impressão de que Manuel Bonfim não viria correspondendo com a exatidão precisa à singular confiança de que o saber onímodo e a excelsa munificência do ilustre sócio de institutos generosamente o fizeram depositário constituindo-se seus consulentes. Já o havíamos observado, por sinal numa citação do ilustre cronista enfocado, por êle colhida no mesmo “O Brasil na História”, na qual aparece BARATA por BÁRBARA, nome da heroína cratense. (“A Revolução de 1817 no Ceará”, pg. 47, em nota).

Se, no caso, além de Manuel Bonfim, que copiou de cópia de cópias sucessivas, o ilustre Carlos Studart Filho houvesse lido “Dicionário biográfico de pernambucanos célebres”, de F. A. Pereira da Costa, da página 430 a página 439, Tipografia Universal, Recife, Pernambuco, 1882, obra em que se encontra, copiado fielmente do original pelo autor, o texto integral da célebre carta testamento do doutor e sábio Manuel de Arruda Câmara, chefe espiritual indiscutível dos principais chefes da revolução de Pernambuco de 1817 — “es:aria bem informado de que” nesta cópia do mesmo Pereira da Costa, aliás a única autêntica que se conhece, o nome da heroína cratense está grafado corretamente na expressão — “BÁRBARA DO CRATO”.

Por outro lado, o ilustre secretário do Instituto do Ceará (lugar que continua vago depois do desaparecimento do Barão de Studart, considerando-se a dimensão incomum do historiador de talento antêntico, que êle encarnava) não reparou que o nome da citada Ana de Almeida Castro não figura na “Lista dos implicados na revolução de 1817, copiada do original no Arquivo Público da Bahia” por Mário Melo, então primeiro secretário do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, e constante do APÊNDICE das anotações de Oliveira Lima (página 330 e seguintes) à “História da Revolução de Pernambuco em 1817”, cit. Os prêsos que, de Recife foram remetidos para a Bahia acompanhando a devassa, imediatamente depois da ordem do governo central determinando a transferência, já levavam, contra êles, a acusação de testemu-

nhas juradas. Tinham contraído, antes da partida, a figura jurídica do réu. Por consequência, Ana de Almeida Castro deveria figurar naquela Lista, se verdadeira fôsse a informação de Manuel Bonfim, pois, conforme a ordem oficial, só poderiam ter sido remetidos para a Bahia aqueles prêsos contra os quais houvesse testemunha jurada, portanto, juridicamente réus.

Não se pode acreditar, de olhos fechados, em Manuel Bonfim...

Se não for vaidade intelectual, sua, levada ao excesso, sobretudo semostradeira, dir-se-á que o ilustre pesquisador e cronista, de que nos ocupamos teria transferido, contra a heroína cratense como tal, qualquer sentimento de vingança, tal o seu esforço aparente para diminuir os limites dimensionais da personalidade histórica da mãe do presidente do Ceará revolucionário de 1824 e do chefe da rebelião cratense de 1817, e ascendente do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Este esforço transparece em "A Revolução de 1817 no Ceará" e "O Padre Gomes de Araújo e A Revolução de 1817 no Ceará".

Na verdade, repetimos, a heroína cratense foi a única mulher recolhida aos ergástulos da cidade do Salvador por força da revolução de 1817 e a ré única desta rebelião independentista, republicana e democrática — portanto, um espanto, ela mesma, para a gente da cidade do Salvador, sobretudo porque se vivia no Brasil, uma época em que, se considerando a conjura ou a rebelião contra o rei quase heresia, então passível de pena capital, julgava-se quase impossível, se não impossível, semelhante crime por parte de representante do sexo feminino.

P. S. O ilustre autor da réplica, medíocre e ressentida, a "1817 no Cariri", insistiu em apresentar-nos — antecipando-se em atribuir-nos seu próprio defeito de nascença antes que lho fizéssemos — na condição de quem se houvesse promovido historiador, e se insinuado MAGISTER DIXIT. Além de agredir a verdade, o ilustre médico-general fêz irônia subcaricata, tanto é certo que pimenta-do-reino não é para caititu, pois,

sendo a ironia um dom da arte, não está ao alcance de qualquer pretendente.

O autor destas linhas não é, nunca se promoveu, se proclamou, se insinuou historiador, cômico de que é infinita a distância do ouro, que marca as encarnações, AUTÊNTICAS, da ciência de Clio, ao cobre que assinala aqueles que se movem na vala comum dos servidores desta ciência. (Claro, que excluimos, por motivos óbvios, dos marcados do cobre, os camelôs e os chariatães da ciência histórica). Os marcados com o carisma do cobre não são historiadores, senão em sentido lato, ou seja, por denominação convencional. No Ceará, por exemplo, a única encarnação, AUTÊNTICA, da ciência de Clio, desapareceu com a morte do Barão de Studart, vácuo que provavelmente se prolongará tempos a fora, pois o historiador de talento, AUTÊNTICO, é ave rara. Como o poeta, o historiador nasce feito. O mais vem por acréscimo. Quem é bom já nasce feito, diz a sabedoria popular.

Na verdade, não fomos nós quem, não o sendo, se promoveu, se proclamou historiador (além de arvorar-se MAGISTER DIXIT) reforçando, a promoção, a proclamação, a auto-oraculidade, de "rasgados encômios" (convencionais, já se vê), recebidos de terceiros, (de "panela", ou, não). É irrisório até, alguém dizer-se historiador só porque estude fato simplesmente por causas e consequências. Os compendistas e alunos universitários também o fazem...

É verdade que já possuímos o título de historiador... "Ilustre historiador do Cariri", qualificou-nos assim o ilustre cronista médico-general em autógrafo no folheto, de sua autoria, e que nos ofereceu, 15.11.1952, com a sugestão oral duma impressão escrita. Não demos crédito, entretanto, ao título, ensinados, que somos, pela advertência de nossos avós, que nos repetiam o refrão popular: "De esmola grande Santo Antônio desconfia, sobretudo de quem não tem pra dar".

Tinham razão nossos avós: através das páginas de sua réplica, o ilustre médico-general cronista cassou-nos o título, concedido dez anos antes, reduzindo-nos a um zero à esquerda de conhecimentos de história...

Ele contra ele.

Nós, onde, sempre estivemos

A PERNAMBUCANA

Fundada em Crato em 20/9/1913

RUA DR. JOÃO PESSÔA, 73

F. C. PIERRE

ELETRO DOMÉSTICO

Artigos Finos para Presentes

Rua Santos Dumont, 52

CRATO - CEARÁ

CITIBRÁS

COMPANHIA MAURITIENSE DE FIBRAS NATIVAS E ÓLEOS VEGETAIS

Beneficiamento de Algodão

EXTRAÇÃO DE ÓLEO

REFINARIA

SABOARIA

Os Produtos da Terra Valem mais na CITIBRÁS

MAURITI

—

CEARÁ

Antiguidade do Tracoma no Nordeste

HERMÍNIO CONDE

"Impressiona altamente, no nordeste do Brasil, o número de pessoas atacadas por enfermidades de olhos; as conjuntivites e oftalmias contagiosas são extremamente frequentes. O tracoma entra em certa escala entre as conjuntivites reinantes". Arthur Neiva e Belisário Penna — "Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás" — Mem. Inst. Osy. Cruz, 1916 — Tomo VIII, fasc. III, pág. 182.

"Apesar de grande empenho não me foi possível conseguir informações sobre o modo por que foi levado o tracoma ao sertão do Ceará. O certo, porém, é que desde a primeira metade do século produz grande quantidade de vítimas e pude observar que em zona não só limitada a todo o Cariri, mas a partes contíguas de alguns Estados vizinhos". — Moura Brasil — "Jubileu profissional", pág. 47.

"A invasão do tracoma no norte do país data da época colonial", — Cesário de Andrade — "Considerações sobre o tracoma e sua profilaxia no Brasil, principalmente no Nordeste". — "Anais de Oculística", julho — 1930, pág. 275.

Depois de haver exercido a Oculística no Nordeste, durante vários anos, nos Estados do Piauí e do Ceará posso divulgar o resumo das minhas observações, em particular sobre o tracoma, hoje disseminado em todo o território nacional. Propositadamente escolhi essas duas unidades do Nordeste de meu país, na convicção de que encontraria a minha atividade científica abundante e variado campo, propício a experimentação oftalmológica. A orientação estatística do censo nacional da cegueira fazia prefigurar um meio social análogo ao pesquisado por Elliot na Índia, revelando que na distribuição proporcional dos cegos nos vários Estados do Brasil "a cegueira é mais notável no Norte que no Sul do País. As mais elevadas taxas proporcionais se verificam na zona setentrional".

Concluindo o internato na Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina do Rio, e depois do estágio voluntário de mais alguns meses no serviço dirigido pelo sábio mestre Abreu Fialho iniciei o exercício da especialidade no norte do Brasil, em janeiro de 1929, em Teresina, capital do Piauí. Este, é um Estado que na sua reduzida classe médica, não contava então um só oftalmologista. Foi percorrendo-o que Arthur Neiva e Belisário Penna proclamaram, na obra citada: "Ainda guardamos vivos as impressões bem tristes da profunda miséria e do abandono em que jazem milhares de seres humanos. De real utilidade seria a existência de um serviço médico itinerante, o qual acompanhado da farmácia e corpo médico, possuindo um oftalmologista, percorria diferentes zonas, atendendo um sem número de enfermos". ("Viagem Científica" — pag. 182).

O Maranhão, o Ceará e o Piauí, respectivamente o 1.º, 2.º e 3.º colocados na estatística nacional da cegueira, sem hospitais oftalmológicos, dispõem de melhoramento de água canalizada apenas nos cidades capitais, S. Luiz, Fortaleza e Teresina; Excluída tênue faixa do litoral, o norte do Brasil lembra o quadro social indiano da "Ophtalmologie Tropicale", e reflete o atraso de alguns séculos sobre o resto do mundo civilizado, aceito o axioma de B. Maria de que "a civilização de um povo se afere pelo número de tracomatosis". (Rev. Int. du Trachome — 1925). Parodiando o acerto de Elliot relativo à Índia, pode-se afirmar que nenhum brasileiro do interior do Norte atinge a idade adulta sem ter sofrido dos olhos em um momento dado da sua existência, e que apenas os médicos que lá exercem a oculística podem imaginar o número considerável de casos de cegueira que podiam ser evitados.

O Brasil setentrional apresenta os característicos oftalmológicos das regiões tropicais. Além de 50 % dos seus habitantes são portadores de pterígio — "frequente nos climas quentes, e a que à influência da luz solar, no seu desenvolvimento, juntam-se as cousas irritantes externas, o vento, a poeira e o desasseio". (Encicl. Franc. Oft. — Vol. IX).

Reportemo-nos à estatística nacional da cegueira (1964):

N.º de Ordem	E S T A D O S	N.º de Cegos em 100 mil habitantes
1	Sergipe	744
2	Pará	726
3	Maranhão	654
4	Bahia	630
5	R. G. do Norte	630
6	Paraíba	624
7	Ceará	606
8	Piauí	597
9	Pernambuco	555
10	Goiás	537
11	Acre	519
12	Alagoas	513
13	Amazonas	474
14	Brasília	447
15	Guanabara	417
16	Mato Grosso	372
17	Minas Gerais	357
18	Rio de Janeiro	351
19	Santa Catarina	351
20	Paraná	345
21	São Paulo	309
22	Espírito Santo	270
23	R. G. do Sul	228

Os nove primeiros classificados neste censo fazem-se representar por milhares de cegos, indivíduos quase inutilizados para a existência normal. Isto significa para as sociedades empobrecidas desses estados, um prejuízo econômico inestimável, sabido que a vida humana tem valor monetário e que constituindo a morte de um produtor um déficit social grave, representa a sua cegueira um prejuízo econômico duplo pela permanência do consumidor paralela à perda do produtor. Estas, as razões de ordem econômica para o início de uma cruzada higiênica no Norte em favor da prevenção da cegueira; sem falar nas razões do coração, que a política parece desconhecer. "La ceguera, como causa de invalidez relativa — ensina Barrière — implica también una sustracción al capital de las energías colectivas, con el agravante de que la sociedad que sufre esta pérdida, contrae al mismo tiempo una nueva obligación que es la de proveer al sostenimiento de los ciegos".

Tendo procedido em São Luiz do Maranhão, e nas cidades piauienses de Teresina, Parnaíba e em várias outras cearenses e nordestinas em geral, à inspeção médica escolar de milhares de alunos verifiquei que acima de 30 % padecem de enfermidades de olhos, dos quais, em média geral, 19% de tracoma.

Em Terezina, por exemplo, a inspeção iniciada em fevereiro de 1929, apresentou os seguintes resultados insertos no órgão oficial do Estado, edição de 4 de maio :

N. de alunos examinados	1.244
N. de tracomatosos	368
Conjuntivite folicular e outras afecções oculares .	135

Em consequência de semelhante situação o Governo Federal fêz fundar na capital piauiense, em agosto desse mesmo ano, dois postos anti-tracomatosos que receberam a denominação de "Abreu Fialho" e "Moura Brasil", aquêlê especialmente destinado aos alunos das escolas públicas. Encontrava-me em S. Luiz, prossequindo à inspeção dos escolares maranhenses quando, no mês de outubro de 1929, recebi do diretor desses postos, antigo chefe do serviço de tracoma no Crato, Ceará, Dr. Epifânio de Carvalho, a confirmação intotum dos casos anteriormente examinados. E algum tempo após, a estatística do primeira ano de atividade.

Quadro demonstrativo dos serviços realizados no Posto "Moura Brasil" :

P R I M E I R O S E X A M E S

P O S I T I V O S

H o m e n s	57
M u l h e r e s	43
C r i a n ç a s	407
T O T A L	507

Negativos	3.109
Total de pessoas examinadas pela primeira vez..	3.616
Doentes matriculados	507
Consultas para outras afecções oculares	1.392
Curativos de tracoma	13.481
Intervenções cirúrgicas	40
Total de doentes atendidos	15.420
Tracomatosos que tiveram alta, curados	196
Número de dias de serviço	162
Média de doentes atendidos por dia	95

O movimento no Pôsto "Abreu Fialho" anexo ao grupo escolar "José Lopes" destinado aos alunos tracomatosos, foi o seguinte, no 1.º semestre de 1930:

Curativos de tracoma	7.697
Total de doentes atendidos	7.697
Tracomatosos que tiveram alta, curados	105
Número de dias de serviço	73
Média de doentes atendidos por dia	105

Em Parnaíba — escauduro da produção econômica do Piauí, ligada por vivo intercâmbio comercial ao Ceará — também assentou base o tracoma. Tive ocasião de anotar a existência de numerosos casos entre escolares, e de realizar em 25 de setembro deste ano, assistido pelas autoridades e do corpo médico da cidade, (aliás já familiarizado com o tracoma) uma palestra sobre o "Necessidade de inspeção médica ocular nas escolas".

No Maranhão, terminados os trabalhos da inspeção ocular determinou o governo estadual, em março de 1930 a criação do serviço permanente de inspeção, confiando-o a profissional habilitado, o Dr. José Murta.

O alto grau de endemicidade a que atingiu o tracoma no norte do Brasil, fazendo prefigurar para breve a época em que essa região esteja convertida em autêntico Egito de granuloso, criou uma situação de indizível gravidade aliás de há tempos antevista mesmo por leigos no assunto. Situação que não deve, nem pode mais, ser escondida pelo falso patriotismo quando se acha fartamente divulgada no mundo científico internacional, através da "Revue du Trachome", das exaustivas monografias de Morax, Cuenod, Amat, Papparcune, e das Enciclopédias de Oftalmologia.

O ex-chefe do Serviço de Saneamento do Ceará, Dr. Gavião Gonzaga, confirma a extensão incrível da endemia tracomatosa no Norte: "De todos os Estados do Brasil, o do Ceará é o mais favorável ao desenvolvimento desta moléstia, por seu baixo grau de umidade, seu excesso de luz, seu terreno arenoso e o seu calor excessivo. A percentagem de tracomatosos é avultada entre as crianças escolares, tendo atingido em algumas cidades como Crato, Barbalha e Joazeiro ao espantoso índice de 86,4 %, 87,2 % e 84,3 %, respectivamente". ("Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro" — 1924 — pag. 219. Comunicação lida em sessão de 27 de maio de 1924).

Os oftalmologistas cearenses tratam casos de tracoma, na sua clínica

particular, há meio século, O Dr. Meton Alencar apresentou na memória "O Tracoma no Ceará", enviada ao 6.º Congresso da Medicina, de S. Paulo, em 1907, uma estatística de 1.226 casos verificados na sua clínica em Fortaleza. E acrescenta que no registro clínico de seu pai, também médico, que clinicara na mesma cidade "desde 1872 até 1893, encontram-se numerosos casos de conjuntivite granulosa, com complicações que indicavam um estado antigo do mal".

Seria, pois, interessante pesquisar a data e a maneira como se procedeu a invasão do tracoma no Ceará, estudando em seguida a disseminação do mal para os Estados vizinhos, fato aliás documentado no depoimento insuspeito das próprias autoridades sanitárias cearenses.

É um ponto obscuro na história da nosologia brasileira a época em que se constituiu o foco tracomatoso do Norte, independente, e, cronologicamente, anterior ao de S. Paulo.

Em 1889, Correia Bittencourt, antigo chefe de clínica de De Wecker, surpreende o foco nortista adulto enquanto se esboçavam, ainda, nas levas emigratórias européias os primeiros perigos da formação vindoura do quase invencível foco paulista e paranaense da atualidade. E divulga a estatística de centenas de casos que atendera em Fortaleza e S. Luiz do Maranhão, (Dr. J. Correia Bittencourt — "Dos estados patológicos do organismo e suas manifestações oculares" — S. Luiz — 1889).

Nesse livro o oculista patricio, membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia, e que percorreu todo o Brasil em excursões científicas, depõe em relação ao tracoma, à pág. 328 — "No Brasil são as províncias do Norte, principalmente o Ceará e o Maranhão, onde o encontramos em larga escala".

Moura Brasil e Meton Alencar, ambos cearenses, confessam não poder atinar com a data e o "modo por que foi levado o tracoma ao sertão do Ceará". "Na impossibilidade de precisarmos a data da invasão do tracoma no Ceará podemos todavia garantir, com fundamento, que há já para mais de 60 anos que iniciou a obra de devastação no meio cearense". ("O Tracoma no Ceará" — 1907). O reputado Prof. Cesario de Andrade, catedrático de clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina da Bahia, e, também filho do Ceará, em autorizado estudo inserto nas páginas de Anais de Oculística do Rio de Janeiro, de julho de 1930, opina que a invasão se haja procedido na época colonial, há três séculos, "com as primeiras tentativas de colonização, quando os portugueses, espanhóis e holandeses, naqueles rememorados tempos já corroidos pelo terrível morbo, se disputavam na conquista da risonha terra de Santa Cruz".

Peço licença, contudo, para situar mais tarde, no século XVIII, a época da invasão tracomatosa no norte do Brasil.

Antonio Bezerra na sua obra "O Ceará e os Cearenses", e outros escritores regionais, dizem da tradição de levas de ciganos vindos para o Ceará na era colonial, e supõem herdado dos ciganos certos característicos psicológicos do homem cearense atual.

Melo Moraes, médico de uma colônia de ciganos dos arredores do Rio de Janeiro, e autor dos "Ciganos no Brasil", insere, nesse livro, crenças e superstições precisamente idênticas às dos sertanejos do norte do Brasil. Por

sua vez, o Dr. Ribeiro da Silva, em comunicação à Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia, em 1914, apresentou a estatística dos casos de tracoma identificados entre ciganos.

O problema resume-se pois, a meu ver, em demonstrar o expatriamento dos ciganos para o Brasil e a respectiva data.

Devo à inestimável boa vontade dos eminentes historiadores brasileiros Rodolfo Garcia e Max Fleuss o ter logrado chegar a bom êxito, recentemente, na pesquisa paciente feita na preciosa legislação portuguesa manuscrita, pertencente ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Orientado pelos eruditos sabedores da nossa História, consegui manusear antigas ordens régias relativas à expulsão dos ciganos de Portugal, a primeira das quais datada de 15 de abril de 1718. Assim reza o valioso documento:

" Havendo S. Magestade que Deus guarde resolutu que os Ciganos e Ciganas fossem exterminados do Reino pelos furtos e mais delitos que cometiam ordenou que fossem embarcados para as conquistas da India, Angola, Santo Tomé, Ilha do Principe, Cabo Verde, Ceará, Maranhão e dos que vão embarcados; na frota destinados para essa Capitania remeto a V. S. as relações; e é S. Magestade servido que daí sejam mandados para Benguela e Angola nos navios que houver para aquela conquista, pondo V. S. todo o cuidado nesta execução para que nenhum fique nessa Capitania; recomendando aos Governadores das referidas partes a que não de ser remetidos os não deixem voltar para o Reino. Lxa (Lisboa) a quinze de abril de 1718 (mil setecentos e dezoito). E que também lhes impidam com graves penas e castigos o uso da sua lingua ou geringonça. D. (Diogo) de M. Côrte Real. Sr. Antonio de Brito Menezes. 2.ª via. Fica registrada à folha 31 verso do livro 19 que serve de registro da provedoria da Fazenda Real. Rio de Janeiro, 14 de Janeiro de 1719. Francisco Moreira da Costa". (Nota: ortografia atualizada).

Foi a semente que, em meio propício, fez germinar a pandemia hodierna. Levas sucessivas nos foram nos anos subsequentes, até 1750. E que se aclimaram bem no Ceará faz prever a carta régia de 23 de agosto de 1724, determinando a transferência para aí dos ciganos de Pernambuco. Compreende-se que em 1736, dezoito anos após à primeira leva, o cirurgião luso Marcos Venâncio pudesse identificar casos de tracoma no nordeste do Brasil. De tal modo disseminaram-se os ciganos no território cearense que, em circular de 16 de setembro de 1816, o governador Manoel Inácio de Sampaio estabelecia aos juizes dos municípios de Soure, Crato, Jardim, Icó, Baturité, Aracati, São Bernardo, Quixeramobim, Mestejana, São João do Principe, Aquiraz, e Arronches O MODO POR QUE SE HAVIAM DE HAVER COM OS CIGANOS.

Crato, centro tradicional do tracoma no Nordeste e coração econômico do vale do Cariri, caracterizava-se em 1808, segundo Southey, por "UMA ENDEMIÇA DOENÇA DOS OLHOS" (Southey — HISTORY OF BRAZIL, vol. VI)

Spix e Martius, cujo roteiro no norte do Brasil foi, em parte, seguido por Neiva e Penna, depõem que "corriam a consultar-nos numerosos doentes, logo que era conhecida a nossa profissão. Frequentes eram as oftalmias e belidas". (Spix e Martius — VIAGEM AO BRASIL — 1823, Munich).

Gardner, que percorreu o interior do Ceará e do Piauí em 1838, revela que "o ar era tão aquecido que ninguém saía de casa senão por grave neces-

sidade. Ocorriam muitos casos de oftalmia; por negligência, ou tratamento errôneo, esta moléstia cegava muita gente". (George Gardner — "Travels in Brazil" — 1838 — 1839).

"Em 1844 — revela o Barão de Studart — o presidente da Província Silva Bittencourt incitava os competentes ao estudo da endemia de oftalmia de Fortaleza, e o relatório do Dr. Alves Ribeiro, em 1855, denuncia o número considerável de oftálmicos". (Barão de Studart — *Endemias e epidemias do Ceará*", pag. 63. — 4.º Congresso Médico Latino Americano).

Regressando em 1876 da clínica de Wecker o famoso oculista cearense Dr. Moura Brasil, iniciou a clínica especializada em sua terra natal, durante dois anos, e foi sem número a legião de granulosos que teve de positivar e acudir.

Mais tarde, "o descobrimento das propriedades medicamentosas do açúca de Caldas, no Sul do Ceará — diz o eminente médico e historiador cearense Barão de Studart — atribuído ao venerável sacerdote Pedro Ibiapina, cognominado "Apóstolo do Cariri", fêz concorrer para essa fonte doentes até de Pernambuco e da Bahia. A conjuntivite catarral e a granulosa, e as afecções da pele, eram as enfermidades contra que mais se apregoavam as suas virtudes". (Dr. Barão de Studart — "Descrição do município de Barbalha" — Rev. Inst. Hist. Ceará — 1888).

Em 1880 o Barão de Urussuí, presidente da província do Piauí, vitiado pelo tracoma, escreve uma exposição a De Wecker, em Paris, sobre os processos locais de tratamento do mal. (Dr. Coelho Duarte — "Considerações sobre o tracoma", pag. 59).

No século passado David Ottoni procurando estudar o tracoma teve que transportar-se ao norte do Brasil, onde encontrou "avultadíssimo número de granulosos", chegando a supor que em alguns Estados a moléstia já existia primitivamente". "No vale do Cariri, ponto predominante do mal no Ceará, diz êle, recebia na média 50 doentes por dia, sendo de granulosos a quase totalidade dos casos".

Quando, pois, em 1916, David de Sanson, na ilha das Flores encontra a "presença de granulações tracomatosas típicas, incipientes, tornando a examina: numerosas famílias cearenses ao regressar de S. Paulo, de onde, desiludidos, preferiram o regresso ao sertão natal, onde as chuvas já começavam a se anunciar", e reconhece que "êstes tracomatosos recentemente infeccionados nenhuma relação tinham com os notificados muitos meses atrás", — apenas anota um contingente de reforço ao tracoma bi-secular do Norte. (R. David de Sanson — "Contribuição à profilaxia do tracoma". — Rio — 1918). Os trabalhadores cearenses que regressam tracomatosos de S. Paulo para o Ceará vão, tão somente, engrossar a caudal granulosa da Terra do Sol...

Êste foto documenta-o Edilberto de Campos, que conclui:

"Os próprios imigrantes que ofluem às colheitas do café, estacionando em promiscuidade com os imigrantes europeus encarregam-se da disseminação do endemo-epidemia paulista quando regressam aos Estados". (Edilberto de Campos — "Consultas Oftalmológicas", pag. 32).

Os fatores que, cronologicamente, possibilitaram a vigorosa sedimentação do mal no Ceará — cigonos, sírios, luminosidade excessiva, mosquitos, ter-

renos arenosos, ventos, secas, carencia alimentar — e também os que têm concorrido para a sua propagação aos Estados vizinhos — antigo comércio de gado, retorno dos trabalhadores infectados da região Centro-Sul reclamam estudo pormenorizado a fazer em outra oportunidade. Conclusões: a) a invasão do tracoma no Nordeste iniciou-se em 1818, com a primeira leva de ciganos expulsos de Portugal para o Maranhão e o Ceará; b) o sul do Ceará, notadamente o vale do Cariri, constitui foco de forte endemicidade, irradiando o tracoma para os Estados contíguos.

B I B L I O G R A F I A

CONDE, HERMINIO, Estudos de Oftalmologia Social: Viagem científica ao Oriente Médio, monografia, 1960 — 4 — CONDE, HERMINIO, Geografia do tracoma no Brasil, monografia, impressa com gravuras, tabelas e um mapa a côres, 62 págs. 1957 — 5 — CONDE, HERMINIO, Viagem científica ao vale do Cariri Cearense, monografia, 52 págs., 1958 — 6 — CONDE, HERMINIO, Plano Gradativo de Profilaxia do Tracoma do Cariri Cearense, 82 págs., monografia relatório apresentado ao XIV Congresso Brasileiro Higiene, 1959 — 7 — CONDE, HERMINIO, Ocular diseases transmittable to man by animals, relatório ao Congresso Médico do Irão, 1960 — 8 — CONDE, HERMINIO, Epidemiologia e Profilaxia do Tracoma, 39 págs., tema oficial do XI Congr. Bras. de Higiene, 1953 — 9 — CONDE, HERMINIO, Endemias oculares no Nordeste do Brasil, 76 págs., 1961, monografia — 10 — CONDE, HERMINIO, Exposição sobre a profilaxia do tracoma no Brasil perante a Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados, 1949 — 11 — CONDE, HERMINIO, Uso e abuso de antibióticos no tratamento do tracoma, Tribuna Médica, 23 fev. 1962.

ARTUR NEIVA e BELISARIO PENA — Viagem ao norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 1916. Tomo VIII.

MOURA BRASIL — Jubileu Profissional, 1923.

CESARIO DE ANDRADE — Considerações sobre o tracoma e sua profilaxia, principalmente no Nordeste.

R. H. ELLIOT — Ophtalmologie tropicale.

VASQUEZ BARRIERE — Prevención de la Ceguera.

GAVIÃO GONZAGA — O problema das endemias rurais no Ceará.

METON ALENCAR — O tracoma no Ceará.

ANTONIO BEZERRA — O Ceará e os Cearenses.

RIBEIRO DA SILVA — O tracoma entre os Ciganos.

MELO MORAES FILHO — Os ciganos no Brasil.

SOUTHEY — History of Brazil.

SPIX e MARTIUS — Viagem ao Brasil.

GEORGE GARDNER — Travels in Brazil.

BARÃO DE STUDART — Descrição do Município de Barbalha.

LOURENÇO FILHO — O Juazeiro do Padre Cicero.

EDILBERTO CAMPOS — Consultas Oftalmológicas.

ADOLPHO COELHO — Os ciganos de Portugal.

BARÃO DE STUDART — Climatologia, endemias e epidemias do Ceará.

Falsos e Autênticos Super-homens

OTACÍLIO ANSELMO

Em todos os tempos, o homem sempre viveu sob a influência do Fantástico e do Maravilhoso. Eis por que, como o pão-de-trigo, monstros e fantasmas acompanham-no desde as eras mais remotas, numa evidente demonstração de seus terrores, geralmente secretos, e de sua impotência diante dos mistérios que o rodeiam.

Claro que não se trata de um fenômeno somente observável na imaginação popular, como o lobisomem e a "caipora", o saci e a burra-de-padre, desde há muito desaguaram para o campo intelectual, para se tornar fonte de inspiração no mundo das artes e da literatura. Ainda nos fins do século XIX, para não ir mais longe, monstros e demônios foram forjados abundantemente por autores de renome internacional. E já na época do ouro, ou seja, no período 1930-40, ei-los em circulação, agora transformados em figuras de legenda e adaptados ao papel principal de um novo tipo de lendas.

Foi quando se abriu o ciclo das histórias em quadrinhos pernicioso setor da literatura novelesca destinado a tumultuar e corromper o ambiente infanto-juvenil, através das fantásticas proezas dos chamados super-homens. É o advento de Tarzan, Dick Tracy, Flash Gordon, Mandrake e tantos outros sucedâneos dos velhos mitos. Quase simultaneamente, os mag-natas da ex-Meca do cinema, graças à trucagem propiciada pela moderna técnica de sons e imagens, completaram a obra nociva dos gibis, promovendo a consagração definitiva desses personagens e, conseqüentemente, os lucros já consideráveis de suas empresas.

Enquanto isso, na cidade de Brejo Santo, até então a salvo da praga dos gibis e da invasão dos heróis forjados à base do "faz de conta", morria no anonimato um humilde camponês a quem caberia o título de super-homem, pois suas marcas, em qualquer ramo de suas atividades profissionais, nunca seriam atingidas pelo próprio John Weissmuller, o cam-

peão de natação que se tornaria o melhor intérprete de Tarzan nos filmes de longa metragem.

Mas êsse autêntico super-homem, conhecido pelo nome de José Pereira dos Paus Brancos, não revelava sua extraordinária potência muscular, uma vez que mediria cêrca de 1.68m e pesava apenas uns 70 quilos.

Apesar disso, sua produção de trabalho, quer como leñhador, enxadeiro ou no transporte a braço, equivalia rigorosamente à soma do serviço de três homens. Daí por que, na limpa de roçado, por exemplo, êle ganhava o triplo da diária de um trabalhador, que, na época, era pago a 400 réis (um cruzado), com direito à comida. Na sua faina predilêta, Zé Pereira manejava uma enxada de 3 libras, cujo cabo media 2,50m. E sua presença numa turma de trabalhadores era assinalada pelo tilintar duma campainha pendurada acima do encaixe do cabo da enxada, numa analogia à "burra-da-frente", o cargueiro favorito dos antigos almocreves nordestinos.

Por outro lado — e como não podia deixar de acontecer — Zé-Pereira era um autêntico émulo de Pantagruel. Certa vez, por exemplo, "dando" serviço ao agricultor João Joaquim Araújo, no lugar Capoeiro, resolveu substituir o almôço por milho assado. Terminada a refeição servida aos trabalhadores, João Emídio de Araújo, filho de João Joaquim, contou exatamente 50 "sabugos" em redor do braseiro.

Ncutra ocasião, ao passar numa fazenda onde se realizavam preparativos de uma festa de casamento, Zé-Pereira foi solicitado para reabastecer a casa de água potável. Não havia animais, isto porque, em sua totalidade, tinham sido utilizados pelos acompanhantes dos noivos a caminho da vila. Diante de tal emergência, Zé-Pereira lançou mão de duas pipas, ajustou-as nas extremidades de uma espécie de viga e num tempo relativamente curto, realizou o trabalho reservado apenas aos muares, transportando a pesada carga de uma distância de 12 quilômetros.

Em compensação, várias panelas voltaram ao fogão, pois Zé-Pereira consumira grande parte da comida destinada a dezenas de convidados.

Mas José Pereira dos Paus Brancos, que viveu seus últimos dias hemiplégico, não foi o único super-homem porven-

A ARTE E A PAZ

FRANCISCO GIVALDO PEIXOTO

Com a criação artística
o homem conteuda no espaço e no tempo
o infinito de si mesmo

O infinito do homem
tem comêço no homem
vive dentro do homem
e não cabe no homem
porque o homem perdeu a paz com a dor social

A paz do homem está na mensuração do próprio infinito
o infinito não tem fim
e o homem não tem paz

Mas o artista
indiferente à indiferença do tempo que corrompe
a humanidade do homem
mensurando o imensurável no homem
persegue na arte
a eternidade do homem

tura surgido em Brejo Santo. E aqui chegamos a mais apaixonante manifestação do sentimento humano, a qual, tal como a honestidade, está descambando para o campo do anedotário: valentia.

Foi justamente sob o signo de excepcional bravura que outro filho de Brejo Santo, vivendo na mesma época de Zé-Pereira, tornara-se, igualmente, perfeito super-homem.

Todavia, sua consagração como tal só se consolidaria com a morte.

Para um filho daquela cidade, seja qual for sua idade, nada mais seria necessário dizer para identificar êsse herói de verdade. Acontece, porém, que êle morreu quando o rádio apenas vinha surgindo à distância, cumprindo-nos, portanto, mencionar-lhe o nome. Chamava-se Francisco Pereira de Lucena, mas só era conhecido por Chico Chicote.

Praticamente só, Chico Chicote lutou durante cêrca de 14 horas contra uma força de 300 policiais, tendo reservado o último cartucho para o primeiro soldado que transporta o quarto de sua alcova.

Cia. Sul Cearense de Papéis

"SULCEPA"

**Uma Indústria Genuinamente Cariense
para O PROGRESSO DO CARIRI !**

Fabricação de Variados

Tipos de Papéis

FÁBRICA : Distrito do Muriti — Crato - Ceará

A GRANDEZA DE NOSSA PEQUENEZ

JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI

Deixei CRATO, na derradeira vez, em cinco de junho de mil novecentos e trinta e sete, na companhia feliz de meu irmão Siqueirinha (João Batista de Siqueira Cavalcanti), após sumária permanência, de regresso a S. Paulo, Capital, onde, concluídos meus estudos universitários, no esplendor dos vinte anos incompletos, já residia, e me encontrava identificado.

Possuía um vasto programa de realizações e iria executá-lo, ponto por ponto, na medida da humana possibilidade. Elaborei-o AUDAX IUVENTA. E agora, "post tantos tantos-que", se me fôra dado volver ao passado, como julgaria a vida ideal a de minha terra natal, pequenina, silenciosa, quieta, apagada, fora da vertigem do mundo moderno.

É certo que meu primo e incondicional amigo Zé de Figueirêdo, referindo-se ao surto de progresso em CRATO, já me advertiu de defrontar ali o inesperado.

Mas por intermédio de amigos figadais quais o indicado Zé, os Padres Salvatorianos, com Paulo de Sá Gurgél à frente, minha irmã Cilinha, o sobrinho Sampson e Natan, Mocinha Bezerra e Evangelina, soube das minúcias de meu torrão natal, que sorvi com o interêsse de uma criança assistindo desenho animado.

PLATÃO não aceitava pudesse ser o homem finito e perituro, projetar sua vida além da vida, refletindo o "divino filósofo", nessa facêta do poliédro de seu saber, a influência do materialismo da idade em que viveu.

Não atentou "deixar a vida do homem de constituir uma unidade abstrata e insulada para ser um monumento da eternidade, ligado aos monumentos que o precedem, e, creio, ainda aos que o sucedem".

O desejo de minha mãe, a querida inolvidável Badinha, levou-me a Crato em 1937, onde não a encontrei mais, pois sua morte antecedeu à minha chegada. E ela, exatamemente, é que novamente me arrastará a CRATO, quando irei buscar,

TRISTEZA...

DJANIRA FILGUEIRAS

Triste é a tristeza da vida !
Triste é o zunido do vento na floresta
A noite sem luz e sem estrelas,
O bramido das vagas na tempestade
e a canção dolente em madrugadas sentimentais

Triste, é o ódio, o desengano,
o coração que não perdoa,
a angustia de uma alma em desespero
e o lábio que não murmura uma prece.

Triste é a ambição, o tédio,
a ilusão que morre, a esperança que se extingue
a mão vazia, que não dá esmolas
e a espera que não chega.

Triste é o adeus do que se vai,
a despedida sem promessas
e a revolta dos que vivem sem pão,
sem teto e sem amor !

Triste é a tristeza da vida !

após concluído seu túmulo aqui, os restos mortais da melhor das mães. Tem ela, em S. Paulo, três filhos e número igual de nóras, nove nêtos e três bisnêtos, e assim, poderemos dar-lhe o testemunho de nosso carinho.

Irei rever a inolvidável terra natal, em busca de minha mãe, pela segunda vêz.

Da primeira não a trouxe, de volta. Ela não podia viajar comigo.

Desta, A PRIORI, sei que anúe.

Aqui estamos seus três filhos : eu, Teófilo e Geraldo.

E ela é a grandeza da nossa pequenez.

Paschoal de Castro Alves S. A.

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E AGRICULTURA

CASA FUNDADA EM 1921

Matriz FORTALEZA

Rua Barão do Rio Branco, 589

FILIAL DE CRATO

Rua Bárbara de Alencar, 158

Telegrama — CASTROALVES

ESTOQUE PERMANENTE DE:

Máquinas "INVICTA" para Serraria

Máquinas de costura "PRINCESA"

Máquinas para cortar forragens

Motores Diesel "DEUTZ" e "YANMAR"

Motores à gasolina "CLINTON" e "MONTGOMERY"

Motores elétricos "ARNO"

Bombas para água

Condicionador de ar "ADMIRAL"

Bicicletas Monark BR 65

Refrigerador "CONSUL" elétrico e a querosene

Cofres "CONFIANÇA"

Tórno Mecânico

Tintas "CORAL"

e vários outros artigos de primeira qualidade.

Venda à vista e a prazo, pelos melhores preços da praça

PASCHOAL DE CASTRO ALVES S. A.

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E AGRICULTURA

CRATO

—

CEARÁ

Comércio e Indústria da Mandioca S. A.

“CIMASA”

(EM FASE DE IMPLANTAÇÃO)

APROVEITAMENTO INTEGRAL DA MANDIOCA

PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

PRODUTOS INDUSTRIAIS

DIRETORIA:

Presidente	- ANTENOR FERREIRA LINS
Vice	- ANTÔNIO ALVES DE MORAIS JUNIOR
Gerente	- EDIZIO ABATH
Industrial	- LUIZ GONÇALVES PEREIRA
Administrativo	- ADERSON TAVARES BEZERRA

Séde: BAIRRO BATATEIRAS

Escritório Provisório: RUA JOSÉ DE ALENCAR, 89

CRATO

-

CEARÁ

CHAPADA DO ARARIPE

MARECHAL FERNANDO TÁVORA

Se hoje não é o maior (Furnas e Três Marias, em Minas Gerais) — foi a Chapada do Araripe o primeiro açu-de do Brasil, cujo descobrimento já o encontrou sangrando e que assim prossegue até hoje, chova ou faça sol...

E tem esta particularidade: sua parede ciclópica serve ao mesmo tempo de bacias hidrográfica e hidráulica, e ainda de sangradouro...; ficando estes (as fontes) em altura de irrigação por gravidade e até para aproveitamento hidro-elétrico, antes daquele uso agrícola (como ocorreu na cidade do Crato, antes de servida pela CHESF).

O planalto do Araripe constitui na orogênese brasileira um fenômeno singular senão mesmo único, — pelo tamanho e bizarria.

É fora de dúvida que os rios São Francisco e Parnaíba constituem com a chapada do Araripe — a santa trindade sob cuja égide a cultura e o esforço humanos — poderão transformar em ecumeno normal o Nordeste brasileiro (região semi-árida).

O corpo principal da chapada se interpõe entre os Estados do Ceará e Pernambuco, mas sua extremidade o-

cidental ainda penetra no Estado do Piauí, como divisa com Pernambuco.

Em suma — de suas faldas demandam as águas dos rios Jaguaribe (Ce), S. Francisco (Pe) e Parnaíba (Pi), — as três principais bacias hidrográficas que servem ao Nordeste do País.

Os elementos numéricos que passo-mos a comentar, retiramo-los da publicação — "Observações preliminares sobre a hidrologia da Chapada do Araripe, etc." — feita em 1961 pelo Banco do Nordeste.

Computando-se 180 km. para comprimento maior da chapada e 35, para sua largura média, tem-se para sua área 6.300 km².

Embora haja uma diferença de 98m entre a borda pernambucana (962) e Boixa Grande (1864) no Ceará — o que daria um pendente uniforme e aproximado de 3mm por metro linear para o nosso lado, — a superfície da chapada é praticamente de nível e absorve local e totalmente as precipitações pluviais, quaisquer que sejam.

Ora, estas, em registros de um quarto de século, dão para média anual 1000mm. Então — "o volume de água que absorvem as camadas superiores de arenito do Araripe, desprezando-se a parcela consumida pela evapotranspiração, condicionada e reduzida pela impermeabilidade e porosidade dos mesmos", — alcança a cifra fabulosa de 6.300.000.000m³ (seis bilhões e trezentos milhões de metros cúbicos) por inverno.

Este mundo d'água se armazena na-

quela montanha, que foi, repetição, o primeiro açude do Nordeste. Feito por Deus, como uma das maravilhas da criação—nunca encheu, mas, também, jamais deixou de sangrar, pela dezena de fontes que de Santana do Cariri a Jardim, — jorram acima de meio metro cúbico (570dm³) de água por segundo, nas faldas cearenses da serra...

Segundo Guimarães Duque, é de 5 mil quilômetros quadrados a área total do vale do Cariri ("brejos encharcados e encostas irrigáveis"); abrangendo se não todos, partes de cinco municípios (Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jardim e Missão Velha).

Os autóctones que os colonizadores acharam ocupando o portentoso vale —eram chamados de "Cariris".—isto porque tinham o privilégio de se abastecerem de águas cristalinas (fontes), o que não acontecia senão esporadicamente (inverno) para as demais tribos do sertão. Daí a valentia com que defenderam dos intrusos suas terras.

Vivemos vários anos (desterro) entre os Guaranis, do Paraguai, que a ciência e paciência jesuíticas incorporaram, como nação autônoma, na civilização do Novo Mundo. São os únicos ameríndios que falam e escrevem a sua língua aceita por seu Governo na escola e vida de relação, com o idioma oficial (o espanhol).

Segundo o étimo guarani—cari significa branco, claro, e y ou yg, quer dizer água. Daí a expressão portuguesa (por eustomia—coriri (água clara).

Aliás, nossos avós usaram para fazer a papa de seus bebês — a carimã, — massa branca obtida pela prensagem e secagem da mandioca puba. Eis a composição linguística: cari—branca e mã —comida. De fato, a papa de nossos avós era uma "comida branca".

Igualmente a palavra "Itaytera", pela qual o indígena designava a nascente que alimenta o riacho Batateiras, significa literalmente, na língua geral: ita—pedra; y ou yg—água; era—que foi, que vem. Então—Itaytera (forma eustômica)—é água que vem (ou foi) da pedra. Isto deviam dizer aos pioneiros os seus "línguas" (intérpretes), apontando-lhes as águas correntes e cristalinas do maior riacho que banha a cidade do Crato (Batateiras).

Está na hora duma observação pessoal do problema do Brasil semi-árido e do exame acertado de sua solução, quando nos visitam os ministros da Viação e Obras e do Interior, acompanhado pelo superintendente da Sudene, diretor geral do DNOCS e comandante do Grupamento de Engenharia Militar do Nordeste.

Cultura e caminho sempre nos parecem a maior carência brasileira. E o nosso Nordeste — abroquelado por dois rios caudalosos, tendo de permeio o colossal algibe da Chapada do Araripe, — demonstra que não é de água a nossa maior precisão, porque há mais de quatro e meio séculos a menoscamos nas margens dos rios ou a desperdiçamos nas fontes da montanha sagrada..

ALMINO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

FABRICA E VENDE:

ÓLEO CRATO,
SABÃO ARARIPE,
RESÍDUOS e
ALGODÃO

RUA ALMIRANTE ALEXANDRINO — CRATO - CEARÁ - BRASIL

Cooperativa Banco Caixaerial do Crato Limitada

(Registros Nos. 335 - (S. E. R.) - e 9 - (D.A.C.)

CAPITAL SUBSCRITO E REALIZADO CR \$ 20.522.930

FUNDO DE RESERVA. CR \$ 4.333.633

Rua Bárbara de Alencar esquina com João Pessoa — Crato - Ceará

LIVRARIA CATÓLICA

PREFERIDA PELA INTEGRIDADE NOS SEUS NEGÓCIOS

Artigos Religiosos
Livros
Molduras
Materiais Escolares

Rua Dr. João Pessoa, 114 — Crato - Ceará - Brasil

Ernani Silva & Cia.

Casa ERNANI SILVA

FIRMA FUNDADA EM 1937

MATRIZ: Rua Dr. João Pessoa, 116 / 118

TELEG.: ERSIL

CRATO - Ceará

FILIAIS: Rua Almirante Alexandrino, 207

Juazeiro do Norte

Rua Dr. João Pessoa, 101

Crato - Ceará

29 anos de existência.

29 anos contribuindo para o embelezamento dos lares do Cariri.

29 anos equipando com finos móveis e uma linha completa de aparelhos eletrodomésticos: Escritórios - Hoteis - Escolas e Cinemas de nossa Região.

CIMO

SECURIT

PROBEL

OLIVETTI

WALLIG

BUTANO

ARNO

WALITA

eis as principais fontes de abastecimento de nossa organização

Não façam suas compras antes de visitar-nos. Qualidade - Preços - Facilidade

O Bumbá meu boi em São Luiz do Maranhão

FRANCISCO VASCONCELLOS

O Bumbá meu Boi, dentre os nossos folguedos populares, é sem dúvida o mais brasileiro, o mais impregnado de motivos e argumentos nacionais, o que cobre a maior área do nosso vastíssimo e versátil território. Tem em São Luiz, um de seus mais importantes redutos.

É na capital maranhense, que vamos encontra-lo da forma mais variada, mais complexa e mais rica em detalhes artísticos e ornamentais.

Em recente palestra com o mestre Câmara Cascudo, este contou-me que um fotógrafo veterano e experimentado, que o acompanhava durante os desfiles de bois em São Luiz, deixou de bater várias chapas, enleado e boquiaberto diante de tanto brilho e magnificência das fantasias dos brincantes. E qualquer um nacional ou estrangeiro, também se estarreceria diante daqueles quadros vivos e requintados, mormente se refletisse sobre o contraste daquela grandeza com o meio ambiente, pobre e citizado.

Quem como eu perlustrou os bairros populares de São Luiz, o cata de brincantes de boi, para entrevistá-los, registrar e pesquisar tudo que lhes dissesse respeito, bem como ao seu folgueiro, pode perfeitamente sentir a importância e a magnitude do brinquedo naquelas plagas.

Quando chegava a um determinado local, a procura de um chefe de boi, tendo apenas vagas e imprecisas notícias a respeito da residência do mesmo, não encontrava a menor dificuldade em descobri-lo. Era sem dúvida a pessoa mais importante, do bairro. Bastava perguntar a um transeunte:

— Ó compadre, onde mora fulano? O homem parava pensando por instantes.

Eu arriscava então: Fulano, aquele que bota boi. Lá vinha a resposta pronta: Ah sim sinhô, e acrescentava logo a informação certíssima sem o menor engano.

Havia também casos, em que ao ser perguntado o caboclo logo aduzia:

— Quem, aquele que brinca boi? E rapidamente ensinava o caminho, ou mesmo levava-me ao reduto do rei pequeno, do homem que cataliza as atenções do bairro onde mora, quando sai com seu grupo na época junina. É aquela que proporciona espetáculos teatrais gratuitos e do mais alto gabarito, àquelas populações sequiosas de entretenimento e que não o encontram com facilidade pelo pequenez do meio em que vivem e mesmo pela dificuldade de recursos financeiros. Nem todos podem frequentar os poucos cinemas de São Luiz e mui-

tos nem um simples rádio podem adquirir para seu recreio espiritual. Note-se que na época destas pesquisas, o salário mínimo local era doze mil cruzeiros e o quilo de café custava seiscentos cruzeiros. Vi muitas vezes crianças taludadas, até rapazolas viajaram em transportes coletivos e no momento da cobrança não terem dinheiro para pagar. Este fato é tão corriqueiro que o trocador nem lhe dá importância.

O boi leva pois, a mensagem da alegria e do desfogo de espírito, através de seus aspectos variados, de seus quadros vivos e reais, de suas sátiras, de suas farsas e da versatilidade daqueles artistas anônimos de raros pendores e de indizíveis recursos.

Vê-se pois a importância do folguedo, na capital maranhense, sua penetração popular, o interesse que desperta, o respeito que infunde. Praticamente, todos os bairros de São Luiz, têm o seu boi, que via de regra tem o nome da localidade a que pertence. Em torno deles se congregam os habitantes dos mesmos, numa torcida luca, para que alcance o seu representante, o trofeu que a Prefeitura confere todos os anos ao melhor grupo de boieiros que desfiliam no João Paulo, (bairro popular de São Luiz), a 30 de junho.

Passo agora, aos aspectos gerais, aos caracteres comuns aos grupos que se espalham por São Luiz, bem como a explicação de certas palavras e expressões, peculiares ao folguedo. A posteriori, darei certos detalhes sobre alguns bois estudados, mostrando suas diferenças e contrastes bem como seus traços peculiares e típicos.

O primeiro problema, do pesquisador de boi no Maranhão, diz respeito ao sotaque. As cidades maranhenses, quer a capital como os Municípios do interior, tem via de regra, os seus grupos de boi, com certos característicos que os diferenciam uns dos outros.

O principal deles é o sotaque, que individualiza os bois de cada cidade ou zona.

O sotaque, é a batida, o batuque, o ritmo. O sabor portanto que imprimem os brincantes às suas toadas. Cada cidade ou região tem pois o seu ritmo sui generis no bater os tambores, pandeiros e maracás. Assim, Guimarães, Viana, Cururupú, Axixá, São Bento, Caxias, tem cada um sua marca registrada inconfundível, reconhecida prontamente pelos mais veteranos e especializados no assunto.

Até aí, creio tudo estar claro e as dificuldades de estudo e classificação não são relevantes. Basta percorrermos as várias regiões, pesquisar os caracteres especiais de cada uma, gravar as toadas, registrar as rimas e a pesquisa estará concluída.

Mas a complicação começa a surgir, quando elementos destas regiões emigram para a capital, e lá organizam seus grupos, compostos naturalmente de elementos do seu torrão natal e ali mantêm suas tradições, suas características próprias, seu sotaque enfim. E certamente aos poucos, vai o novel grupo sofrendo as inflexões e influências do meio e ao cabo de anos se compararmos as apresentações deste boi transplantado, com outro ainda fixado na zona de origem, verificaremos os contrastes entre eles.

O meio mais avançada, mais progressista, traz novas tendências, novos motivos, novos estímulos. Mas o sotaque, éste parece-me imorredouro. Para onde quer que emigre o grupo, acredito, que a última coisa que poderia perder seria aquele tempêro, aquela personalidade que o individualiza e distingue dentro dos amplos domínios maranhenses.

Não poderemos esquecer, antes de entrarmos diretamente na classificação do sotaque, que em São Luís não só existem pequenas divergências entre bois de sotaques diferentes, como também entre aquêles do mesmo batuque. Não é raro encontrarmos diferenças na quantidade de instrumentos ou na interpretação do auto, ou ainda na parte eminentemente religiosa, entre grupos de Guimarães ou da Ilha para citar um exemplo. Isto será sobejamente demonstrada quando estudarmos cada elemento separadamente.

Os principais sotaques que se fixaram em São Luís são o de Guimarães, Viana, Cururupú e o tradicional ou da ilha propriamente dito. A estes podemos acrescentar, os de Rosário e Axixá, cidades praticamente vizinhas da Capital. Não tem representantes em São Luís, mas a proximidade destes Municípios, traz todos os anos os seus grupos para o desfile do João Paulo.

O sotaque de Guimarães, tem como principais representantes na Ilha os seguintes bois: Fé em Deus, cujo chefe é o Laurentino Araújo, Campina do Matacuro de Leonardo Martins Vila Passos de Mizico, Monte Castelo de Lauro e Cavaco cujo chefe é o Dico.

O de Viana, faz-se representar por: Turma do Pindaré da Floresta dirigido por José Melônio e o da Caratáua de José Apolônio. Cururupu, apresenta um boi chefiado por Xanxo que está sediado no Cavaco. O tradicional ou da Ilha, tem em sua fileira os da Maioba, de João de Chiquinha, Madre de Deus de Marciano, Apicum, Mata, Tirirical, Maracanã, Turú e Guáiba.

Os bois em São Luís, classificam-se pois pelo sotaque, que lhes determina as cidades ou zonas de origem e tomam comumente os nomes dos bairros onde têm sede, onde mora o botador, onde existe a ramada, baracção típico coberto de palha de bobaçú onde se realizam os ensaios e mesmo onde se brinca na época própria do folguedo. Assim, Madre de Deus, Apicum, Maioba, Fé em Deus, Floresta e os demais supra citados são bairros dos mais populares repletos de casas mal alinhovadas, algumas de tijolos outras de pau a pique cobertas de bobaçú, porém todas elas abrigando um povo amável, simpático, sorridente, a despeito da pobreza em que vivem, pronto a qualquer esclarecimento ou informação.

Há bairros, como o Cavaco por exemplo, que abrigam mais de um boi até de sotaques diferentes. Vide Cururupú e Guimarães no subúrbio adrede citado.

Releva notar, outrossim, que as disputas entre os vários grupos são todas elas na base do batuque, isto é, um grupo de Guimarães mantém rivalidade com outro de Viana ou Ilha. Existem as toadas de pique que caracterizam bem estes desafios.

As ditas toadas, são porfias entre grupos de sotaques diferentes. Muitas vezes, acontece que um brincante ou o cabeceiro de determinado grupo, supo-

ritmos de Guimarães, cante em plena brincadeira uma rima geralmente maliciosa mexendo com um elemento ou mesmo com as figuras de um boi do Ilho ou Cururupú. Neste exato momento, pode passar um popular sectário do grupo ofendido e desafiado. Ao ouvir o remoque, corre ao quartel general do seu sotaque preferido e conto o que aconteceu. Imediatamente, o cabeceira ou a figura ridicularizada, responderá no mesmo estilo. Muitas vezes os elementos em desafio estão a quilômetro de distância, até em cidades diferentes mas o alcoviteiro, o leva-e-traz que nada perde, se encarrega de fazer a ligação entre eles, e com isto faz surgir toadas bastante hilariantes e sagazes. Um repente deste gênero, registrei em Bacabal e explica bem o sentido da coisa., dizia o seguinte :

ESTA MULHER QUE E' CASADA
E USA DA PAGODÉRA
TOMA COIDADO COM ELA
QUE ESSA DONA É BANDULEIRA
MAS ELA BOTA CANGALHA NO MARIDO
E BOTA CHIFRE DE MADEIRA
EH! BOI

Entre os grupos do mesmo sotaque, não há o menor interesse em supremacia deste ou daquele, nem em remoques de parte a parte.

O que se observa, é uma tremenda união entre eles, ao ponto de se visitarem uns aos outros em épocas da brincadeira e mesmo de trocarem toadas em que louvam as qualidades e os feitos dos seus congêneres e choram as perdas dos valores dos bois co-irmãos.

Há portanto um sentido de unidade, de preservação de tradições e de solidariedade entre os emigrados de u'a mesma região.

O BOI: Todos os bois de São Luís, pertencentes a este ou aquele sotaque obedecem a uma única confecção. A cabeça de boi verdadeiro com os respectivos chifres e o corpo feito de varas de buriti trançadas e amarradas umas às outras com cipó. Sobre esta armação, panos ou sacos e palhas de bananeira e título de cobertura e enchimento. Aí está delineada a carcaça do boi. Debaixo desta armação, mete-se o miolo, o homem que carrega o boi, que movimenta o bicho dando-lhe graça, vida e animação, através das evoluções características daquele animal quando verdadeiro.

Mas esta armação, não vale por si só. Ela apenas representa o esqueleto do boi. Cobrindo totalmente o bicho, desde a cabeça até ao extremo da região lombar, formando finalmente a cauda, estende-se o couro do boi elemento que o caracteriza, que o individualiza, que representa enfim o próprio animal. A simples armação sem couro nada significa para efeito da brincadeira. A carcaça é a mesma todos os anos, pode-se conservar por muito tempo, e é mesmo via de regra um elemento sagrado, inegociável, imprestável e imposterável. O botador que se preza, imbuído de seus princípios religiosos, não se desfaz sem que haja motivo superveniente, geralmente de ordem votiva, do seu boi. Mas o couro, que personaliza o bicho, é mudado todos os anos e a

maioria dos grupos: brinca com número superior a dois cada ano. Estes couros, ao término da brincadeira, também costumam ser guardados e no próximo período de festas poderão até ser aproveitados logicamente com bordados e desenhos diferentes. Cada couro, é pois um boi com seu nome bordado em lugar de destaque. Estes couros, são feitos de veludo geralmente preto ou azul escuro e trazem os mais ricos trabalhos em lantejola, conutinhos, vidrilhos, missangas, formando desenhos em motivo variados, obras de artistas incansáveis e idealistas, de fina sensibilidade, gosto e perfeição. São todos bordados à mão e via de regra as figuras e situações nêles representadas têm relação com seus nomes. Em toda volta da armação do boi, prende-se o varredor, verdadeira saia que não só serve para melhor esconder o miolo, como impede que se estrague ou suje o couro. Estes couros, que valem fortuna, são de modo geral custeados pelo botador. Entretanto, algum simpaticante de determinado grupo, pode oferecer-lhe um ou mais couros, ou por mera simpatia, ou em pagamento de promessa feita a São João ou São Pedro. Há também, os casos daqueles que se comprometem a dar um couro, pelo fato de haverem arrematado simbolicamente o boi, no ano anterior, quando leiloado na matança final, de que falaremos adiante.

Não podemos nos esquecer dos bois de ensaio, como o próprio nome indica, usados durante o período de treinamento, a que todos os anos são submetidos os vários grupos, para aprenderem as toadas e rimas que são novas em cada São João, bem como certas passagens do auto. Estes bois de ensaio, não têm couro. São apenas a armação coberta de pano comum.

O bicho realmente indispensável, ponto central do folguêdo, é o boi. Entretanto outros são usados pelos vários grupos uns frequentemente, alguns transitóriamente. Assim, aparecem às vêzes a burrinha, a caçiora, o sapo, a cobra, a águia, etc.

Os ensaios, sempre indispensáveis todos os anos, quando são ensinadas as novas toadas e os novos quadros do auto, frutos da imaginação versátil e incansável dos seus organizadores, são realizados de modo geral de primeiro de maio a treze de junho. O folguêdo propriamente dito começa na noite de 23 de junho e termina normalmente a 30 do mesmo mês. Entretanto há grupos que continuam brincando até setembro.

O aspecto religioso, é bastante arraigado entre os bois de vários sotaques. Da formação eminentemente católica e espiritualista, não saem os brincantes para folgar, antes de renderem homenagens a São João, São Pedro e São Marçal, arumados na época do folguêdo em altares especiais diante dos quais, rezam ladainhas e pedem proteção para o bom desempenho da brincadeira. Há quem batize o boi, quem faça procissões, antes de sair pela primeira vez e não esquecem mesmo, de louvar os santos em suas toadas e improvisos.

Matança, é a representação completa do folguêdo. Tem êste nome, porquanto a brincadeira atinge o climax com a morte do boi, levada a efeito dentro do auto. As vêzes, o boi não morre é apenas baleado ou furtado mas de qualquer maneira configura-se a matança. O povo quer assim e com êle não se discute. O povo tem sempre razão.

A matança final, é o término do ciclo do folguêdo em cada ano. Via

da regra, ocorre a 30 de junho mas em muitos casos tem lugar nos meses subsequentes.

Antigamente, a matança final era caracterizada pela repartição do boi entre os brincantes. Hoje por ser cara a confecção do bicho, éle é leiloado simbólicamente e de maneira geral quem arremata obriga-se a dar o couro no próximo ano. Há quem ainda hoje mate o boi de ensaio e o reparta entre os brincantes. Há também aqueles que dão um almoço, ou jantar em casa para comemorar o bom êxito e o término da brincadeira.

A base instrumental, é composta de modo geral de: tambores, pandeiros, tambores onça, (cuica), maracás e matracas. Os bois de Rosário e Axixá, chamados bois de salão, apresentam uma orquestra composta de instrumentos de sôpro e corda.

Vestuário: Os brincantes dos vários sotaques, usam em linhas gerais o seguinte vestuário: chapéu de palha de carnaúba, coberto de fitas multicores, que caem pelas costas até quase a altura dos tornozelos dos brincantes e formam cortina tão espessa que as vezes quase escondem o rosto dos rapazes. A calça é de seda ou laquê em cores vivas e a camisa idem, de cor diferente da calça. Levam gola ao peitoral de veludo, trabalhado a lantejoulas vidrilhos, canutilhos, etc. Usam tenis ou saem descalços.

Os caboclos usam em alguns grupos, imensos cocares de penas de ema, e tangas igualmente de penas por cima dos roupas.

Distinção sutil, mas de alto significado, é aquela que tenho que fazer entre botador, amo e cabeceira. Sem explicar conveniente e precisamente estas três funções, deixarei uma lacuna no entendimento do complexo e multiforme folguêdo moranhense: o Bumbo meu Boi.

O botador não é figura da brincadeira. É antes de tudo o dono do boi, em sentido lato. É o homem que tem o dever sagrado de em todos os anos sair com o boi, o homem que guarda a armação e os couros de que falei em páginas anteriores, bem como todo o material pertinente ao folguêdo. É ainda aquele que custeia a aquisição dos instrumentos, do grosso do vestuário, aquele que ajuda os brincantes menos favorecidos a comprar suas fantasias, aquele que organiza os ensaios, que mantém a romada, enfim, o chefe do grupo, o patriarca, o presidente daquele aglomerado de rapazes que dão o melhor dos seus esforços, para a glória e o prestígio de seu boi e de seu sotaque.

O Amo, é pois o chefe do grupo, dentro da representação, dentro do ordenamento e do escalonamento teatral. É o dono da fazenda, o senhor poderoso. Pode um boi ter mais de um amo, de acordo com suas concepções e preferências. Mas o importante é que para ser amo, é preciso que o elemento seja bem repentista, bom puxador de ríms e toadas, bom comandante enfim, de grande sátira popular. Será um espírito criador e versátil, de grande capacidade de renovação e improvisação. Se o botador não o for, contratará um elemento, que será obrigatoriamente do mesmo sotaque do botador. E este homem, é disputadíssimo pelos grupos do mesmo sotaque pois que dá vida e reacção a brincadeira. Como exemplos típicos desta figura, podemos citar a Luiz Costa que empresta sua arte aos bois da Ilha e o Bôca de Urna que o faz nos

Grupos de Guimarães. Esses elementos contratados, que fazem o papel de amo, são chamados cabeceiros. E têm uma força tremenda dentro do grupo que dirigem.

O botador nestes casos, poderá aparecer como um brincante qualquer enquanto o cabeceiro, titular dos direitos de comandante, terá plenos poderes de mandar e desmandar, de brincar onde bem lhe aprouber, de orientar o folguêdo, as representações e interpretações a seu modo. Será o maestro ou diretor musical, além de compositor e poeta. Será o Amo o senhor da fazenda e do gado. Será o teatrólogo o homem do script o idealizador das cenas e dos quadros o contra regras, o faz tudo.

Brincante no sentido lato, é todo aquele que participa do folguêdo, seja Amo, Chico, Catarina, Doutor, Coboclo ou instrumentista. No sentido restrito, são os brincantes, aqueles que fazem os papéis comuns ou secundários, os que compõem o grupo, sem função especializada. Distinguem-se pois das figuras centrais, dos bichos e dos instrumentistas que têm seus papéis bem delimitados e delineados.

Boi no sentido lato, é a própria brincadeira. É pois sinônimo de Bumba meu Boi ou Bumba Boi como também é chamado no Maranhão. Stricto sensu é o bicho, elemento importantíssimo do ato, ponto alto da representação.

Passemos agora a certas características peculiares a cada sotaque, através das pesquisas feitas entre alguns bois.

Segundo o testemunho de Luiz Bento da Costa, disputado cabeceiro entre os grupos da Ilha, os botadores do sotaque da Capital, são maus improvisadores, daí serem eles os que mais contratam cabeceiras comparativamente aos demais batuques.

Mário Coelho, natural de Guimarães, residente na estrada da Vitória, Floresta, São Luiz, não é propriamente um botador de boi. Possui ali onde mora, um bazar onde vende cerâmicas, louça, vassouras, utensílios domésticos etc. Mas por traz daquele homem de negócios, daquele comerciante comum, esconde-se um espírito simbólico e bonachão, uma alma de artista de reais qualidades. Disse-me ele numa conversa casual, que brincava boi em Guimarães em outros tempos.

Em São Luiz, botou uma única vez, e o boi era de criança. Chamava-se "Luxo dos Brotinhos".

Depois desta primeira experiência, nunca mais cuidou neste mister e nem mesmo brinca em qualquer grupo pertencente ao sotaque de sua terra natal.

Mas a despeito disso, o Mário não esquece o boi e todos os anos, sem que isto implique em promessa, confecciona um boisinho, cujo couro é preparado e bordado por sua irmã Geisa e o coloca na época junina, em exposição, pendurado nas traves de sustentação de sua casa de negócios. Ainda encontrei lá o de 1963, cujo nome era "Aspirante".

Vale aqui transcrever uma toada do Boi de Criança, que juntamente com o Boi de Mulheres, são formas paralelas ao Boi comum, adaptadas, aos meninos e ao sexo frágil.

PREFEITO NÃO CAÇA BRIGA
PASSA DE LONGE VAI CUIDÁ NA TUA VIDA
NÓS SOMOS CRIANÇA, BRINCAMOS EM PARTE
NÃO TEMOS SUSTANÇA PRA LHE DÁ COMBATE

Já que estamos falando de Guimarães, vale frisar que são os bois de lá os mais impregnados de religiosidade e misticismo. O Boi de Vila Passos, do Misico, é um exemplo vivo do que afirmei. Para êle o seu Boi, é realmente sagrado, como também o é a obrigação de botá-lo todo ano, sob os maiores sacrifícios. Acredita que sua vida atrazará e cobrir-se-á de azares se deixr de brincar o boi um ano que seja.

Entre ladainhas, precissões e rezos prolongadas começam cada ano as funções de seu boi.

A Turma do Pindaré, pertencente ao sotaque de Viana, apresenta um aspecto sui generis. Enquanto nos demais batuques os Amos comandam as funções via de regra com um maracá ou pandeiro, os do grupo supra citado, dirigem a brincadeira com sinetas ou campainhas.

Outro detalhe que vale destacar diz respeito ao zelo que têm com a confecção e os bordados dos couros, peitorais, e vestuário de modo geral.

A pessoa encarregada destes misteres mudou-se para São Paulo. Entretanto é ela ainda a titular do cargo embora o material fique muito mais caro, pois que o frete terá que ser acrescentado às despesas normais. Mas a perfeição e o esmero dos seus trabalhos compensam o sacrifício. A respeito deste fato registrei uma toada que dizia o seguinte :

FLORESTA TEM UM BOI
ESTE BOI NÃO FOI NASCIDO
É OBRA DE NATUREZA

BIS

ASSISTÊNCIA QUER TER UMA CERTEZA
FOI UMA MOÇA EM SÃO PAULO
QUE BORDÔ ESTA BELEZA

E para terminar nada mais eloquente que uma despedida de boi.

AQUI SE DESPEDE O BOI DA TURMA DE PINDARÉ :
ADEUS MORENA
MORENA SEU CANARIO CANTOU

BIS

QUEM FAZ TOADA BOA É PINDARÉ
ADEUS MORENA
DIGA ADEUS QUE EU JÁ ME VÔ.

Centenário do Coronel Antonio Luis

DISCURSO PRONUNCIADO PELO JORNALISTA
CÉLSO GOMES DS MATOS
NO CENTENÁRIO DO
CORONEL ANTONIO LUIS ALVES PEQUENO
NA CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO, EM 16.12.63,
EM SESSÃO SOLENE, ORGANIZADA PELO
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Senhores.

Senhoras.

Já que o esquecimento é um verdadeiro túmulo, necessário se torna que arranquemos do olvido o cadáver dos que deixaram rastros de luz na vida terrana, afim de que os mesmos nos ressurjam na plenitude de suas fisionomias. Com este ato oficial, presidido pelo Sr. Pedro Felício, Prefeito Municipal, o Crato se debruça hoje sobre as cinzas de um homem que encheu com a sua vida grande parte da História do Cariri.

Aqui estamos, Senhores e Exmas. Senhoras, para, nas paredes do Salão Nobre desta Prefeitura, fazer a aposição de um retrato, e para solenizar uma data, data que relembra outra data, e retrato que glorifica um Homem.

Faz hoje, precisamente, 100 anos, que nesta cidade do Crato, na Rua Dr. João Pessoa, vagia, no sobrado da tradicional família Alves Pequeno, uma criança do sexo masculino, a qual, crescendo, se tornou um varão respeitavel, e um simbolo, verdadeiro padrão do homem de bem. Este Homem, diferente do comum dos homens, pois que, por merecimento chegou a ascender ás mais altas posições politicas de sua terra, já como Chefe Supremo, no Crato, das hostes aciolas, já como homem de coragem, apeando, do pedestal do seu poder, em 1904, o Coronel José Belém de Figueiredo, luta á mão armada, e da qual tombaram, numa serenata, Horácio Jácome Pequeno, e saíra ferido de morte Augusto Alves da Silva Bacurau, este Homem, que chegou a ser deputado estadual em varias legislaturas, Intendente, e depois Prefeito do Crato várias vezes, este Homem chamava-se Antonio Luis Alves Pequeno.

Católico e de família católica.

Não era sanguinário. Disto, como seu amigo, e privando de sua confiança, poder-vos-ia dar provas cabais.

No auge da questão do Belém, e quando os ânimos já estavam mais exaltados, chega-lhe da fazenda Cajuí, o seu vaqueiro.

Apeia-se, tira o chapéu de couro respeitosamente e lhe diz:

— Compadre, vim disposto a acabar com a questão do Belém.

— Como assim? pergunta-lhe o coronel Antonio Luis.

— Não me faço de rogado em explicar, compadre. Vou agora mesmo mata-lo dentro de casa, com esta faca.

Era um punhal de lâmina afiadíssima.

Mato-o — disse — e está acabada a questão.

Não. Não faça isso, lhe diz o patrão. Se tal desgraça acontecer, não haveria argumento, por mais poderoso que fosse, capaz de retirar de mim a co-participação no delito.

— Volte e volte já. Não o quero aqui. Este crime me inutilizaria politicamente. Louvo e agradeço a sua dedicação, mas reproveo o crime.

E foi assim, com este respeito religioso á Lei de Cristo, e á Lei Mosaica — Não Matarás — que o Belém deixou de ser assassinado antes de ser deposto.

Naquêl tempo, conquanto muito rústicos, fossem os políticos, invertiam-se os papeis — : os pistoleiros não eram procurados, eram recusados.

Antonio Luiz passou na terra como todos passam. Desapareceu. Cumpriu o destino da humana criatura. Foi-se para não mais voltar.

Mas hoje, decorridos cem anos, todo cratense o exalta, o proclama e o invoca, nesta tocante solenidade. Trata-se aqui de uma homenagem póstuma.

Os sacrificios prestados á mãe Pátria, nem sempre os são, de logo, reconhecidos.

Só o tempo, que é eterno e justo nas suas sentenças, faz surgir, na consciéncia dos que sobrevivem, a necessidade de realçar os exemplos edificantes e os atos meritórios.

Nascido a 16 de Dezembro de 1863, ainda no vigor de sua meia-idade, era-lhe entregue o Crato, para governar. Organizado no sobrado da sua residência, na Rua dr. João Pessoa, um pacto, que fôra assinado: "Todos por um e um por todos", sendo ele um dos mais moços que ali compareceram, dispostos a jurar que perderiam a vida em beneficio do Cra-

to, na questão do Belém, desta conspiração, sendo ele um dos mais moços, era, entretanto, escolhido o mentor e chefe.

Consociando-se aos 3 de Outubro de 1908 com Mariêta, sua sobrinha, deste consórcio, feito na idade dos seus 45 anos resultou o nascimento de quatro filhos: Herald, José, Antonio e Maria, dos quais Maria ainda sobrevive.

É lamentável, senhores, que esta figura das mais nobres da nossa História, só agora se lembrem dela o sr. Prefeito Municipal e as poucas pessoas aqui presentes.

Não importa. As águias que habitam os cirros alpestres, não ligam as louvaminhas da planície, e, em compensação, estendem as asas no azul, onde bebem serenamente os raios do sol.

Não admira. O bocado nunca é lembrado pelos que o comem.

A ingratidão humana nunca deixou de existir e será sempre a nota mais dolorosa da vida. Deixa de ser uma contingência para ser uma lei. Não se lembram os feitos dos mortos. Como parágrafo desta lei fatal. tivemos, agora mesmo, um discurso lembrando o centenário de Dom Quintino.

O Dr. Elisio Gomes de Figueiredo, que o pronunciou, fez o que estou fazendo: uma homenagem merecida.

Mas, meus senhores, ao lado do preclaro Bispo do Crato, vemos outra figura de positiva atuação, a qual nunca foi lembrada. A obra de D. Quintino não era dele só.

Era-o também dos seus auxiliares, salientando-se, dentre os demais, e nunca de mim esquecido, Pe. Joviniano Barreto. Ide, diz o texto sagrado, ensinai a toda gente e este Padre que morreu sacrificado ás mãos de um tarado, foi um baluarte da instrução pública, no Crato. Mais: foi uma vítima do munus que exercia em Juazeiro do Norte.

Caiu do pé. Homem de carater forjado na dureza do aço, a sua voz, agradasse ou desagradasse, era a própria voz do altar. E a sua energia, a energia de Deus, aquela que, certa vez, expulsou os vendilhões do Templo. No entanto, esquecida, continúa a ser esta grande figura do clero. Perdõem-me a digressão que achei adequada ao caso, por mim lamentado, das ingratidões. Este trabalho não é uma biografia. Nem na estreiteza de um discurso comportaria duas biografias. O nosso rumo é outro. Outra a incumbência a mim confiada.

O nosso homenageado de hoje é o cel. Antonio Luis, que, como ia demonstrando, não me cansei de admirar. Homem de muita coragem. Deposto Belem, o Crato vivia sobresaltado.

Os boatos de ataque á cidade se sucediam. O fôgo das ameaças, entretanto, nunca pôde abater-lhe a coragem. Infelizmente, nesses recuados tempos de tão triste memória, valia o direito da força, não a força do Direito e sabia disto o cel. Belem.

A anarquia, na esfera politica, começou de Antonio Rócio Jamacaru, e com a queda do cel. Neco Ribeiro em Barbalha, e daí por diante com a tácita aprovação do Governo do Estado, vários chefes caíram. O critério adotado pelo Dr. Acio-li era o dos fatos consumados.

Por isso, em 1905, temia-se a qualquer hora, conflagração no Cariri. Grupos armados eram vistos em Milagres, Missão Velha, Brejão, na Barbalha, reunidos, com o propósito de tomar o Crato de assalto. O pânico era o maior. O Crato mais de uma vez amanheceu em armas. O Belém vem ali, diziam. Neste sentido, recebia êle, o coronel Antonio Luiz, uma carta de aviso. Alarmante a mais não poder ser. Era dita carta de um cidadão que, se dizendo maçon, condoêra-se da sorte do Crato. Cuidado, muito cuidado, dizia. O senhor está sendo traído até por pessoas daí. Esta carta que lhe escrevo, com pena da sorte do Crato, lhe chegará ás mãos de modo oculto. Temo ser descoberto. Por isto, não a assino. Morro no meio dos seus adversários. Ouço a conversa dêles e fico calado. Tenha, portanto, certeza do que afirmo. Crato será atacado.

Antonio Luiz, que primava pela conveniência, nunca revelou este segredo nem mesmo aos seus familiares. Revelado, seria uma bomba. Temia que o medo, que é contagioso, se apoderasse dos que o cercavam. Agiu calado. Armou cerca de 800 homens e esperou o Belem.

E graças á sua coragem, o Crato não foi arrasado como Aurora e outras localidades do Cariri. Estas qualidades, sempre observadas por mim e postas agora em evidência, nos dão, ao exato, o conhecimento do homem cujo centenário celebramos hoje. Cumpre-nos agora descerrar-lhe, entre palmas, o velário que lhe cobre o rosto.

Eis o homem. Contemplemos a sua doce fisionomia que, como dizem, revela o carater do homem. Meus senhores: Conta-nos a história que Leonardo da Vinci, sentindo-se desalentado ao pintar a cabeça do Salvador, na sua grande ceia, deixou-a simplesmente delineada.. Assim faço eu. Aqui está apenas o esboço. As notas mais marcantes do seu carater aqui estão também, ficando para outros uma biografia que não consegui fazer.

PEDIDOS DE FESTAS

FELIX LIMA JÚNIOR

Anualmente, em meados de dezembro, num dia qualquer antes do Natal, pela manhã ou à tarde, com o Gutenberg, O Correio de Maceió, A Tribuna, O Jornal de Alagoas, O Correio da Tarde, O Semeador, O Jornal do Comércio, O Diário do Povo, A Gazeta de Alagoas e os demais órgãos da imprensa alagoana, recebíamos um envelope com pedido de festas em verso, formulados pelos compositores, pelos distribuidores ou pelos vendedores de jornal:

Seja leitor, assinante,
Redator ou anunciante
Desse querido jornal!
Na maior festa do povo,
Dá-lhes Deus Bom Ano Novo
E um esplendido Natal!

Nosso afan é incessante,
Em luta assás fatigante
Enquanto dormes, Senhor!
Por isso, ó tú que nos lês,
Só um brinde neste mês
Compensa o nosso labor!

1 1945 o pedido foi feito em quadrinhas:

Felicidades no Natal,
Eu vos desejo, leitor,
Com puro amor fraternal
Na paz de Nosso Senhor.

Muito feliz é aquele
Que a alguém dá bocado!
Ajudai ao que trabalha.
Tereis, de certo, BOM FADO!

Quando no céu se percebe a aurora
Tomo o meu caminho para trabalhar,
Implorando a Deus e à Nossa Senhora
Festas felizes para o vosso lar.

Será uma grande alegria
Que conservarei em meu coração,
Receber de Vossa Senhoria
Umás festas, como recordação,

Aproximando-se os festejos natalinos de 1948, Adalberto Severino, do Diário do Povo, entregou humilde solicitação, que reproduzo :

Ao jornalista solicito
Que traz o vosso jornal
Proporcionai-lhe, com riso,
Um melhor e feliz Natal !

E desde já agradecido
Mando uma prece a Deus :
Pedindo-lhe paz e alegria
Para os entes queridos seus.

Eraldo Barroso dos Santos, encarregado de distribuir O Semeador, também se fez lembrado :

Por meu real (?) serviço
Para bem da comunhão,
Peço aqui uma festinha
Porque sóis bom cidadão.

Como prova mui sincera,
Dos meus agradecimentos
Vos desejo Boas Festas
Bons Anos e contentamento.

Foi por todos bem recebida a solicitação de Alvaro Vilela, da Gazeta de Alagoas, em versos simples :

Nestas quadrinhas modestas
Sem arte e sem esplendor
Desejamos Boas Festas
À família e ao Senhor.

Para si a Deus pedimos,
Todo prazer, todo bem.
Para ver se conseguimos
As nossas festas também.

No ano seguinte, quando já estavam em ensaios as cheganças, os guerreiros, os pastoris, em Bebedouro, no Farol, no Foço, em Pajuçara, lembrou-se João Antônio, dedicado auxiliar d'O Semeador, que precisava um terno, um sapato e um chapéu, tudo novo, para "torcer" pelo azul ou pelo encarnado, pelo cravo ou pela rosa. Sem dinheiro não poderia adquiri-los. Mandou, então, imprimir, em cartão côr de chumbo, com tinta azul, o seu pedido :

Boas Festas de Natal,
Vos desejamos, leitor,
Com vivo ardor fraternal
Na paz de Nosso Senhor.

A quem pedimos um "bem",
Meu velho amigo do peito,
Vos desejamos, também,
Bom Ano farto e perfeito.

Feliz, feliz, quem da sua
Fortuna tira um bocado :
Quem empresta ao pobre que atua
Auxilia bem ao seu fado.

Maio Geraldo da Silva deseja gosar festas alegres e felizes. Entrega, com o exemplar da Gazeta de Alagoas, o seu pedido, impresso com tinta preta num cartão verde — "verde como a esperança mais formosa" :

Caro leitor e amigo
Bem sabeis o meu labor,
Dai aqui uma festinha
Ao vosso distribuidor.

Agradeço a oferta
E o gesto divinal,
Desejando Bôas Festas
E um Feliz Natal.

Em 1950 tem O Semeador um novo encarregado da distribuição, o sr. Wilson Alves, que apela para a generosidade e bom coração de todos os assinantes do diário católico, necessitando que está de algumas notas do papel moeda, cada vez mais desvalorizado :

Natal, Natal de Jesus!
A todos nossos amigos,
Um largo abraço, que é luz.

A todos nossos amigos
Boas Festas de Natal
Com largo amor sem perigos,
Com um forte ardor fraternal.

Os gráficos do Jornal de Alagoas também são filhos de Deus. Têm direito a umas festas para alegrar os seus lares modestos. Fazem a solicitação num cartão cor de rosa, com duas quadrinhas, lidas com prazer:

Respeitável cavalheiro
Aqui está nosso cartão,
Portador do nosso abraço
E da nossa saudação.

Conhecendo a vossa nobreza,
Vosso coração leal,
Ansiosos esperamos
Vosso brinde de Natal.

Benedito Marinho, responsável pela entrega do O Se-meador, no mesmo ano, solicita, confiado:

Vos desejo nessas festas
Que, feliz, ides gozar.
Toda sorte de conforto
Ao vosso ditoso lar.

Distribuo com esmero
Este antiquíssimo (sic) jornal,
De vós também espero
Meu brinde de Natal.

1953. Preparativos de festejos por toda a parte, embora a vida esteja cada dia mais difícil, enquanto os preços sobem assustadoramente. Os gráficos noturnos do "Diário Oficial" mandam duas quadrinhas num bonito cartão cor de areia:

Quando as estrelas surgem a brilhar
Seguimos nossos caminhos a trabalhar,
Implorando à nossa Senhora
Boas Festas para o vosso lar.

E' uma grande alegria
Que sentimos em nosso coração
Ao receber de Vossa Senhora
Uma simples recordação.

Manoel Eugênio, distribuidor da Gazeta de Alagoas, solicita em versos singelos :

Saio sêdo (sic) de manhã
Com esta folha de jornal,
E hoje imploro a meu freguês
Uma resposta legal (?)
Se acaso for possível
Uma festinha de Natal.

Lá se foi mais um ano. Decorreram 365 dias de lutas, de trabalhos, de amarguras. Nas últimas semanas de 1954, num bonito cartão branco, com letras azuis, os gráficos da Gazeta de Alagoas imploram aos leitores :

Saber, cremos, alguém sabe,
Mas não sabemos quem ha-de
Sentir fundo o nosso afã;
Trabalhamos sem dormir
Pra dar notícias, servir,
Ao leitor, toda manhã.

Essê labor não nos cansa.
E' de fé e segurança
Que na data Universal,
O amigo, homem de crença,
Nos dê recompensa
Com um brinde de Natal !

Dias antes dos festejos comemorativos de nascimento do Menino Deus. Em 1955, volta Manoel Eugênio, agora com um cartão amarelado, com letras côr de nogueira :

Toda sorte e conforto
Eu venho lhe desejar
Para bons dias de festa
E um Feliz Natal.

Distribuo com alegria
Este querido jornal,
De vossa pessoa espero
O meu brinde de Natal.

Em dezembro de 1961 o Sr. Nelson Ciarindo da Silva formula também votos de venturas aos leitores do jornal, solicitando, ao mesmo tempo, uma lembrança de Natal:

Distribuo com alegria
Este querido jornal
De bons assinantes espero
Meu presente de Natal.

Eu que sou bom jornalista
Quero servir bem ao povo,
Desejando Boas Festas
E um Feliz Ano Novo.

No ano passado, sem que eu me surpreendesse, nem um cartão, sequer, apareceu... Os gráficos, vendedores e distribuidores de jornais não mandaram imprimir cartões, pois o papel e os envelopes custam uma fortuna, a tinta atingiu preços astronômicos, a mão de obra se elevou tanto que anda perto da Lua ou de Marte, graças aos erros destes últimos 30 anos de déficits e de inflação.

Juro, porém: nem uma pessoa sequer, satisfeita e feliz — todos têm bons sentimentos, coração largo e generoso — deixou de contribuir, alegremente, dando aos auxiliares dos jornais algumas festas, permitindo, assim, que no lar modesto desses humildes trabalhadores as crianças tivessem roupas e calçados novos, brinquedos, refrigerantes, maçãs, bolos — alegria, enfim, para que na noite em que se comemora o nascimento de Jesus, a família, reunida em redor à mesa das refeições, elevando as mãos aos Céus, cantasse, reconhecida:

Glória a Deus nas alturas,
solicitando, ao mesmo tempo,
Paz, na terra, aos homens de boa vontade!

Construtora Cariri Ltda.

(DOS IRMÃOS RODRIGUES)

TIBURCIO RODRIGUES DE MELO — Dozinho

FRANCISCO RODRIGUES DE MELO — Chiquinho

RAIMUNDO RODRIGUES DE MELO — Raimundinho

CONSTRUÇÃO DE TODO E QUALQUER EDIFÍCIO, BLOCO OU RESIDÊNCIA

OS MELHORES SERVIÇOS DE ESTRUTURA, FUNDAÇÃO E ACABAMENTO

Tem o seu favor a construção dos mais belos, sólidos e valiosos edifícios do Crato :

CASA DE CARIDADE DO CRATO

RÁDIO EDUCADORA DO CARIRI

FACULDADE DE FILOSOFIA

D R A S A

GRANDE HOTEL

IGREJA DE S. FRANCISCO

VILA JULIBAR

FARMÁCIA S. RAFAEL

FARMÁCIA S. JOSÉ

NOVOS BLOCOS DO HOSPITAL S. FRANCISCO

USINA ACRISA

EXPORTADORA CRATENSE

ARMAZEM E SILO

Escritório Comercial :

EDIFÍCIO SÃO RAIMUNDO — 2.º andar, Sala 27

Escritório Filial :

Rua Nerson Alencar, 196 — CRATO — CEARÁ

Orlandino Silva S. A.

Comércio e Indústria

A Maior organização do gênero no Hinterland Cearense

EM CRATO,

seis Departamentos às suas ordens, com funcionários altamente treinados

EM FORTALEZA,

nossa filial atende pelo Telefone 1-75-22 — Rua Castro e Silva N.º 653

A nossa Empresa é Atração Turística

Posto São Cristóvão

Rua Ratisbona, 43/53

Posto Glória

Av. Teodorico Teles, 58

Renovadora de Pneus Crato

Av. Teodorico Teles, 28

REVENDA

Av. Teodorico Teles, 40

Posto Independência

Praça João Brígido

OFICINA

Av. Teodorico Teles, 34

QUANDO FOR A CRATO VISITE-NOS

Oficina autorizada WILLYS
Combustíveis, Lubrificantes, Veículos
Pneus e Câmaras
Lavagens e Lubrificação
Reparos, Recapagens e Recauchutagens.

QUASE DUAS DEZENAS DE ANOS SERVINDO MELHOR AOS MOTORISTAS

SENSACIONAL:

Agora estamos distribuindo entre os clientes: Cr\$ 100.000 todos os meses e Cr\$ 500.000 no NATAL, na maior promoção já realizada no CARIRI, na base do COMPROU, GANHOU, RECEBEU.

Aviso aos Revendedores:

DISPOMOS DE MEIO MILHÃO DE LITROS DE COMBUSTÍVEIS
Entrega a domicílio - Mesmos preços das Companhias - Consultem-nos

Orlandino Silva S. A.
SEMPRE LIDERANDO O PROGRESSO DO CARIRI

Apresentando o Cariri, na Casa do Ceará, no Rio

**EXÓRDIO DA PALESTRA QUE J. DE FIGUEIREDO FILHO
FRONUNCIOU, NA CASA DO CEARÁ, COM AUDITÓRIO
SUPERLOTADO, A 8 DE AGOSTO DE 1964**

Antes da parte das gravações de alguns motivos folclóricos do Cariri, com respectivos comentários ao meu encargo, procurarei retratar, em linhas rápidas, aquela sui-generis região do Ceará. Pareceria isso desnecessário. Muitos dos que me ouvem já a conhecem pessoalmente, ou através de estudos. Outros são mesmo nascidos naquelas abençoadas paragens nordestinas dos Cariris Novos. Podem bem conhecê-las melhor do que eu. Para êstes, irei rememorar fatos que devem falar-lhe intimamente à alma. Mostrarei aos outros, não com brilhantismo, mas com a singeleza de modesto escritor e pesquisador interiorano, aspectos daquele pedaço palpitante da gléba cearense, digno de ser conhecido e conseqüentemente admirado.

O Vale Caririense encrava-se no sul do Ceará, em pleno centro geográfico do Nordeste, quase equidistante de Fortaleza, Terezina, Recife, João Pessoa e Salvador.

Há cerca de cinco anos, chegou á minha residência, estrangeiro alto, robusto, alourado, tipo gaulês perfeito. Apresentou-se como suíço, escritor e em visita à região, à cata de dados para um livro que estava a escrever. Com sua natural simpatia, em português bem compreensível, confessou-me estar aturdido com a diferença que encontrou entre o Cariri e o resto do Ceará. O contraste que observou não foi exclusivamente na natureza, como acima de tudo, no homem e em certos costumes. Tratava-se de Jean Pierre Chabloz, misto de escritor, desenhista e musicista, filho da parte francesa da Confederação Helvética. Estava a elaborar o livro — CEARÁ, TERRE DU LUMIÈRE, baseado em suas observações, durante cinco anos em Fortaleza e noutros pontos do norte do Estado. Disse-me estar impossibilitado, por falta de dados, de escrever

o capítulo sobre o Cariri, pedindo-me para encarregar-me dessa parte. Traduziria depois para a sua obra que agora já está concluída, faltando apenas editá-la.

Passei a explicar-lhe a causa de tal diferença, imediatamente notada pela observação do arguto suíço, agora professor de desenho na capital cearense.

Teve o Cariri formação inteiramente diferente do restante do Ceará. Foi povoado por sertanistas do cício do couro, chegados pelo caminho natural do São Francisco. Penetraram eles, no século VIII, no Vale, oriundos da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, em busca de currais para o gado que tangiam. Em pesquisas exaustivas, em arquivos de paróquias e cartórios regionais, encontrou o historiador caririense Pe. Antônio Gomes de Araújo, o registro de quatrocentos e tantas famílias do Cariri, de origem baiana, e mais de duzentas, de procedência sergipana.

Conforme assegura Warnhagen, o termo "Cariri", do grupo ameríndio que deu o nome à região, significa calado, taciturno, qualidade peculiar daquele abórigene, em contradição com a conhecida loquacidade do Tupi e de outras nações.

Ao atravessar o sertanista, a caatinga braba, deparou-se com aquela espécie de paraíso terreal, com fontes a brotarem da serra do Araripe e matas extensas. Resolveu fixar-se na nova terra. Em pouco tempo, trocou o laço de criador pelo cabo da enxada. Transplantou depois mudas de cana e engenhos do Recôncavo Bahiano e da mata de Pernambuco, para os pés-de-serras e brejos caririenses. Os engenhos de rapadura e as casas de farinha medraram e ficaram ali até os dias de hoje.

Entre vaqueiros, cambiteiros, tangedores de bois, raspadeiras de mandioca, entre cabras arrelientes de cabelo na venta, nos roçados, na bagaceira, no eito, nasceu o riquíssimo folclóre caririense. Suas raízes se aprofundaram nas terras de onde vieram os primeiros povoadores para o Vale. Tanto é assim, que os motivos populares que existem no Cariri, em sua maioria, são desconhecidos no resto do Ceará, enquanto se aproximam, com maior ou menor semelhança, aos do Alagoas, Pernambuco e Bahia. Agora começam a ser conhecidos, com as repetidas exhibições de seus grupos folclóricos, até no

sui do país, mercê do trabalho de divulgação do Instituto Cultural do Cariri, sediado no Crato e sob a minha modesta presidência.

Aquela região sul cearense, cuja cabeça natural foi a antiga missão dos Capuchinhos — o brejo de Miranda, que se transformou, a 21 de Junho de 1764, na Vila Real do Crato, tornou-se o berço da independência do Ceará, nos anos de 17 a 1824. Aderiu à Revolução Pernambucana de 1817, soprada de Recife. Prisões e perseguições não mataram o ânimo viril de seus condutores. Transformaram-nos nos arautos dos movimentos emancipacionistas de 1822, e, em 1823, dirigiram com patriotas piauienses e maranhenses a expedição que destruiu o último baluarte sério português, que ainda resistia no Brasil, em Caxias no Maranhão. Em 1824, fizeram a revolução republicana da Confederação do Equador, com a maior quota de sangue em holocausto da causa. A independência política do Brasil, em 1822, forjada e realizada, no sul, em suas capitais, foi promovida no Ceará e na Bahia, pelas localidades interioranas do Crato e de Cachoeira. Demonstraram assim que o espírito independentista se originou inteiramente do povo.

Em cenário assim, de belezas múltiplas e de brasilidade, com gente afeita ao trabalho e às lutas pela liberdade, deveria medrar, como realmente sucedeu, rico manancial de tradições. Seu variado e atraente folclóre, gerado da fusão de três raças e culturas, começa a chamar a atenção dos estudiosos do Brasil e do exterior. Iremos, neste momento, ouvir amostra dessa manifestação do cantar popular do Cariri, gravada pelo folclorista jovem e emérito pesquisador — Francisco Vasconcelos, cratense de coração e carioca de nascimento.

Não irei realizar conferência nem pronunciar palestra em tom doutoral. Apenas comentarei os diversos motivos dos folguedos populares, muitos dos quais desfilaram nos festejos folclóricos do Bi-Centenário do Município do Crato, a 21 de Junho, do corrente ano, e gravados pelo incansável membro do Clube de Amigos do Folclóre da Guanabara — Francisco Vasconcelos.

Trago apenas para esta seleta assistência, um pouco da riqueza folclórica da gente simples de minha terra e para ela é que chamo a atenção de todos os presentes.

Não
ser
sobre
Brasília

Francisco G. Peixoto de Carvalho

É vida o presente do asfalto
que busca o amanhã e de fuge
na avalanche da vida vivida à margem dos sonhos ?

É amor a posição da pedra
que estabiliza a terra
que encanta o homem ?

É paz o silêncio da noite
cortado pela lambreta furibunda
do asfalto litorâneo ?

É homem quem não ama o homem
mas ama a paz do homem
combatendo o homem pela humanidade ?

o homem vive e ama
a humanidade e luta e sofre
pela humanidade o homem destrói o homem

O homem que fez Babilônia, Roma e Brasília
Babilônia e Roma sucumbiram pelo homem
Brasília continuará Brasília pelo homem ou pela humanidade ?

Brasília é filha não do amor, mas da necessidade
Brasília é Idade Nova, Idade Continental da contra-revolução
pelo homem Brasília não terá humanidade
só a luta e o sofrimento lhes darão eternidade.

INGEM DE FERRO

Ao Escritor Dr. J. DE FIGUEIREDO FILHO

Ingem de ferro, você
Com seu amigo motê,
Sabe bem desenvólê
E' munto trabaiadô.
Arguem ja me disse até
E afirmou que você é
Progucista em alto grau,
Tem força e tem inergia.
Mas não tem a poesia
Que tem o ingem de pau !

O ingem de pau quando conta
Tudo lhe presta atenção,
Parece que as coisa santa
Chega em nosso coração.
Mas você, ingem de ferro,
Com seu horroroso berro
E' como quem qué brigá
Com a sua grande afronta
Você tá tomando conta
De todos canaviá.

Do bom tempo que se foi
Faz mangofa, zomba e escarra,
Foi quem espursou os boi
Que puchava na manjarra,
Todo suberbo e sizudo
Qué governá e mandá tudo,
E' só quem qué sê ingem.
Você pode ter grandeza
E pode fazer riqueza,
Mas eu não lhe quero bem.

Mode esta suberba sua
Ninguem vê mais nas moage
Nas belas noite de lua
Aquela camaradage
De todos traboiadô.
Um, falando em seu amô.
Outro, dizendo uma rima,
Na mais doce brincadêro
Deitado na bagacêra
Tudo de papo pra cima.

Esso tempo que passou
Tão bom e tão divertido,
Foi você quem acabou,
Esguerado ! esgalamido !
Come-come interessêro !
La dos confim do estrangeêro
Com seu barúio indecente
Você vem todo prevêgo
Com histora de proguesso
Mode dá desgosto a gente.

Ingem de ferro eu não quero
Abatê sua grandeza,
Mas eu não lhe conside-ro
Como coisa de beleza.
Eu nunca lhe achei bonito,
Sempre lhe achei esquisito,
Orguioso e munto mau,
Atê mesmo o rapadura
Não tem queia doçura
Do tempo do ingem de pau.

Ingem de pau, coitadinho !
Ficou no triste abondono.
E você, você sosinho
Hoje é quem tá sendo dono
Das cana do meu país,
Derne o momento infeliz
Que o ingem de pau levou fim,
Eu sinto, sem piedade,
Três moenda de sodade
Ringindo dentro de mim.

Nunca mais tive prezê
Com moage neste mundo
E o causadô de eu vivê
Como um pobre vagabundo
Pesaroso, triste e perro,
Foi você ingem de ferro,
Seu safado ! seu ladrão !
Você me dexou á tôa,
Robou as coisinha bôa
Que eu tinha em meu coração.

MUNICIPALISMO

Ulysses Viana

Conserva-se, com intensidade, o vínculo indestrutível entre o triângulo caririense, no Ceará, e o Estado de Pernambuco.

Poderíamos dizer que o fato decorre da afinidade histórica entre as duas grandes comunidades. Pernambuco e Ceará estão abraçados, principalmente a região em que a chapada do Araripe, com suas características geográficas, oferece a todos, os mananciais que alimentam à vida de uma gente unida pelos mesmos ideais.

Porisso, quase como obrigação, apresentamos comentários dedicados ao Crato, município de largas possibilidades econômicas e que mantém, de forma tradicional, relações comerciais e culturais com o Recife. A aproximação se processa de tal maneira que o povo de Fortaleza recebe o fenômeno com certa ironia. Isso justifica, portanto, a nossa preocupação em ferir assuntos ligados a evoluida terra de Bárbara de Alencar. Acompanhamos, com interesse religioso, o progresso vertiginoso do

Crato e não poderíamos ficar indiferentes ao avanço daquela localidade, em demanda de melhores dias, no futuro.

Recebemos, por gentileza do jornalista J. de Figueiredo Filho, mais um número da abalçada "Itaytera", órgão do Instituto Cultural do Cariri e que vem sendo editada há cerca de 10 anos. Trata-se de publicação esmerada, de fundo histórico, avultando colaborações de intelectuais conhecidos no Nordeste. Neste número, impresso pela Tipografia e Papelaria do Cariri, encontramos matéria de alto valor. Colaborações do padre Antônio Gomes, J. de Figueiredo Filho, Quixadá Felício, José Newton Alves de Sousa, Antônio de Alencar Araripe, Gal. Tristão de Alencar Araripe, José Siébra, Aderson Siébra, Gal. Pinheiro Monteiro, F. S. Nascimento, J. Lindemberg Aquino entre outros elementos que cultivam, com raro zelo, a literatura cearense. Os trabalhos da autoria do historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo servem de subsídio às pesquisas de escritores ilustres, sobre a colaboração do Ceará, aparecendo, ainda, estudos meticolosos em torno da radicação dos principais núcleos sociais no Nordeste.

Somente à custa de abnegação e esforço poder-se-á concretizar ideal tão forte. Ninguém ignora os obstáculos quase intransponíveis para se conseguir a execução de uma obra daquele tipo. Até mesmo as grandes empresas jornalísticas, lutam, hoje, estóicamente, para manter a circulação das suas tradicionais fôlhas. No Crato, porém, o gérme nativo da nacionalidade está conservando com todo o vigor dos seus filhos e aos recantos do Brasil oferecem exemplo marcante de coragem e espírito de renúncia.

Trava-se, no Cariri, uma batalha sem tréguas contra o subdesenvolvimento. Ninguém pôde se furtar à convocação oriunda da própria consciência do elemento humano ali plantado. É um desafio ousado às vicissitudes do meio e dessa condução de inteligência e idealismo, mobilizados em defesa da coletividade, surgiu uma região nova, com mentalidade econômica independente.

Em "Itaytera" a alma de um povo se agiganta e palpita, também, o coração generoso de homens afeitos ao sofrimento e que, em louvor à sua terra, conquistam glórias para posteridade. Tudo isto é o Ceará "morrendo e resistindo"

HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE

Elpidio de Almeida é das figuras da maior projeção da próspera cidade de Campina Grande, na Paraíba. É médico, político de projeção e escritor de nome. No ano de 1964, pela editora LIVRARIA PEDROSA, lançou a HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE. É livro oportuno, bem feito, no qual retrata, ao vivo, toda vida daquela opulenta cidade, cheia de lances heróicas e prova da capacidade criadora do nordestino. Campina Grande não prosperou unicamente no sector material, como também no cultural, pois, ali há intenso movimento de edições de livros, de autores locais, tendo na linha de frente o infatigável e inteligente — Dr. Elpidio de Almeida.

O GUERREIRO — THÉO BRANDÃO

Théo Brandão é dos maiores folcloristas do Brasil.

É inteligente, culto e dedica-se aos estudos minuciosos da ciência do povo, com verdadeira devoção. Há pouco, lançou série de folhetos, sob o título AVULSOS DO FOLCLORE DE ALAGOAS. O GUERREIRO, é pesquisa de THÉO BRANDÃO e foi editado pelo DEPARTAMENTO ESTADUAL DE CULTURA. É trabalho que deve ser conhecido, pois, nêle se vê a inteligência de nosso caboclo e também o cuidado de seu Autor em estudar o folclore e comentá-lo com segurança do mestre consumação do assunto.

como sentenciava o saudoso Demócrito Rocha.

Jornal do Comércio Recife

OS ALENCARES

ARDOROSOS CAMPEÕES DO SENTIMENTO NATIVISTA
E DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

(10.º do nome, na família)

"A história não é só fato: é também a emoção, o sentimento e o pensamento dos que vivem — a parte mais difícil de captar dos negócios humanos..."
(Conferência de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES sobre CAPISTRANO DE ABREU e o *Historiografia Brasileira*)

INTROITO —

A revisão da *Historiografia oficial Brasileira*, elaborada em bases que interessavam diretamente à Corôa Bragantina e à Corte, leva-nos a encarar a importância das ações emancipacionistas processadas, desde longa data, no Norte e Nordeste do País.

A partir da Guerra contra os Flamengos, foi se acentuando, da Bahia para o Norte, a reação nativista, que culminou na Guerra dos Mascates, nas revoluções republicanas de 1817 e 1824, na Balaiada, na Cabanagem, etc.

A família ALENCAR, apesar de ter origem de imigrados portugueses, propendeu, desde cedo para o sentimento nativista, e tomou parte saliente nos movimentos republicanos de 1817 e 1824, em Pernambuco, Ceará e Piauí.



São os ALENCARES uma família antiquíssima, que penetrou pelo sertão do Nordeste, entre 1650 e 1680, com as avançadas dos currais dos GARCIA D'AVILA, da Casa da TORRE e com os grandes Bandeiras de DOMINGOS JORGE VELHO e AFONSO DOMINGOS SERTÃO e assim atingiu o interior da Bahia, Pernambuco, Ceará, Piauí, Alagoas e Sergipe.

Os ARARIPES são os mesmos ALENCARES, que nas lutas de 1823, em Coxias, justapuzeram ao ALENCAR o ARARIPE, da chapada do ARARIPE (de RARI, lugar ou habitação das araras), região onde se estabeleceram os maiores dos PEREIRAS DE ALENCAR.

Os ALENCARES e os ARARIPES ligaram-se, em várias épocas, pelo casamento a outras grandes famílias, como os PEREIRAS DE CARVALHO, da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará, os AGRAS, os LUNAS, de Pernambuco, os TAVARES BENEVIDES, os SILVA SALDANHAS, os PEIXOTOS, os LIMAS, os QUEIROZ, os JAGUARIBE, os SUCUPIRA, do Ceará, os MARTINS, os COELHO, os CASTELO BRANCO, do Piauí.

Há na família nomes característicos e tradicionais, mantidos em cada casal, em homenagem aos maiores, tais como LEONEL, TRISTÃO, BARBARA, DESIDERIA, DELECARLIENSE, JOSÉ DE ALENCAR, METON, etc.

Nos séculos XVIII e XIX, os ALENCARES foram grandes e abastados fazendeiros, conhecidos pelos nomes dos sítios ou fazendas, a gente do Exú, do Assaré, do Várzea, do Bodocó, etc.

SOUZA BANDEIRA, na "Revista do Brasil", ao tratar de "Ruínas da Aristocracia Rural de Pernambuco", citado por JOÃO NOGUEIRA JAGUARIBE (Revista do Instituto Histórico do Ceará, tomo LIV, Ano LIV, 1940), disse das antigas famílias do Norte, antes da Independência: "presos à gleba pelos interesses e pela afeição, os senhores de engenho tanto se identificaram com ela, que as denominações das propriedades passavam a constituir os seus sobrenomes, aos quais se juntavam, muitas vezes, os apelidos familiares e, assim, se transmitiam de pais a filhos".

Sendo-lhes vedadas, no período colonial, as posições da administração civil e os cargos militares, os brasileiros dedicavam-se à exploração do solo e à criação de gado e preferiam viver em suas propriedades, ciosos de sua independência e no gozo de relativos conforto e luxo, constituindo verdadeira nobreza territorial.

Assim foram os ALENCARES de outrora. Não descendiam de nobreza européia; mas orgulhavam-se de suas origens laboriosas e honestas.

Não desprezavam a cultura intelectual nem as maneiras fidalgas de homens educados. Destacavam-se pelo vigor físico, adquirido nas lides agrícolas e pastoris e nas grandes viagens pelos sertões.

Foram sempre criadores e lavradores conceituados. Tinham vivo sentimento de "clan", fortalecido por intenso cultivo das relações de família e pelo casamento entre parentes.

Homens laboriosos, afeitos à luta contra a natureza e contra o gentio, destacavam-se como homens de idéias liberais, mas resolutos sustentadores de seus direitos, onde e quando a lei não lhes oferecesse a total garantia.

A vida do sertão, com essas circunstâncias que lhe são peculiares, caldeou-lhes o espírito de independência e de liberdade.

Por outro lado não se descuravam das vantagens da educação e da cultura. Muitos casais encaminharam os filhos para as escolas e ensinos superiores. E, como o ensino era quase inteiramente monopolizado pela Igreja Católica, muitos jovens eram encaminhados para os seminários.

A família tornou-se cada vez mais numerosa e unida. Sua influência propagou-se por todo o Nordeste e pelo Brasil afora. Acostumou-se, desde cedo, à luta em defesa da vida e da propriedade contra os assaltos de indígenas

e bandidos cangaceiros. Também não se alheava das disputas entre as famílias e facções partidárias desavindas. No fim do século XVIII, a luta entre essas famílias e facções era latente em Pernambuco e no Ceará; lutas em que os ALENCARES tomavam parte.

Assim, por exemplo, em 1794, era assassinado em Salgueiro., Pernambuco, JOÃO PEREIRA DE CARVALHO, um dos seus mais influentes membros; e, no Ceará, era ferrenha a odiosidade existente entre os ALENCARES, Lberais e a família TELES BEZERRA DE MENEZES, do Crato, visce almeante regalistas, absolutistas e concundos.

*
* *
*

Nos séculos XIX e XX, destacaram-se muitos dos ALENCARES e ARA-RIPES, em todo o Brasil, como políticos, estadistas, deputados, senadores, presidentes de províncias, magistrados, ministros de estado, industriais, escritores e militares com reilavantes serviços na paz e na guerra.

*
* *
*

OS ALENCARES

NOS MOVIMENTOS LIBERTADORES DO SÉCULO XIX

No princípio do Século XIX, era propício o ambiente dos sertões nordestinos aos movimentos revolucionários que lá se desencadearam. Apesar das distâncias, da falta de comunicações, inexistência de correio e de jornais, era surpreendente o sentimento político exaltado que possuíam então os sertanejos, que, não se sabia como, se mantinham bem informados dos movimentos políticos e sociais ocorridos na Colônia no Reino e no Mundo. Oprimidos e espoliados pelo arbítrio e violência das autoridades e pela ganância e corrupção da Justiça, tendiam eles naturalmente para as idéias de revolta e de libertação. Havia entusiasmo pelos heróis da Revolução Francêsa, pelos paladinos da Independência da América e pelos mártires da Inconfidência Mineira.

A opressão exercida pela Corôa e pelas autoridades reinóis era escravizante e contribuía para a reação nativista exaltada e o sentimento de revolta dominante, no sertão.

A mudança da sede da monarquia portuguesa, que trouxe consigo o cumento da tendência absolutista dos reinóis, contribuiu para agravar as odiosidades coletivas entre brasileiros e lusitano: e para provocar forte reação entre a gente do Nordeste.

*
* *
*

A REVOLUÇÃO DE 1817 — Por mais que os endeusados do domi-

nio lusitano queiram menosprezá-lo, era justificádo e louvável o sentimento nativista ou, como se diz hoje, nacionalista, na quase totalidade da terra brasileira. A fraqueza e falta de personalidade dos reinantes da Casa de Bragança, não podiam ser tidos como regime brando, face à prepotência e aos desmandos das autoridades que, a ferro e fogo, submetiam os nacionais a toda sorte de vexames. O rancor do povo e das velhas famílias pelos "marinheiros" era consequência natural do sistema colonialista, férreo e extorsivo dos governos europeus. As idéias libertárias, de caráter universal, se alastravam naturalmente. A conjurar em grupos e sociedade secretas, inclusive as Lojas Maçônicas era fenômeno normal na vida dos povos e não deve ser considerada como intromissão indevida de elementos provocadores estranhos.

Rocha Pombo, em História do Estado do Rio Grande do Norte, proclama que: "Em tôdas as capitanias do Nordeste, desde algum tempo antes de 1817, que se preparavam elementos para a revolução republicana, com que se planeava a independência. Em tôda a parte, a melhor gente da terra parecia chegado o momento de que não era mais licito a ninguém continuar, em criminosa passividade, a sofrer os vexames e os antigos males do regime colonial. Oficiais de milícia civil e de linha, chefes políticos, advogados, padres, até funcionários de categoria e mesmo ouvidores, contavam-se, de regra, entre os suspeitos das novas doutrinas e idéias avançadas que invadiam de uma vêz a consciência dos colonos. As diversas capitanias daquela Zona estavam, desde muito, estreitamente relacionados, não cessando de se corresponderem os homens de mais valia, muitos dos quais vieram a ser em seguida os chefes da rebelião nas várias localidades. Entre as capitanias menos distanciadas, o trabalho de propagação era ainda mais permanente e ativo, incitando-se frequentemente os mais espalhados em dispor os ânimos para a conjuração que se alastrava". (Citado por Euzébio de Souza, em História Militar do Ceará).

Só onde preponderavam o elemento luso e os regalistas a todo o transe, não podia haver penetração das idéias libertárias. E infelizmente o poder estava em mãos desses elementos.

Mas, apesar de toda a opressão, a tendência de libertação era uma realidade.

Em 6 de março de 1817, irrompeu no Recife a revolução ao impulso dos patriotas destemidos e, em seguida, alastrou-se pelo sertão para os Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Na capital deste, porém, o governador MANOEL INACIO DE SAMPAIO adotou medidas preventivas que impediram o movimento projetado. Só a 3 de maio o subdiácono JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, estudante do seminário de Olinda, proclamou a sedição no Crato.

JOSE' MARTINIANO tinha, então, 25 anos de idade, pois, nascera em 1792. Viajara para a sua terra natal a cavalo, pelo interior da Paraíba e Pernambuco, como enviado dos revolucionários do Recife.

Na Crato, com apoio dos parentes, principalmente de sua mãe, Da. BARBARA DE ALENCAR e de seu irmão TRISTÃO GONÇALVES PEREIRA DE ALENCAR (posteriormente TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE),

proclamou o governo revolucionário e seguiu para Jardim, onde seu tio LEONEL PEREIRA DE ALENCAR, capitão de ordenanças e vereador à Câmara Municipal, homem de real prestígio, aderiu à revolução e fez lavrar a ata de instalação do novo governo.

O capitão-mor JOSE' PEREIRA FILGUEIRAS e outros oficiais de milícia do Cariri, profundamente dominados por sentimentos regalistas e incapazes de compreender os anseios de libertação, e alguns destes arrastados por ódios de família, reuniram algumas centenas de homens e prenderam quase todos os ALENCARES, Da. BARBARA, JOSE' MARTINIANO, Padre CARLOS JOSE' DOS SANTOS, TRISTÃO GONÇALVES, INACIO TAVARES BENEVIDES (casado com GENOVEVA PEREIRA DE ALENCAR, irmã de Da. BARBARA), o Padre MIGUEL CARLOS DA SILVA SALDANHA, vigário do Crato e que tinha irmãos casados na família ALENCAR.

Os revolucionários republicanos foram entregues ao Capitão de Ordenanças, JOAQUIM PINTO MADEIRA, que os levou ao Capitão-Mor do Icó; este remeteu para Fortaleza os três irmãos ALENCARES, sob a guarda de um português, MANOEL DA CUNHA FREIRE PEDRCSA, que os sujeitou durante o longo percurso a toda a sorte de motejos e sevícias, infligidos não só por seus condutores, como também pelo vil populacho, que se reunia nas estradas para insultar os infelizes.

Da. BARBARA, com outros patriotas que foram capturados, a partir de Icó, seguiu para Fortaleza, onde chegou pouco tempo depois de seus heróicos filhos, em outra leva, conduzida por JOÃO PEREIRA DA SILVA, (o célebre Capitão Cara Preta), que infligiu à heroína sertaneja inauditos tormentos.

No livro de ANTONIO CIRILO DE QUEIROZ — "Genealogia da Família QUEIROZ", vem minuciosamente contada essa viagem de dezenas de léguas pelo sertão, verdadeira tragédia, no seu rastro de ferro e sangue, com toda a gama de maus tratos, mas sempre acompanhados da comitiva dos patriotas, principalmente dos QUEIROZ, que, por vêzes, tentaram minorar-lhes esse tratamento, como da própria libertação, infelizmente frustrada.

Uma vez chegados a Fortaleza, o Governador MANOEL INACIO DE SAMPAIO, os submeteu às maiores crueldades.

Foram êles lançados em sórdida miséria. Os farrapos que vestiam ao entrar para a prisão foram sendo utilizados para caçar os grilhões de ferro, que lhes magoavam horrivelmente os tornozelos em chagas. Dentão em pouco, estavam nus, de barbas e cabelos crescidos, esqueléticos e imundos.

A alimentação da tripe de boi cozida com forinha, era servida em gamela de pau.

TRISTÃO GONÇALVES, ante tal ignomínia, pensou em fugir.

A notícia dessa intenção e as consequências do mau tratamento impressionaram o Governador, que resolveu transferir os presos para locais mais

toleráveis, permitindo-lhes que fizessem a barba e cortassem o cabelo, se vestissem decentemente, humanizando-lhes o tratamento e melhorando-lhes a comida.

Em 18 de julho de 1818, foram os presos, magros, pálidos, estropiados e maltrapilhos, embarcados para o Recife.

Dai, foram os patriotas cearenses remetidos para a Bahia, onde, juntamente com os revolucionários pernambucanos, vencidos em 20 de maio de 1817, sofreram em fortalezas e presídios os maiores tormentos até os princípios de 1821, quando foram libertados em consequência dos movimentos políticos ocorridos em 1820, em Portugal.

Só nas vésperas dessa libertação, foi Da. BARBARA transferida para a fortaleza, em que se achavam encarcerados os seus filhos e, assim pôde revê-los e alcançar tratamento mais humano, graças ao bom coração do Conde de PALMA, que havia substituído o perverso Conde dos ARCOS, no governo da capitania.

*

* * *

A INDEPENDENCIA DO NORDESTE

Os revolucionários libertados em 1821 regressaram aos lares, inconformados e ainda mais rebelados contra o jugo dos lusos (marinheiros) e seus apeniguados (corcundas).

As notícias da proclamação da Independência em São Paulo, Rio e Bahia, muito demoraram a chegar aos sertões do nordeste. Só a 17 de novembro, chegaram elas a Fortaleza, pelo cúter MARTINHO PRIMEIRO.

Mas, mesmo sem notícias positivas, os que sonhavam com a libertação, tiveram a preciência do que estava acontecendo no sul do País.

Irrequietos e inconformados, um grupo de brasileiros proclamou a 16 de outubro na vila de Icó, a independência e elegeu um governo temporário. A esses insurgentes opôs-se a tropa de linha de Icó, e do Crato, comandada respectivamente, pelo tenente MANOEL ANTONIO DINIZ e alferes JOSE' DE MENDONÇA, a qual prendeu os seus chefes.

Mas logo a 26 do mesmo mês, foram os insurgentes socorridos pelos patriotas do Riacho do Sangue, chefiados por TRISTÃO GONÇALVES PEREIRA DE ALENCAR, aliado a JOSE' PEREIRA FILGUEIRAS, que libertaram aqueles.

Esses dois chefes, inteligentes, destemidos e gozando de grande prestígio, procuraram dominar a Capitania. A 23 de janeiro de 1823, FILGUEIRAS, chefe do governo temporário, entrou em Fortaleza e empossou-se como Presidente do Governo temporário, depondo a junta administrativa, presidida pelo Ouvidor JOSE' RAYMUNDO DO PAÇO PORBEM BARBOSA.

TRISTÃO GONÇALVES também foi eleito membro do governo temporário do Ceará.

No período tumultuoso dos primeiros dias da Independência, a atuação dêsse govêrno não teve consistência e passou quase desapercibido.



No Piauí e no Maranhão, os partidários dos lusitanos opuseram-se à proclamação da Independência do Brasil.

À frente dêsse movimento achavam-se os SOUZA MARTINS, também pertencentes à Família ALENCAR, os quais pediram auxílio ao govêrno provisório do Ceará. Isso porque tropas e civis lusitanos, chefiados pelo comandante das armas o major JOÃO JOSÉ DA CUNHA FIDIE', procuraram violentamente dominar os patriotas e impor-lhes a obediência ao govêrno de Lisboa.

A primeira expedição de socorro foi comandada pelo major LUIZ RODRIGUES CHAVES e fracassou, pois, foi batida por FIDIE', no lugar denominado Jenipapo, a 31 de março de 1823, perdendo duzentos mortos e feridos e quinhentos prisioneiros, contra oitenta mortos e feridos dos adversários, além da apreensão da bagagem dêstes.

Imediatamente, a 29 de março de 1823, partiu de Fortaleza a segunda expedição de socorro, sob o comendo de FILGUEIRAS e TRISTÃO GONÇALVES, que constituíram a Junta de Comando, com plenos poderes do govêrno provisório do Ceará.

Essa Junta convocou as tropas de linha, as milícias e as de ordenança e os patriotas e marcou-lhes como ponto de reunião a vila de Crato. Vários dos batalhões de voluntários foram constituídos, armados e fardados à custa das importantes famílias do Ceará.

A concentração, durante o mês de maio, foi aproveitada para organização e instrução da tropa e para aproximá-la da fronteira do Piauí, Várzea da Vaca, onde chegou a 1.º de junho.

Já em meado de maio, o major FIDIE', temendo a aproximação na força cearense, deixou a vila de Campo Maior, no Piauí, e fêra concentrar-se em Coxias, no Maranhão, onde havia maiores recursos e predominava o elemento português. Conta êle aí opor séria resistência aos independentes.

As tropas de FILGUEIRAS e TRISTÃO foram-lhe ao encalço e já com o efetivo de seis mil homens, puzeram cerco à vila de Coxias.

Os cronistas exaltam o espírito militar de TRISTÃO e a energia de FILGUEIRAS, que souberam fazer dêsse amontado de civis desofeitos à disciplina e à técnica militar, uma tropa aguerrida e disciplinada.

A 23 de julho, FILGUEIRAS intimou FIDIE' a que se rendesse. Este, a 28, solicitou o armistício e a 1.º de agosto capitulou, jurando no dia 3 obediência ao govêrno imperial do Brasil.

A êsse tempo, a esquadra libertadora, comandada pelo Almirante Lord COCKRANE, intimava as autoridades portuguesas de São Luiz, único ponto do Maranhão ainda sob o jugo lusitano, a render-se e receber a 28 de julho, o juramento de obediência ao novo Imperador do Brasil.

Assim, independente da expedição do Almirante COCKRANE ao Maranhão, os patriotas do Ceará teriam, por iniciativa própria, expulso os portugueses e seus correligionários e implantado o regime imperial.

A inesperada capitulação de São Luiz não contribuiu para a rendição de Caxias, onde a mesma capitulação era naquela data ignorada; ao contrário, a certeza da próxima capitulação de Caxias serviu decisivamente para a perda de ânimo dos reinóis de São Luiz a não oferecer a menor resistência à simples intimação de um único navio da esquadra imperial.

O afortunado marinheiro inglês alcançou o prêmio com o título honorífico de Marquês do Maranhão, sem dar um tiro sequer e sem riscos.

Aos patriotas nordestinos aquinhoou-se com a malquerença, a perseguição, o opróbio e até a morte...



A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR NO CEARÁ :

A transformação política da Independência não importou em profunda e generalizada inversão de mentalidade. Persistiam os vícios do regime absolutista. Aos detentores do poder, os lusitanos no gozo de prerrogativas excepcionais e até a alguns reformistas libertadores não convinha abrir mãos das doutrinas do absolutismo, da legitimidade dos soberanos, da submissão do povo à sua vontade ilimitada.

Não era mesmo possível reformar, em golpe de mágica, as tendências psicológicas do trêfego monarca, lusitano dos quatro costados, cuja figura se pretende dourar com predicados de herói, bem como dos patrícios e mesmo ambiciosos brasileiros que a êle se acostaram para ter angélicos devotos da democracia ou dos régimes igualitários.

O fato é que desde cêdo se definiu a tendência autoritária do campo do Imperador, que muitos queriam como senhor absoluto à antiga moda portuguesa e à libertadora e liberal dos patriotas brasileiros.

Ao jovem monarca comprazia a solidariedade de seus patrícios para contrapo-se à indisfarçável suspeita contra o espírito de independência dos verdadeiros brasileiros.

O golpe violento de dissolução, pela força armada, da Assembléa Geral Constituinte do Brasil, em 12 de novembro de 1823, foi patente manifestação deste estado de ânimo.

Contra os atos de prepotência do Governo do Rio de Janeiro, rebelaram-se as províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará e acabaram por filiar-se à **Confederação do Equador**.

A notícia da dissolução da Assembléa Constituinte, comunicada pelo Deputado Padre JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, que fôra preso no Rio e dias depois sôlto, causou no Ceará geral surpresa e viva indignação. A tendên-

cia libertária de 1817, de forma liberal e democrática, reacendeu-se na província e provocou grande agitação.

Já em 9 de janeiro de 1824, a Câmara da vila de Campo Maior de Quixeramobim, reunido o clero, nobreza e povo, em memorável sessão, e depois de violentos discursos, aprovou notável resolução, de que constavam os seguintes trechos:

"...Acordaram que à vista da honrosa perfídia de que D. PEDRO I, Imperador do Brasil, baniu à força armada, as Córtes convocadas no Rio de Janeiro contra mil protestos firmados pela sua própria mão, êle deixava a sua Dinastia de ser o Supremo Chefe da Nação e se as novas Córtes convocadas em lugar assim o aprovarem... protestam firmar uma república estável e liberal que defenda os seus direitos com exclusão de outra qualquer família. Nomearam uma deputação extraordinária ao General (?) FILGUEIRAS, aos senhores Reverendo GONÇALO IGNACIO DE LOIOLA ALBUQUERQUE E MELLO, Tenente Coronel ANTONIO FRANCISCO DE QUEIROZ BARREIRA e BELARMINO DE ANDRADE CAMARA..."

E' de se salientar que a ata da sessão foi assinada por setenta pessoas do povo, figurando entre estas além dos camaristas e dos três delegados, o sargento-mor do 2º. Batalhão de Cavalaria MIGUEL JOSE' DE QUEIROZ LIMA e o ajudante do mesmo batalhão, DELFINO JOSE' DE QUEIROZ LIMA, filho do precedente e pertencentes a uma das mais importantes famílias do sertão.

A delegação acima referida conseguiu a adesão das Câmaras de Icó, a 18 de janeiro, e do Crato a 2 de fevereiro.

TRISTÃO e FILGUEIRAS, tendo regressado do Maranhão à testa de forças disciplinadas e treinadas, acolheram com presteza as sugestões da delegação da Câmara de Quixeramobim, o primeiro por estar convictamente imbuido dos ideais de liberalismo e democracia e o segundo por estar contagiado pelo ardor patriótico de seu compoñheiro, embora sua mentalidade não comprehendesse o alcance e os conseqüências de suas decisões.

E' uma abusão, aquele conceito a propósito de Filgueiras. Os cronistas seios já não o aceitam, hoje.

Tão profundo foi o animosidade contra os partidários do governo de D. PEDRO I e a exacerbação do sentimento nativista que muitos dos chefes sediciosos resolveram abandonar os sobrenomes portugueses e adotar apelidos tipicamente regionais, usando como nomes de guerra, apelidos que se transmitiram às respectivas descendências. Assim, por exemplo, TRISTÃO GONÇALVES PEREIRA DE ALENCAR passou a assinar-se TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE, tomando o nome da chapada onde nascêra; ANTONIO FRANCISCO DE QUEIROZ BARREIRA passou a chamar-se ANTONIO FRANCISCO DE QUEIROZ JUCÁ, adotando o nome indígena do "pau ferro"; e o padre GONÇALO INACIO DE LOIOLA ALBUQUERQUE E MELO trocou o último apelido pelo de MORORÓ, árvore que dá hastes muito fortes.

*
* *
*

Em fins de fevereiro de 1824, TRISTÃO e FILGUEIRAS chegaram a Fortaleza e assumiram os encargos do governo provisório.

Em 14 de abril chegou à Fortaleza, na corveta Gentil Americana, o primeiro presidente nomeado pelo Imperador para o Ceará, o Tenente Coronel PEDRO JOSE' DA COSTA BARROS. Este desembarcou na noite seguinte e de combinação com elementos imperialistas, revoltou as tropas e depôs a Junta Provisória.

Em vista dos primeiros atos reacionários do novo presidente, TRISTÃO e FILGUEIRAS reuniram tropas e povo no Aquiraz e marcharam sobre Fortaleza, onde entraram a 28 de abril. Convocaram para o dia seguinte a reunião da Câmara, quando foi deposto COSTA BARROS e escolhido TRISTÃO para substituí-lo. O presidente deposto, o ouvidor, vários oficiais portugueses e elementos suspeitos foram deportados.

Alguns Câmaras do interior recusaram-se a jurar a Constituição por emanar de poder incompetente.

Depois de várias proclamações do Presidente TRISTÃO ARARIPE, convidando a Província a resistir ao Imperador e a unir-se a Pernambuco no movimento a favor do regime republicano, reuniu-se em Fortaleza, a 26 de agosto de 1824, o Grande Conselho, de que fizeram parte 455 pessoas notáveis, quando foi proclamada a República, por todos aceita entre estrepitosas manifestações de alegria.

Passou assim o Ceará a fazer parte, com Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, da Confederação do Equador.

TRISTÃO foi proclamado Presidente da República do Ceará e FILGUEIRAS, comandante das armas.

Votada a Constituição provisória do novo governo, dirigiu-se o presidente com o governador das armas, à Câmara incorporada e apresenta "um plano da nova forma de governo", para ser discutido livremente.

Em 3 de setembro de 1824, o Comandante das Armas, FILGUEIRAS partiu de Fortaleza, com intenção de libertar o Major LUIZ RODRIGUES CHAVES, que, enviado de TRISTÃO ao Presidente PAES DE ANDRADE de Pernambuco, fôra capturado pelos imperialistas na Paraíba. Também cabia-lhe escoltar até o Recife os deputados eleitos pelo Ceará ao Congresso Constituinte da Confederação do Equador, LUIZ PEDRO DE MELO CESAR, JOSE' FRANCISCO DE GOUVEIA FERRAZ, JOSE' FERREIRA LIMA SUCUPIRA, FRANCISCO MIGUEL PEREIRA IBIAPINA, JOAQUIM DA COSTA ALECRIM E OS padres MANOEL PACHECO PIMENTEL, JOSE' DA COSTA BARROS JAGUARIBE e JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR.

Apesar do entusiasmo que, de início, despertavam as idéias libertadoras, do grande número de adesões que os revolucionários receberam e do apóio que pessoas de prole lhes prometeram, deviam êles contar com grande

reação na província onde ainda era muito poderoso o partido dos portugueses e concudas, onde persistiam o ódio e a rivalidade entre famílias importantes, ódios e rivalidades reaccesos pela luta política e pela instabilidade emocional da plebe, quase sempre propensa a bater palmas aos vitoriosos e a repudiar os insurgentes prejudiciais às suas comodidades.

Por tudo isso, encontraram os chefes revolucionários reação no interior da província, aiém da que lhes seria oposta pelas forças regulares dos imperialistas.

FILGUEIRAS, por exemplo, atingiu o Crato, mas teve de enfrentar sucessivas partidas de forças da contra-revolução, animadas pelas notícias de vitória das tropas legais no Recife. Vencendo, às vêzes, batido outras, o Comandante das armas revolucionárias lutou bravamente mas não conseguiu unir-se às forças revolucionárias que, batidas em Pernambuco, procuravam alcançar o sertão do Cariri. Compreendendo a inutilidade da resistência às grandes forças da reação contra-revolucionária, FILGUEIRAS dirigiu-se com grupos que lhe restavam para a Chapada do ARARIPE, dissolveu suas tropas e retirou-se para Exú, em Pernambuco. Aí se apresentou prêsso a oficial legalista, seu ex-comandante da expedição a Caxias e conseguiu fôsse encaminhado para o Rio de Janeiro. Na viagem, por terra, pelo Rio São Francisco, faleceu vítima das sezões, na vila São Romão, província de Minas Gerais.

Os destemidos revolucionários de Pernambuco, depois de marcha de duzentas léguas, assinaladas por violentos combates e que constitui feito heróico digno de ser cultuado, acabaram por se entregar à generosidade dos adversários.

Estes, entretanto, consoante à ferocidade das lutas intestinas, submeteram todos aos maiores martírios e muitos foram levados ao patíbulo, tudo apesar das promessas de anistia do governo imperial.

LEONEL PEREIRA DE ALENCAR, seu filho RAIMUNDO PEREIRA DE ALENCAR e outros foram atacados de surpresa em Jardim e barbaramente assassinados.

TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE, presidente da República, decidiu socorrer a vila de Aracati, atacada e ocupada pelo Major LUIZ RODRIGUES CHAVES, que, chegado ao Recife, se bandeira para os legais e aceitou o encargo de investir contra os mesmos.

TRISTÃO, tendo passado o governo ao substituto imediato JOSÉ FELIX DE AZEVEDO E SA', partiu a 12 de outubro, com as forças que pôde reunir, contra o transfuga, que logo se soube ter entrado na província. Chegou ARARIPE a tempo de obrigá-lo a evacuar a vila de Aracati. Desta vila marchou o presidente revolucionário na direção de Crato, intentando juntar-se ao grosso das forças republicanas de FILGUEIRAS.

Acontece que a 18 de outubro o governador JOSÉ FELIX e a população da Fortaleza se renderam ao Almirante Lord COCKRANE, com a promessa de anistia geral para os insurgentes. Sabedor desses fatos, TRISTÃO ARARIPE reuniu, a 20, o Conselho de Oficiais e propôs-lhes a dissolução do exêr-

cito republicano, composto de 2.000 homens, para não sacrificar vidas inutilmente, por ser evidente que tudo estava perdido.

Recusaram-se os oficiais à disposição proposta e sugeriram a marcha pelo vale do Jaguaribe em direção ao Cariri, a fim de reunirem-se às tropas de FILGUEIRAS e dos revolucionários pernambucanos que para lá se dirigiam.

Morte de um herói: — Pondo-se em marcha para o Sul, TRISTÃO contava encontrar, como lhe fôra prometido, alimentos para sua tropa, na Fazenda do Boqueirão, de MANOEL DA CUNHA PEREIRA e de seu filho JOSE' LEÃO DA CUNHA PEREIRA, que fôra Sargento-Mor comandante de um batalhão na Expedição a Caxias, e que supunha ser gente amiga.

Com surpresa, aí soube que os PEREIRAS se tinham bandeado, com toda a sua gente, para as fôças imperialistas de ANTONIO GOMES DA SILVEIRA, comandante da 6.ª companhia das Vargens.

Com mais êsso golpe adverso apoderou-se o desânimo das hostes republicanas e começaram as deserções.

Já no povoado de Santa Rosa, os oficiais aconselharam a TRISTÃO que procurasse a salvação na fuga, enquanto êles se valeriam da anistia prometida pelo Imperador, pois êles estavam crentes de que para o grande chefe da Revolução não haveria clemência.

TRISTÃO, em sua alucinação patriótica, retrucou-lhes:

"Não. Não poderia aceitar tal oferecimento se não fôr possível levar comigo os companheiros que se têm comprometido e que até agora se têm mantido fiéis. Jamais deixá-los-ei. Como não é possível a fuga de todos, não penso absolutamente em tal desígnio. Com os meus sempre me encontrei até este angustiioso momento, com êles correrei todos os riscos até a morte".

Não houve meio de demovê-lo dessa idéia obstinada. Na manhã seguinte, no trágico dia 31 de outubro de 1824, quando se punha em marcha a pequena e desalentada tropa, foram avistadas pouco adiante as tropas imperialistas do Capitão-Mor MANOEL ANTONIO DE AMORIM, em dispositivo de combate. TRISTÃO preparou-se para a luta e, em pessoa, colocou as peças de artilharia em posição, dirigiu a sua pontaria e disparou cinco tiros contra os adversários.

Nesse ínterim, surgiram pela retaguarda as fôças de JOSE' LEÃO e as tropas republicanas ficaram entre dois fogos.

Sentindo ser inútil a resistência e instado por seus amigos fiéis, TRISTÃO resolveu dispersar as suas tropas e escapar, pela fuga, à captura ignominiosa. A cavalo, procurou atravessar o leito sêco do rio e, rumo ao Norte, embrenhar-se nas caatingas.

Era muito tarde. JOSE' LEÃO, que, durante a luta distinguira TRISTÃO junto às peças de artilharia e não mais o perdera de vistas, correu com uma escolta em sua perseguição e foi alcançá-lo emaranhado em cerrados cipós e espinhos e detido por uma barranca intransponível.

Um cabra do bando, apontando o bacamarte, gritou-lhe:

"Morreu, capitão".

A bala varou-lhe o torax.

JOSE' LEÃO, em requinte de bestialidade, traspassou-lhe com a espada o peito do adversário já morto e apossou-se dos haveres que trazia consigo.

Seguindo o exemplo do chefe, seus homens mutilaram o cadáver; um cortou-lhe a mão direita, outro tirou-lhe uma orelha, levando-os como troféu.

O corpo despido e já enrijecido foi postado de pé, encostado a uma jurema. Exposto aos raios do Sol de novembro e ao vento sêco do verão, mumificou-se, sem se decompor e sem ser tocado pelos urubús. Depois de sêco, foi levado para o povoado de Santa Rosa e posto de pé, apoiado a um pereira, atrás da capela, para sofrer profanações da plebe ignorante, instigada pelos adversários ferrenhos que mandavam "apedrejar o cadáver para ganhar indulgências, pois que se tratava de um amaldiçoado".

Essa selvageria durou quase dois meses, até que o coronel DOMINGOS PAES BOTÃO, a horas mortas da noite, fêz sepultar na capela o cadáver mumificado, ao mesmo tempo que manifestou o desejo de quando morresse o enterro na mesma sepultura de seu primo TRISTÃO, o que foi cumprido.

A paga ignóbil. — Como Lord COCKRANE houvesse prometido o prêmio de 10.000 cruzados a quem efetuasse a captura de TRISTÃO e recomendasse ao Presidente JOSE' FELIX que o pagasse, caso alguém viesse a ganhá-lo, JOSE' LEÃO mandou que seu capanga WENCESLAU ALVES DE AMEIDA requeresse o pagamento do prêmio prometido. A esse pagamento JOSE' FELIX, que fôra vice presidente em exercicio no governo republicano, deu o seguinte despacho: "Se o suplicante matou TRISTÃO por espírito de patriotismo, deve estar muito satisfeito de ter livrado a pátria daquele monstro; se matou pela paga exija-a de quem a prometeu".

Requerimento e despacho que demonstram a hediondez de seus autôres.

Damos a palavra a ROCHA POMBO sobre as consequências da Revolução de 24, no Ceará:

"Mal chegado a Fortaleza em 20 de outubro, Lord COCKRANE pôs-se em comunicação com as autoridades da província. Ao ser informado de que o presidente revolucionário ARARIPE, a quem primeiro se dirigira, não se achava em Fortaleza, escreve o almirante a JOSE' FELIX dando-lhe plena segurança de que o Imperador concede anistia geral, sem exceção alguma, contanto que se lhe renda homenagem, e seja a Constituição jurada ali. Tendo-se pôsto êles inteiramente em concôrto, foi JOSE' FELIX nomeado, pelo almirante, presidente interino da província. Em seguida proclamou COCKRANE aos povos, explicando que daquele modo — investindo o coronel JOSE' FELIX no primeiro cargo da administração, quer evitar os inconvenientes que trazem sempre os governos eleitos. Logo no outro dia (1 de novembro) publicou o almirante nova proclamação, prorrogando até o dia 20 do dito mês o prazo dentro do qual se deviam apresentar os que quisessem merecer a graça imperial, mas desta vez já excetuava da anistia o coronel TRISTÃO ARARIPE... No dia 5 de novembro estava restabelecida em tôda a província a ordem legal, e no dia 4 do mês seguinte jurava-se a Constituição na capital e logo depois nas demais localidades..."

"Em princípio de novembro (1824) estavam reconquistadas para a autoridades imperial tôdas as províncias que se tinham insurgido. Ainda uma vez portanto, reprimiam-se aquelas tendências que nesta parte do continente revelavam o espirito americano em obstinada colisão com os velhos processos do regime europeu."

"Vêm, agora os horrores com que costuma desagrar-se a majestade ofendida. Os escarmentos não mudaram ainda; são os mesmos dos tempos coloniais, são tremendos e como os de 1817, como os de 1792. A soberania, afrontada, quando triunfa é inexorável na sua cólera, e só se aplaca fazendo estremecer os que lhe assistem aos triunfos. Enquanto, dominados de sustos ante os perigos, que irrefletidamente cavara, queria o Imperador evitar as reffegas que vinham — mostrava-se muito moderado e de um espirito de paz e de tolerância que parecia até comprometer a dignidade imperial... Agora, vitorioso contra aqueles protestos lá no norte — ostenta, com os míseros vencidos, a sua severidade de senhor terrível nas suas iras, inabalável nos seus decretos. Instalam-se, no Ceará e em Pernambuco, as comissões militares, as lugubres "alçadas de sangue dos velhos tempos, como se o regime, apesar dos "aparatos constitucionais", fôsse ainda o mesmo, tenebroso e sacrilego, da antiga colonia". (ROCHA POMBO — História do Brasil, IV, 207/8).

Em Pernambuco e no Rio são condenados à fôrça vários republicanos e entre êles Frei CANECA, FRANCISCO DE SOUZA RANGEL, AGOSTINHO BEZERRA CAVALCANTI e JOÃO RATCLIFF.

No Ceará, julgou-se também necessária uma comissão militar.

Para presidente dessa comissão foi nomeado o tenente-coronel de engenheiros CONRADO JACO' DE NIEMEYER, nome execrado de verdadeira fera humana com poderes para designar os outros membros da comissão. Condenado: à fôrça e depois modificado para o fuzilamento, por falta de carrasco, morreram o padre MORORO', o coronel JOÃO DE ANDRADA PESSOA, FRANCISCO MIGUEL PEREIRA IBIAPINA, LUIZ INACIO DE AZEVEDO, o Bolão, e FELICIANO JOSE' DA SILVA CARAPINIMAS. Alguns outros condenados salvaram-se, uns por ausentes e outros graças à misericórdia imperial, que, por fim, se confrangeu de horror com a sangueira.

Aos brasileiros e principalmente aos descendentes dos mártires das revoluções nativistas de 1817 e 1824, pesa verem transformado em herói nacional êsse imperador bragantino, impenitente verduga dos nossos mais lídicos patriotas.

Basta saber-se que durante o julgamento da Comissão militar do Ceará, o seu presidente teve ocasião de officiar, por três vêzes, pedindo a clemência do Imperador para alguns dos condenados à morte, que pelos relevantes precedentes mereciam a comutação da pena imposta. A êsses officios, respondeu o feroz Ministro da Justiça CLEMENTE FERREIRA FRANÇA, transmitindo a

crui resposta de PEDRO I — “As penas impostas por essa Comissão devem logo executar-se, independentemente de subirem à sua imperial presença a buscar confirmação ou perdão”.

INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS NATIVISTAS E LIBERTADORES DO NORDESTE

Esmagados pela prepotência e desumanidade de D. PEDRO I, desconhecidos e repudiados pela maior parte dos habitantes das outras províncias, os movimentos insurreccionais de 1817 e 1824 tiveram sérias consequências para a evolução do processo emancipador político da Nação Brasileira, processo que só se consumou à retirada do primeiro imperante em 1831.

O alarme da reação cessara logo. “No seu espírito dos primeiros dias, apressara-se D. PEDRO I em corrigir o seu ato de precipitação e violência. Tornou-se aparentemente razoável, condescendente, solícito em mostrar que mudara de rumo, dir-se-ia mesmo aflito em reconciliar-se com a Nação. Explicou, e insiste ansioso em explicar cada vez melhor, as razões que o levaram a romper com os “demagogos da constituinte”; e aproveitando o ensejo dos boatos que correm — afeta indignações contra Portugal, e mostra-se resolute na defesa da Pátria, dispostos a rebater as investidas, que se diz preparadas ainda agora (1824) contra o Brasil. Proclama heróicamente aos brasileiros; pede união e concórdia, exorta as forças armadas; fala muito em patriotismo, em liberdade, em soberania nacional; e cuida de se impor à confiança de todos, de acalmar os que se agitam, de conter os que protestam, de ouvir os que reclamam — consentindo, cedendo, contempORIZANDO, com quem sente que é preciso renunciar à veleidades absurdas, e seguir direito com a consciência pública”. (ROCHA POMBO — História do Brasil, IV, 210).

Decreta e jura, sem perda de tempo, a Constituição e procura imbuir com falso liberalismo a opinião pública. Só assim consegue protelar o 7 de abril.

Quando, porém, se tranquilizou daquele espanto; quando viu os povos aplaudindo com tanto alacridade o sua lei; quando a revolução estava dominada, e em toda a parte reconhecida a autoridade imperial — então voltou a si de novo aquele homem, apercebendo-se outra vez de que era mesmo senhor de tudo isto... Sentiu-se D. PEDRO inteiramente à vontade, livre de governar como bem lhe aprouvesse...

Havia uma Constituição, falava muito alto em lei suprema; e o regime, no entanto, sob que se viria no país, era e mesmo antigo, se não pior — pois agora andam novos poixões agravando velhos males...” (idem, idem, 211)

Cresceu a arrogância do partido português absolutista por toda parte. Dominava a violência, renasciam as extorsões e as perseguições. Na Corte e no interior, as autoridades administrativas e policiais, a começar pelo próprio Imperador, eram prepotentes e discricionárias. O fisco, e o recrutamento eram veículos para os mais descabidos exigências. Não havia direito algum desde que não se contasse com as graças dos poderosos; pois mesmo quando não tinham de atender a requisições de gente para o serviço de primeira linha, os

capitães-mores recrutavam para as milícias de segunda ordem, ou mesmo sem necessidade nenhuma pública; só para o seu serviço pessoal.

Esses desbaratos e os fracassos na política internacional se serviam para desviar a atenção da opinião pública, não impediram os protestos, a princípio tímidos contra a atenção anti-nacional do Imperador e sua camarilha, mas que vão crescendo de diapasão, revivendo em tôda parte o sentimento liberal, disposto a travar o litígio de morte com os instintos da velha ordem, iniciado em 1817.

Os ALENCARES representaram-se nas reações que culminaram com a abdicação de PEDRO I, pelo Deputado Padre JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, um dos cabeças do movimento de 1817. Tomou êle parte saliente nos passos que leveram o imperante a renunciar e foi voto predominante pela manutenção da forma de governo monárquico — êle cujas convicções republicanas eram enraizadas por anos de lutas — reconhecendo que a essa altura estava assegurada a liberdade e a emancipação política do Brasil, consolidada pelo ato de 1831 e, posteriormente pelo ato adicional de 1834. Cria êle que, com a Regência, o País ia governar-se por si mesmo, com o simulacro de um trono.



DADOS BIOGRAFICOS DE ALGUNS ALENCARES ILUSTRES

I — BARBARA DE ALENCAR —

BARBARA DE ALENCAR é um dos mais expressivos símbolos do valor da mulher brasileira. Por lamentável omissão, sua atuação e a dos seus filhos não têm sido estudada e cultuada, como grandes vultos nacionais.

Se sua homônima BARBARA HELEODORA tornou-se legendária, pelo martírio que lhe adveio como consorte do infidente ALVARENGA PEIXOTO e por sua influência nas atitudes do marido, BARBARA DE ALENCAR excedeu-se em suas atitudes desassombradas de rebeldia e na fortaleza de ânimo com que suportou os castigos na adversidade.

Foi verdadeira heroína republicana. Um cpanógio do Brasil, do Nordeste, de Pernambuco onde nasceu, do Ceará e do Cariri, onde viveu e lutou.

Foi a primeira mulher republicana, revolucionária do Brasil. Bisneta do casal português MARTINHO DO REGO — DOROTEA DE ALENCAR e do casal baiano ANTONIO DE SOUZA GOULART — MARIA DA ENCARNAÇÃO DE JESUS; neta de LEONEL DE ALENCAR REGO, português imigrado e MARIA DA ASSUNÇÃO DE JESUS, baiana; filha do Comandante JOAQUIM PEREIRA DE ALENCAR e de TEODORA RODRIGUES DA CONCEIÇÃO; nasceu na Fazenda Caiçara, Estado de Pernambuco e foi registrada na Freguesia de Cabrobó, no mesmo Estado.

“Caiçara” estava integrada na jurisdição da freguesia de Cabrobó

Tida como cearense e conhecida mesmo como Dona BARBARA DO CRATO, a ratificação de sua naturalidade para o sertão pernambucano não lhe apaga a condição de cratense pela alma, pelo coração e pelo amor ao Cariri, onde viveu e lutou.

Casou-se com o Capitão JOSÉ GONÇALVES DOS SANTOS, português imigrado, natural da Freguesia de S. Marinho do Tropejo, cidade de Aromá, bispado de Lamego. Não se tem notícias da personalidade de seu marido.

Tudo indica que se tornaram fazendeiros prósperos, com propriedades no Cariri, em Pernambuco e Piauí. A tradição diz que Dona BARBARA tomava parte ativa na administração dos seus bens e que chegou a amassar regular fortuna, que consolidou a influência na região e lhe permitiu dar aos filhos a melhor educação, cabível naquela época: dois filhos padres e os outros regularmente instruídos.

Na época dos acontecimentos revolucionários, estava viúva, pois, o marido falecera em 1809. Dona BARBARA aparece assumindo toda a responsabilidade das decisões e do apoio que emprestou aos filhos e aos insurretos contra o governo imperial.

Foi acentuada a sua participação na propagação e no eclosão do movimento revolucionário de 1817 no Crato, encabeçado por seu filho JOSÉ MARTINIANO. Dominado o movimento, foi obrigada a fugir para uma de suas fazendas, onde a foram prender os sicários dos imperialistas. Levada presa para Fortaleza, sob o mais impiedoso tratamento, permaneceu por vários anos nos cárceres dessa cidade do Salvador, tendo suportado todos os martírios com estoicismo, dignidade e grandeza d'alma. Sua atitude inquebrantável chegou, por fim a impressionar as senhoras da sociedade de Salvador, as quais tentaram minorar-lhe os sofrimentos. Nas prisões da cidade bahiana travou conhecimento com os mais altos revolucionários ali presos, e estes a cercaram de toda a consideração e deram-se conta do vigor de espírito da valerosa matrona.

Anistiado em 1821, volta ao Cariri e entrega-se corajosamente ao trabalho de recuperar os bens, conspurcados pelas autoridades e por seus ferrenhos inimigos. Não capitulou ante as perseguições e manteve as idéias revolucionárias por que se sacrificaram os seus filhos.

Batida pela adversidade, acabou por homiar-se na fazenda Alecrim, de um de seus parentes, no atual município de Fronteiras, e aí faleceu em 1832. Refugiou-se na supracita fazenda, quando fugiu aos pintistas de Joaquim Pinto Madeira.

Sobre esse excepcional vulto de heroína brasileira, depõe o seu bisneto TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE JUNIOR, um dos maiores críticos literários nacionais, quando aprecia a personalidade do escritor JOSÉ DE ALENCAR (Obras Críticas de ARARIPE JUNIOR, I, pág. 137).

"Creio que tudo seja explicável em um trabalho de arte; e quanto a

José de Alencar, afirma que a boa conformação de seu talento não teria tomado a direção que tomou sem a índole que recebeu com o sangue. Era êle neto de uma senhora de espírito varonil, que figurou nos calamitosos tempos em que as liberdades pátrias estiveram em perigo. Esta senhora foi a expressão mais completa do temperamento da família a que pertencia. Sanguínea e nervosa, tinha assomos irresistíveis, cogitações e deslumbramentos além do seu sexo e da educação sertaneja que recebera. Nessa época, havia uma coisa que cessou com o decorrer do tempo — o ódio ao partido português, que representava o partido da opressão; e ela, graças ao seu gênio imperioso, quando surgiu a reação, foi alvo das mais sérias acusações. Conspirara contra o rei diziam; mas a verdade era que esta senhora só fizera imitar o exemplo de CORNELIA, fortalecendo o espírito de seus filhos com a presença de ânimo inquebrantável, ensinando-lhes a não suportar ultrajes...”

A sua figura leonina não escapou à maledicência e à calúnia. Os inimigos políticos não se contentaram com a injúria física. Juntaram-se aos ódios de famílias, tão comuns naquela região, e aos recalques dos que tiveram suas ambições contrariadas pela sombronceria da heroína. A lama que um dos seus mais ferrenhos inimigos pessoais lançou contra a sua honra de mãe de família impoluta não chegou a perturbar-lhe a serenidade de sua vida de lutador. O caluniador Padre FRANCISCO GONÇALVES MARTINS, seu inimigo, se teve a alevosia repetida pela autoridade de MUNIZ TAVARES, foi inteiramente contraditado pela respeitabilidade de seu comportamento na prisão e na sociedade do sertão, onde se viu sempre cercado do maior respeito e revelou um espírito religioso, apoiado em sólida moral.

Uma de suas descendentes, da moderna geração dirá, em gesto de incontentido protesto :

“A calúnia a compear infame! Se austero não fôra o lar de BARBARA, dele não teriam surgido dois sacerdotes. Mas, ao contrário, foi um viveiro de homens, de verdadeiros homens”.

Antes de 1817, depois e mesmo até morrer, BARBARA foi a figura central da família e alvo do culto colonialista, atraindo contra si, a reação concentrada de maioria numericamente esmagadora. O prestígio do Padre MIGUEL CARLOS DA SILVA SALDANHA, como vigário do Crato, cobria o Cariri, ao lado do Capitão-Mor PEREIRA FILGUEIRAS, além do que continuava a ser político decidido ao lado dos ALENCARES. BARBARA e êle, foram até 1823, as duas pessoas de maior relevância pessoal e política no meio cratense. Compreende-se assim porque sobre ambos investira aquela calúnia.

A passagem de BARBARA pela terra, não fôra uma passagem vã. Seu ideal, sua influência dentro da época, deixara raízes profundamente plantadas no solo e na alma do heróico povo nordestino. Viu, sentiu e viveu conscientemente todos os minutos de sua existência dentro daquela agitada campanha revolucionária, dentro do lar e em tôdas as fases agudas do sofrimento máximo

que u'a mãe pode sofrer, conservando-se forte na incerteza das horas trágicas, não titubeando nunca em seu princípio libertador, em sua jornada de espinhos. Suas ações pareciam — pela determinação, pela força com que arguia — ações de homem.

Culta e destemida, para uma época inculta e covarde que lhe foi demasiadamente pérfido, demasiadamente desumana.

Não se lhe conhece, além da mesquinha acusação de GONÇALVES MARTINS, um pequeno senão, que afirme haja sido BARBARA uma mulher sem brío e sem honra.

Profundamente humana e compreensiva, tudo sofreu estóicamente. Apenas uma vez em sua vida, levantou sua voz e instaurou processo; foi quando lhe confiscaram os bens, patrimônio que ela velava com carinho porque era a herança de seus filhos, o esforço e o trabalho de muitos anos. Em política foi fiel ao princípio escolhido, princípio este cheio de verdade, e tão verdadeiro era que perdura até hoje. . .

Não havia dúvida no pensamento político da Heroína. BARBARA agiu com sinceridade e confiança, pois confiava no caráter de seus inimigos e, isso de certa forma a perdeu porque, houvesse ela guiado-se pela força de seu instinto, e teria feito o que fez BARBARA HELEODORA com sua intrepidez meio selvagem e seu excessivo amor à Pátria.

Nossa heroína agiu como cérebro, como mãe e assim passou à história como mártir; teve a desgraça de habitar prisões, perder dois filhos e um irmão, assassinados trágicamente na sanha dos contra-revolucionários. Mas a BARBARA devemos não só o exemplo de sua amargurada vida e de sua bravura como também o haver sido mãe do mais valoroso e intrépido dos heróis cearenses—TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE, e o verdadeiro esteio das doutrinas revolucionárias do Ceará, em 1817, e seu chefe em 1824, chefe e mártir". (RUTH DE ALENCAR — BARBARA DE ALENCAR — A heroína caluniada nos tumultuosos dias de 1817 — Tese publicada em Jangada, ns. 10 e 11, 1952).

*
* *
*

CORRIGENDA — Na genealogia escrita, no número anterior de ITAYTERA, primeira parte, há uma correção a fazer:

A pág. 151, entre os nomes de Antônio da Franca Alencar e Bárbara Ferreira do Alencar, deve-se introduzir a seguinte lista de nomes, que ficaram, à pág. 152, da mesma revista:

ARCÂNGELA (ou ARCANJA) DE ALENCAR — 1-5.8.3

e

PEDRO ALVES DE MELLO LABATUT (assassinado em Fortaleza).

- ALEXANDRINO DE MELLO ALENCAR 1-5.8.3.1
 ANA AMÉLIA 1.5.8.3.2 ADELAIDE ANTUNES DE ALENCAR
 c. c. TRISTÃO ANTUNES DE 1.5.8.3.2.1
 ALENCAR c. c. AUGUSTO GURGEL DO AMARAL
 JOSEFA 1.5.8.3.3
 PEDRO 1.5.8.3.4
 ADELAIDE ANTUNES DE ALENCAR 1.5.8.3.2.1
 e
 AUGUSTO GURGEL DO AMARAL
 ANTONIETTA 1.5.8.3.2.1.1
 c. c. CANDIDO BORGES CASTELO BRANCO, falecido em tenra idade
 FRANCISCO 1.5.8.3.2.1.1.1
 CÂNDIDO DE ALENCAR CASTELO BRANCO funcionário do Banco do Brasil
 1.5.8.3.2.1.1.2
 JOÃO 1.5.8.3.2.1.1.3 falecido em tenra idade
 MARIA DE LOURDES 1.5.8.3.2.1.1.4
 HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO general de divisão 1.5.8.3.1.1.5
 c. c. ARGENTINA VIANA ...
 ANA 1.5.8.3.2.1.1.6
 BEATRIZ 1.5.8.3.2.1.1.7
 LAURO DE ALENCAR CASTELO BRANCO 1.5.8.3.2.1.1.8

Continua

BOLETIM DE ANTROPOLOGIA

A Universidade do Ceará que completará 10 anos de fundação, em Junho de 1965, dirigida pela competência do Reitor Antônio Martins Filho, marcou nova era para a cultura cearense. Sem exagero nenhum, Fortaleza é agora sede de movimento intelectual e educacional, sem par, em qualquer centro importante do norte do país. A IMPRENSA UNIVERSITÁRIA está com programa vastíssimo a publicações de livros e nesse sector, o Ceará vem sendo recordista em todo

o setentrão brasileiro. Suas revistas especializadas são igualmente de primeira. É o que sucede com o BOLETIM DE ANTROPOLOGIA, dirigida pelo cientista de renome internacional Prof. Tomás Pompeu Sobrinho e com assistência técnica do Prof. Francisco de Alencar. Nesse sentido, a Universidade do Ceará, através de seu BOLETIM e de seu grupo de pesquisadores antropológicos, pode equiparar-se aos mais adiantados centros não só do Brasil, como do universo.

Brasil do Chapéu de Couro

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Severino Uchôa é poeta, escritor e folclorista, de Aracaju, a mimosa capital de Sergipe. É homem inteiramente voltado para a gíria nordestina. Tem sensibilidade e seus versos são frutas deliciosas do mato, que nos enchem a alma de emoção. Sua poesia brota espontânea, decantando a terra. Contamina-nos de singeleza e de alegria. Sentimos nela o cheiro bom do sertão, em tempo de inverno. Noutras ocasiões, com êle também choramos, quando o panorama se transmuda com as sêcas e outras calamidades que afligem o Nordeste heróico e bom. Uchôa é poeta cento por cento nordestino. Sabe cantar, com sentimento, o homem, a natureza, as cenas bucólicas e tôda essa paisagem a que nos habituamos a ver e a conviver com ela, desde os bons tempos da meninice. Com seus versos, sentimos também alegria, nostalgia, revolta e tudo quanto traduzem, ao vivo, aquelas páginas vividas de o BRASIL DE CHAPÉU DE COURO :

“Sertão dos saracoteios
Ao som de fole e ganzá,
Das cercas de grava'á,
Das alpercatas de arreios,
Dos bodes pais de chiqueiro !
Meu sertão das vaquejadas,
Das côcos, das emboiadas,
Cem por cento brasileiro !

Sertão de estribos e selas,
Dos baús de couro crú,
Sertão do mandacaru,
Dos currais e das cancelas
Entre a colcha de retalhos
Da terra sinfonizada
Com o canto da passarada
E o titintar dos chocalhos!"

Pode haver uma coisa melhor do que isso? Parece que a gente volta ao sertão e vai reviver tôda aquela beleza descrita e decantada pelo poeta.

Em literatura, o Brasil já se encontrou a si mesmo. A grande diferença do homem de letras atual, é que êle deixou os temas de cunho europeu, ou oriundos de outras paragens, para dedicar-se, de corpo e alma, aos motivos inteiramente nossos. Até o cantador de pé-de-violão está servindo de modelo aos intelectuais de hoje.

O poeta também não é só o cantor embevecido da natureza. Rimando ou não rimando, exerce uma ação de cunho social. Severino Uchôa aponta êrros, em seus versos, como qualquer vemente jornalista, nas colunas da imprensa. Combatendo o DESFLORESTAMENTO, calamidade pública que nos veio do ameríndio, com a coivara, diz:

"Pela inclemência tórrida da luz
Em parte, são culpadas multidões
De colonos armados de arcabuz
Que a floresta reduziram nos sertões.

Baraúnas, angicos, mulungus,
Tomaram para o fogo ou as construções
Com que Ramalhos e Caramurus
Erguram fortes e povoações.

E a mata retentora da unidade
Foi-se extinguindo aos poucos, lentamente,
Deixando que a excessiva claridade

Do sol, estrêla velha incendiada,
Agisse tão impiedosamente
Sobre a terra combusta e devastada!

Quase todo o mundo que combate a poesia e o poeta, é porque os julga aéreos, fora do tempo e nada possuem de utilitário. Severino Uchôa comprova que se pode combater um erro multi-secular, com versos bonitos.

Mas, êle faz também versos caboclos no linguajar sertanejo, tal qual o vate iletrado do sertão :

“Os meus irmão arrojado,
Cada qual mais tabaréu,
São quem trata dos roçado,
Quem levanta arranha-céu;

Abre as estradas do mato,
Ginga em cima da jangada,
Pesca piaba em regato
Toma conta das boiada !

São puetas cantadores,
São marechais de pileque
E os grande reprodutores
Que nos fornece moleque,

São tropêros, trovadores,
Peregrinos do Sertão
Que dormem sem cobertores
No rancho ou no barracão !

Não há página mais bonita do que o realismo com que êle canta a NEGRA BARBINA :

“Negra que sabe adular toda gente
Chamando de amô, beleza, meu bem,
Basta que veja qualquer um contente
Que ela se mostra contente também.
Negra Barbina de mãos feitiçeras,
Bondosa, indulgente, alegre e servil
Trazer mais carinho e afeto ao Brasil !
Que veio em alguma das naves negreiras

O livro de Severino Uchôa, editado pela EMPRÊSA GRÁFICA O CRUZEIRO, do RIO, é assim, todo cheio de puro encantamento.

Petrolina

SINHARINHA GRANJA

Revejo-te no caleidoscópio da memória, com as tuas ruas tranquilas banhadas de sol, com tuas noites de luar argenteando o velho rio pontilhado de “paquetes” com suas velas brancas enfunadas desafiando o vento...

Revejo com a alma genuflecta, a majestade de tua Catedral de torres finas como lápis jogados ao infinito, escrevendo nos céus o nome de Deus! Seus lindos vitrais de rico colorido inundando de reflexos multicores o recinto sagrado. Parece que estou a ouvir os sons plangentes de seus carrilhões, chorando a ausência do grande antístite que idealizou e executou obra tão monumental, imortalizando-se na lembrança de teus filhos reconhecidos.

Revejo com indelevel saudade, o novenário festivo de N. S. Rainha dos Anjos, na igreja branca e singela, com a indefectível “Noite dos Paqueteiros”! — Vejo-os desfilando jubilosos e contritos, diante do altar da Mãe Celeste. Formavam, eles, um grupo heterogêneo, havia brancos e pretos, jovens iniciantes e velhos de músculos rijos, temperados nas lutas enfrentadas com o velho “Chico” nos seus dias de procela.

Revejo o teu suntuoso Colégio N. S. Auxiliadora, onde a tua juventude sequiosa do saber, vai desalterar a sua sede de conhecimentos, ministrados pelas insígnas mestras Salesianas, lídimas representantes de D. Bôsko; sem esquecer também, o grande salão recreativo, onde tive oportunidades felizes de ouvir a palavra inconfundível do excelso orador sacro — D. AVELAR BRANDÃO VILELA.

Mas, há um lugar preferencial, no meu roteiro de saudades. É um solar que se demora num dos teus recantos, afastado do bulício central, no qual reside uma família privilegiada, que tem por chefe um varão de cabeça toucada pela neve do tempo, cavalheiro na acepção do termo, detentor de virtudes raras e imarcescíveis. — Sua esposa, um paradigma de bondade e mansuetude, “prudente como Sara, sábia como Rachel...” Os filhos inteligentes e bons, completam a harmonia desse lar venturoso, templo de paz, onde se celebra

diariamente o ritual da caridade e da fé! Era ali o meu refúgio nas horas de desalento, e, de lá nunca voltei sem o conforto espiritual que buscava para enfrentar as vicissitudes da vida.

E neste desfilar de recordações, deixo-te, Petrolina — PRINCEZA DO MEU SERTÃO — debruçada à margem do São Francisco, na contemplação incansável de suas águas barrentas, ora tranquilas, ora encrespadas pelos vendavais, assemelhando-se às mutações que sóem acontecer no destino das criaturas.

Tenho certeza de que, ao nos encontrarmos um dia, tu serás a mesma cidade garrida e feliz, mas, talvez não reconheças tua velha amiga, tamanho é o acervo de desencantos que lhe estigmatizam a alma.

Nesta mensagem de afeto que te mando no início do Novo-Ano, faço minhas, as palavras de Fernandes Távora ao se despedir do Senado Brasileiro: “Comigo permanecerão as saudades, êsses invisíveis e inquebrantáveis elos que, através do espaço e do tempo, aproximam num grande e harmonioso amplexo, os mais distanciados e dispersos membros da comunidade humana”.

“Unidas pelo pensamento, ai continuarei a viver, pois elas (as saudades) no seu “delicioso pungir de acerbo espinho” de ti farão sempre presente ao meu pensamento e ao coração!”

BIOGRAFIA DO EXMO. SNR. GENERAL TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

General Tristão de Alencar Araripe, ex-Ministro do Superior Tribunal, reformado em 1964, é dos mais brilhantes oficiais de nossas forças armadas. Intelectual de valor, é colaborador de nossa revista ITAYTERA, estando a publicar, presentemente, a genealogia da FAMILIA ALENCAR. Sua folha de serviço ao Brasil é das maiores. Os OFICIAIS DA 5ª. REGIÃO MILITAR e o 5º. D.I., do Paraná, fizeram-lhe homenagem publicando a sua biografia que foi atualizada em 1958.

Por ela a gente pode ver quão foi brilhante a carreira das armas daquele oficial, membro ilustre da família Alencar. É ele bisneto dos heróis de 1824 — Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e Ana Triste de Alencar, sendo, portanto, descendente da heroína Barbara Pereira de Alencar. Nasceu no Espírito Santo, filho do engenheiro Dr. Túlio de Alencar Araripe e esposa Dona Antonieta da Silva Araripe. Por todos os títulos é uma honra das forças armadas nacionais.

NO TEMPO DOS CORONÉIS :

Um Touro da Ponta Baixa Tresmalhado em Campo Alegre

C a r l o s F e i t o s a

A Vila de Bebedouro, hoje Cidade de Aiuaba, em tempos recuados, chamou-se Campo Alegre, cujo batismo recebeu-o do Mons. Leopoldo Feitosa (Pedro Leopoldo de Araújo Feitosa, Cura da Sé de Fortaleza e autor do livro BELEZAS DA RELIGIÃO, saído a lume em 1899, hoje raridade bibliográfica, um excelente in-8 de 172 páginas, confeccionado nos Ateliers-Louis, em Fortaleza), como se pode ver no jornal católico que se editava na Capital, "A Verdade", tiragem n.º 9, de 24 de Setembro de 1893.

Três anos depois daquela divulgação do Mons. Leopoldo, quando o Pe. Irineu Pinheiro Lôbo de Menezes, Vigário de Saboeiro, mudou a sede da Freguezia para o florescente e simpático Povoado de Campo Alegre, aí permanecendo de 1896 a 1897, crismou-o com o mesmo nome e muito contribuiu para a sua fixação ("A Verdade", de Baturité, de 22 de Maio de 1960), sem, contudo, haver predominado.

Atualmente, esta denominação só existe na memória dos mais velhos, nos assentos eclesiásticos e nos registros dos jornais. Aiuaba é a versão, na língua indígena, do topônimo Bebedouro, que mudou de predicativo, em virtude de apelido homônimo, mais antigo, no Estado de São Paulo.

Nos tempos de Vila, a festa de sua Padroeira, Nossa Senhora do Patrocínio, atraía peregrinos de São Paulo e do Rio, na pessoa de seus filhos ausentes. De Pernambuco vinham caravanas constituídas de homens e mulheres, parentes dos filhos da terra ou apenas amigos e, ainda, simplesmente, compradores de animais integrados no meio, todos montando fogosos cavalos bem zelados. De suas redondezas, a afluência das famílias era grande.

Demos a palavra ao Mons. Leopoldo, para falar a respeito da festa e de sua concorrência:

"Teve lugar no dia 15 de Agosto próximo passado, na Capella de N. S. do Patrocínio do Campo Alegre a collocação

de uma nova Padroeira, linda e rica imagem vinda da Bahia.

E' preciso fazer justiça ao bom povo da pacifica e sympathica Povoação do Campo Alegre, cujo sentimento de verdadeiro patriotismo e religião tem sido testemunhado por mais de uma vez. A festa do dia 15 de Agosto alli além de muito animada muito concorrida pelas famílias as mais importantes dos altos sertões dos Inhamuns" (jornal citado).

A estas festas não faltava o Cel. Leandro da Barra (Leandro Custódio de Oliveira e Castro), que se arranchava em casa do amigo e correligionário político Agostinho Romeiro de Melo, avô do Deputado Edival de Melo Távora.

Numa destas ocasiões, estando a festa bem animada, D. Leonarda (Leonarda do Vale Feitosa e Castro), esposa do Cel. Leandro, dá por sua falta.

Como já viesse suspeitando de suas visitas a uma certa d. Ernestina, casada, mas separada do marido, de quem as senhoras da povoação vinham nutrindo fortes desconfianças de relações ilícitas com seus maridos, D. Leonarda chamou um caboclo de sua confiança e o mandou procurar o esposo.

O positivo, que já vigiava o patrão, não teve tempo a perder, foi direto à casa de D. Ernestina. Encontrando-o, deu-lhe o recado da patroa.

O Cel. Leandro, apanhado em flagrante delito e conhecedor do gênio da consorte, disse para o seu fiel espreitador:

— Não diga a Siá Dona Leonarda onde eu estava.

O velho servidor, que em outras situações estaria ao lado do amo, até mesmo com o risco de sua preciosa vida, meio desconcertado, foi-lhe franco:

— Seu Curuné Liando vamice mi adisculpe, mas eu vou dizê a Siá Dona Lunarda onde vamicê tava. Ela dixeu qui era prumode eu dizê.

O Cel. Leandro ficou desapontado com a franqueza do cabra, mas logo reanimou-se e foi ao encontro da mulher, que lhe armou briga grande, aproveitando-se da presença dos parentes mais representativos da família, a fim de lhes chamar a atenção para as infidelidades do marido, e fazer prova disto perante eles que, embora fôsem conhecidas por tódos, sempre lhe negavam, por conveniência e para não estimular desarmonia no casal.

Com a intervenção de alguns parentes, sobretudo do seu hospedeiro, a questão ficou acomodada com o acôrdo da retirada de D. Ernestina do lugarejo, concertando-se sua viagem para Humaitá, a Senador Pompeu de nossos dias.

Agostinho Romeiro logo prontificou-se a providenciar a montaria de D. Ernestina, mas, o Cel Leandro foi categórico em que o transporte seria fornecido por ele, alegando ser o causador do transtôrno.

Como matéria de conciliação, e para que o Cel. Leandro não ficasse inteiramente derrotado, condição que êle não admitia por hipótese alguma, prevaleceu a sua vontade, ficando o aprestamento da viagem a cargo de Cipriano Alves Feitosa, residente m Barreiras, do Município de Aiuaba.

Feita a viagem, e regressados os animais, Da. Leonarda não quis mais receber, em sua fazenda, a cavalgadura montada por Da. Ernestina, muito embora fôsse de estimação e pertencesse à sua sela, para não recordar mais as horas amargas por que passou. Para se desfazer do belo cavalo, fêz doação dêle a Cipriano, com arreios e tudo, pois que não se sentaria mais na sela em que viajou a sibila.

Conta-se que esta história de Da. Ernestina viajar no cavalo de sela de Da. Leonarda, e com os seus arreios, foi uma vingança do Cel. Leandro pelo fato de a espôsa haver desfeito o ninho de amor. Porém, ela soube dar a resposta altiva, desfazendo-se dos bens de estimação que serviram à amada fugitiva. Entre as reliquias que possuiu da família Feitosa, encontra-se o estribo da sela em objeto, um bonito sapatinho de metal branco, semelhante prata.

*
*
*

Encerrado o incidente, e acabada a festa, cujos últimos dias pareciam melancólicos ao Cel. Leandro, veio a saber do fato o seu amigo e parente, Seu Feitosa do Cococá (Joaquim Alves Feitosa Sobrinho) que, não obstante muito amigos, mantinha despeito galhofeiro um pelo outro, que se estendia às próprias fazendas, cada qual gabando melhor a sua. Isto, no entanto, não impediu que duas filhas únicas do Cel. Leandro se casassem com dois irmãos filhos de Seu Feitosa.

E' sabido de todos que Da. Luzia (Luzia da Costa Alves Feitosa), digna consorte de Seu Feitosa do Cococá, procurou

alfabetizar os caboclos com quem lidava e ensinou-os a andarem engomados aos domingos e dias de festas, e a tratarem as pessoas com palavras que denotavam melhor educação, como Sim Senhor por Nhô Sim e Vossimicê por Vamicê, como usavam os da Barra. Tornou-se proverbial esta maneira de se distinguir os de uma dos de outra, pela simples emissão das palavras Sim Senhor e Nhô Sim. Da. Luzia havia estudado no Colégio Imaculada Conceição, de Fortaleza, que, no seu tempo, era dirigido por religiosas de nacionalidade francesa.

Por via dêste despeito entre as duas casas, a da Barra e a do Cococá, Seu Feitosa não deixou passar a oportunidade para chacotear o parente e amigo que, no seu retiro de amarguras, estava curtindo as suas desventuras em Campo Alegre, que se lhe tornou um campo triste com a ausência de Da. Ernestina.

O Cel. Leandro tinha um ôlho um pouco mais baixo do que o outro. Seu Feitosa, senhor do que havia se passado com o parente e se apercebendo do seu sinal físico, resolveu tocá-lo o ferrão ferindo o coração feroso e, ainda não curado dos desgostos sofridos. Assim chamou um morador e despachou-o à Barra, com um recado que foi dado por esta forma :

— Seu Feitosa mandou preguntá a vossimicê se num dava notiça dum touro da ponta baixa pastando pros lado de Campo Alegre ?

Percebendo a finura do espírito do velho parente, como um novilho amuado, o Cel. Leandro arrancou de sua cadeira possesso e gritou foribundo :

— O que cabra atrevido !...

HOMENS PÚBLICOS NÃO TÊM ESQUECIDO O INSTITUTO

O Instituto Cultural do Cariri que, além de outras atividades, mantém ininterruptamente a revista ITAYTERA que cada vez mais se firma no conceito publico, tem recebido a ajuda de vários parlamentares e administradores. Muitas vêzes, as subvenções são cortadas ou reduzidas, mas isso não significa a má vontade dos criadores de tais verbas, reduzidas por motivos superiores. Destacamos as se-

guintes figuras, que bem compreendem o espirito do I.C.C.: Senador Wilson Gonçalves, deputados federais Martins Rodrigues, Jairo Brun, êste do Rio Grande do Sul, Leão Sampaio, Osian de Alencar Araripe, Jorge Furta-do Leite, o deputado estadual Mozart Gomes de Lima, o prefeito Pedro Felício Cavalcanti, os vereadores José Kleber Callou, José Bantim, com o totalidade da Câmara Municipal do Crato.

Major Otaviano Cícero de Alencar Araripe

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DESSE ILUSTRE CEARENSE

Tristão Gonçalves, o inolvidável patriota imolado em Santa Rosa, filho da heroína Barbara de Alencar, teve os seguintes filhos: Xilderico, militar, falecido no cerco de Uruguayana em 65; Neutel, Aderaldo (avô do prefeito Raimundo Araripe), Carolina, Maria, Tristão, ministro de Estado e da actual Suprema Côrte, uma das legítimas glórias do Brasil, D - lencarlense, militar, e Pedro Jaime.

Este nasceu na cidade do Crato, a 17 de Setembro de 1809 e casou-se em Quixeramobim, a 23 de Outubro de 1835 com Isabel Valdimar de Araripe, filha do tabelião público dessa localidade, José Joaquim da Silva Lobo e sua mulher, dona Simôa da Silva Lobo, oriundos do Assú, no Rio Grande do Norte. (1)

Foi professor público, Juiz de Paz, Juiz de Direito, Capitão e, depois, Coronel da Legião de Quixeramobim, onde chefiou o antigo Partido Liberal.

Ali faleceu a 3 de Julho de 1862, tendo havido, de seu aludido consorcio, 14 filhos, entre os quais nos cumpre lembrar os nomes dos professores Antonio Jaime e Pedro Jaime de Alencar Araripe, filho, tradicionais chefes políticos e deputados provinciais do regimen passado, e o advogado Otaviano Cícero de Alencar Araripe.

Antonio Jaime viveu em Bôa Viagem, Jardim e Quixeramobim. Deixou numerosa prole, da qual se destacam os filhos Antonio e Pedro, altos funcionários da Imprensa Nacional, e vários netos titulados por Escolas Superiores. (2)

Pedro Jaime, além de professor público e deputado, cujo nome se salientou no parlamento provinciano, foi habil causí-

dicc, casou-se em Maria Pereira, na família Benevides, deixando vultosa, e ilustre descendência disseminada notadamente naquêle e nos municípios de Senador Pompeu e Iguatu. (3)

Desses três irmãos, bisnetos da celebrada heroína cariense, Otaviano era o mais moço, pois que nascera a 22 de Março de 1849, quando foi batizado, em Quixeramobim, pelo padre José Joaquim Bezerra de Menezes.

Coubê-lhe exercer o cargo de escrivão da Coletoria Geral de Quixeramobim, ao tempo da gestão do cel. Silva Souza, tabelião público e escrivão do geral de Pereiro, onde permaneceu durante cerca de 25 anos, escrivão de orfãos, interino, de Fortaleza e promotor de Justiça de Jaguaribe Mirim, Senador Pompeu, Tauá, Icó, Jardim e Lavras.

Comissário encarregado da direção da distribuição de gêneros aos flagelados da sêca de 77, nessa Capital, nesse tocante prestou, ao lado de João Cordeiro e outros patriotas, relevantes serviços à coletividade.

Esteve, durante vários anos, á frente da política do município de Pereiro e foi votado para deputado provincial pela corrente que, na monarquia, dirigiu o barão de Ibiapaba e, depois, o comendador Nogueira Acioli.

No fôro o major Otaviano teve justa nomeada ao tempo de sua atuação nos termos que perlustrou.

Dotado de inteligência e memoria fulgurantes, valia a pena ouvi-lo discorrer sobre qualquer instituto jurídico.

Versava-o geralmente com facilidade, acorde com os ensinamentos bebidos nas velhas Ordenações filipinas e na legislação subsequente.

Doutrinadores e praxistas, de Borges Carneiro, Lobão e Pereira e Souza, a Teixeira de Freitas, Ramalho e Clovis Bevilacqua, todos lhe eram familiares.

Como causidico, no interior do Estado, figurou entre os que ali mais se destacaram no exercício daquela nobilitante profissão.

Aos conhecimentos teóricos de direito, que aprendeu com facilidade, graças a sua notável intuição, juntava-se a longa prática cartorária, que adquirira durante anos de vida como notário público.

Poucos lhe levavam a palma em matéria de prática forense, de que podia se ufanar de ser um exímio conhecedor.

Fora do terreno das letras, a sua invulgar inteligência salientava-se no estudo de nossa formação genealógica e política.

As famílias cearenses, quase todas lhe eram conhecidas em suas diferentes linhagens e, até mesmo, em circunstâncias especiais, em que estiveram envolvidos alguns de seus membros.

A esse respeito, bem como quanto aos fatos ligados às diversas facetas da política outrora reinante no Estado, poder-se-ia dizer que discorria como um dos mais fiéis e autorizados mestres.

Em matéria de religião, era católico praticante dos mais fervorosos.

Homem profundamente pacífico e generoso, de gestos e atos de sobrançeria e desprendimento fôra do comum, era bem, o major Otaviano, um desses raros varões antigos de sentimentos apurados, que hoje tanto se escasseiam.

Casou-se três vezes: a primeira, a 3 / 1 / 1872, com a prima Matildes de Araripe Sucupira, filha de seu tio Neutel e irmão do coronel do exercito Tristão de Araripe Sucupira, morto em Canudos; a segunda, com dona Rita Cavalcanti Araripe, filha de Alberto Cavalcanti de Moraes Rego, rebento da família Feitosa, habitando o município de Paus dos Ferros, no R. G. do Norte, e a terceira com d. Joana Caminha Gondim Araripe, jardinense, que lhe sobrevive. Desse último consorcio, deixa um filho — José Caminha Alencar Araripe, que cursa o 4.º ano do Seminário do Crato. (4)

O casamento com Matildes, que era neta legítima do conego José Ferreira Lima Sucupira, vigário de Fortaleza e deputado geral pelo Ceará, realizou-se nesta capital em casa do cel. João Câmara, amigo íntimo da família.

Desapareceram, cedo ainda, os filhos havidos desse consorcio.

O segundo, celebrado no termo de Pereiro, deu ao casal avultada prole, sobrevivendo-lhe 9 filhos: Tristão, residente no Acre, com duas filhas, Nini e Araripina, aquela casada com o promotor de Taruacá, dr. Dornelas Câmara; Ovídio, do alto comércio de Rio Branco, Acre; Cícero, funcionário municipal, residente nesta capital; Antonio, bacharel em direito e advo-

gado, ex-prefeito do Crato, suplente de deputado federal do P. S. D. e membro da Executiva dessa agremiação; Amélia, casada com Antonio Jaime Araripe, ex-prefeito de Aurora, onde reside, com dois filhos; Quintílio, doutorando de medicina em Recife, o Jaime, academico de direito; Maria, Alice e Socorro, esta professora, inuptas. (5 e 6)

Dona Rita Araripe, faleceu em 1918 em Lavras, encontrando-se os seus restos mortais recolhidos a túmulo especial, construído pela família, no Crato.

(1) João Brígido, registro do UNITARIO:

"O patriota José Joaquim da Silva Lobo, a quem se refere a testemunha Acioli,, era oriundo do Assú, família Camara Cabral.

Negociou no Icó, onde caiu em estado de insolvência, e pronunciando-se pela revolução escapou de ser vítima de um bando de cabras corcundas.

Logrou retirar-se para o Rio Grande do Norte, retornando, depois, para a Fortaleza, onde conseguiu ser nomeado Tabelião de Quixeramobim".

(2) São netos do Professor Antonio Jaime: o Coronel Celso Freire de Alencar Araripe, que ora comanda um Regimento de Artilheria em São Paulo, e o médico carioca dr. Lauro de Alencar Araripe.

(3) A descendência do Prof. Pedro Jaime reside, sua maior parte, em Mombaça e Fortaleza, constando da mesma o chefe político local José Jaime, da UDN, o diretor do Departamento Administrativo do DNOCS Augusto Jaime, e os industriais Elcias e Antonio Jaime.

(4) J. C. Alencar Araripe é o atual Diretor do diario O POVO.

(5 e 6) Araripina é casada com o comerciante Antonio Fecuri, da praça de São Luis, e tem 3 filhos.

São genros de Ovídio: o dr. José Rui Lino da Silveira, atual Governador do Território do ACRE, o médico dr. Eldon G. Cariri e o dr. Jaime de Alencar Araripe, juiz de direito de Itapipoca.

De Cícero procedem: Luiz, médico, Jairo, engenheiro civil, Ossian, deputado federal, Maria de Fátima, médica. São seus genros os drs. Mario Maméde e Aristeu Andrade.

Antonio, além do prefeito do Crato, 2 vezes, e Delegado Seccional do Recenseamento, conta doze anos de atividade no parlamento nacional. E' o presidente do Banco do Nordeste do Brasil. São seus filhos: Jesio e Jelas de Alencar Araripe, advogados, e genro o Juiz de Direito de Recife, dr. Aderson Antão de Carvalho.

Quintílio é médico em Fortaleza e Deputado Estadual, em duas legislaturas.

Revista do Arquivo Público de Alagoas

J. de Figueiredo Filho

Alagoas é dos estados mais tipicamente nordestinos. Possui dos mais ricos folclores do Brasil, pois, nos seus engenhos de açúcar, na zona de criatório e em suas belíssimas praias habitadas por população numerosa de pescadores se processaram das mais intensas fusões das raças e culturas formadoras do elemento genuinamente nacional. Entre os séculos XVIII e XIX, povoadores originários de Alagoas, Sergipe e Bahia deixaram traços profundos na zona caririense do Ceará. Ainda hoje, sertanejos daquelas paragens atraídos pela figura do Padre Cícero Romão Batista, enchem a cidade caririense de Juazeiro do Norte, com seu trabalho e influência.

Na tradicional e atraente terra do SURURU haveria de formar-se uma cultura intelectual inteiramente voltada para terra e por conseguinte, totalmente brasileira e nordestina.

Alagoas deu contribuição decisiva às letras, ciências e artes do Brasil, no passado e com sua marca inteiramente do Nordeste. Mas, a sua presença no movimento intelectual do Brasil de hoje continua bem atuante e segura.

Em 1962, a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura lançou a REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DE ALAGOAS, que é verdadeiro monumento escrito erguido, sólida e indestrutivelmente à cultura do bom, inteligente e ativo povo da terra dos Marechais. Um grupo de homens da inteligência a realizou, sob a direção de vulto que não sabe esmorecer diante de qualquer dificuldade —, o seu diretor — MOACIR SANTANA.

A revista que contém 390 páginas, bem impressas, trabalho gráfico da IMPRENSA OFICIAL, de Maceió, poderia honrar a qualquer dos meios mais evoluídos do Brasil contemporâneo. Além da apresentação pelo Dr. Deraldo Campos, Secretário de Estado dos Negócios da Educação e Cultura, notas, lista dos governantes de Alagoas, no período republicano, e outros assuntos, há a seguinte colaboração especial, naquela publicação:

“Labatut nas Aiagoas”, de Abelardo Duarte; “Grandjean de Montigny: Autor da Planta da Catedral” — Monse-

nhor Cicero de Vasconcelos; "Sôbre a Criação da Vila Nova da Assembléia" — Elói Brandão Sá; "Três Igreja Maceioenses" — Felix Lima Júnior; "A Fotografia em Maceió", de L. Vavenére e o diretor da revista — Moacir Medeiros de Santana; "Contribuição para a História da Medicina em Alagoas", de Renan Falcão; "Um Brasão de Armas e uma Bandeira para as Alagoas" — Théo Brandão e "Ancianidade de Santa Luzia do Norte — de Werter Brandão. Há também, na REVISTA ARQUIVO PUBLICO, oportunas transcrições e variado noticiário da vida cultural de Alagoas.

Ainda em dias do presente ano, tive a feliz oportunidade de passar alguns dias, em Maceió, e poder assim admirar de perto, o movimento intelectual que se passa ali, dos primeiros do Nordeste. Fui hóspede do escritor Felix Lima Júnior e estive em contacto permanente, acompanhado de minha senhora, do folclorista Théo Brandão, seu irmão e meu colega de profissão Werter Brandão e da escritora Guiomar Alcides, recém-eleita para a Academia Alagoana de Letras e com novo livro, há pouco editado — SÃO MIGUEL DOS CAMPOS. Maceió é cidade que atrai todos aquêles que a visitam e a gente ainda fica mais encantado se tiver um guia do quilate do escritor Felix Lima Junior, ótimo cronista da cidade e seu eterno namorado.

Gostei do dinamismo de seu povo, administradores e sobretudo, de seus escritores que não sabem o que é repouso. O movimento de publicações de livros em Maceió é impressionante e a IMPRENSA OFICIAL, ocupa o lugar mais destacado, cumprindo, á risca, a orientação o atual secretário da Educação e Cultura — Dr. Deraldo Campos.

Visitei, naquela encantadora cidade, o museu do Instituto Historico de Alagoas. E' riquíssimo em reliquias históricas, mas o acervo que possui da antiga arte marajoara é de nos esterrecer. Ladisláu Neto, alagoano, dos maiores vultos da etnologia brasileira, foi dos melhores devassadores do segredo artistico dos antigos habitantes da Ilha do Marajó, da pre-história. Dali conduziu para Maceió, cabedal enorme da inextinguível cerâmica marajoara. Convém um passeio a Maceió para conhecer-lhe a boa gente, seus homens de letras e os encantos, sem par, daquela prodigiosa terra, tão prodiga em tudo quanto é bom.

O NEGRO E O GARIMPO EM MINAS GERAIS

Aires da Mata Machado Filho é dos intelectuais mais brilhantes de Minas. Filólogo de renome, cronista da imprensa de primeira, professor dos mais competentes, ainda é dos mais conhecidos folcloristas nacionais. Sua presença nos principais congressos de folclore do país tem sido das mais atuantes e esclarecidas. Recebi, pessoalmente, em Belo Horizonte, em sua agradável residência, quando me ofereceu um típico serão familiar mineiro, o seu livro **O NEGRO E O GARIMPO EM MINAS GERAIS**. Constitui estudo minucioso do trabalho e da vida de elementos que escrevero na mineração de Diamantina que também é a terra natal do escritor. É bela contribuição para o estudo do folclore e da etnologia, no período da mineração, sendo pesquisa que, mais uma vez, mostra a argúcia e a inteligência de Aires da Mata Machado Filho.

Em Crato, ainda no decorrer do presente ano, tivemos a grata satisfação de receber a visita do emérito escritor mineiro, para um curso de língua portuguesa, na Faculdade de Filosofia. Veio acompanhado de sua Exma. consorte — Dona Solange. Foi dos cursos mais proveitosos que já tivemos nesta cidade. Aires da Mata Machado Filho, senhor de vasta e sólida cultura, tem o condão de transmitir, como verdadeiro didata, o seu pensamento a qualquer ouvinte. Teve ocasião de visitar diversos pontos da região e na imprensa de Belo Horizonte, externou sua admiração pelo muito que se faz em Crato e no Cariri, no tocante ao desenvolvimento cultural e econômico. Constituímos em sua pessoa dos grandes amigos de nossa terra.

Aires da Mata Machado Filho, é um

patrimônio cultural de todo o Brasil, com ressonância no estrangeiro. Mas, acima de tudo, é a encarnação da bondade e da hospitalidade mineiras, mais ainda revigoradas na esplêndida terra das Lavras Diamantinas. O coração do filho daquele bom pedaço de Minas Gerais é mais precioso do que as gemas preciosas que saíram de seus garimpos, regados com o sangue do negro de origem africana e de outros farscadores, heroicos construtores enônimos deste nosso Brasil.

J. F. F.

A UNIVERSIDADE DO CEARÁ E O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Fiel ao seu lema "O UNIVERSAL FELO REGIONAL", a Universidade do Ceará, fundada, há nove anos, graças aos esforços de seu dinâmico Reitor Antônio Martins Filho, vem prestando a mais decisiva cooperação ao Instituto Cultural do Cariri. Não tem faltado à nossa entidade de cultura a ajuda em todos os campos de sua atividade. A própria edição da revista **ITAYTERA**, em seu oitavo número, dada à modicidade de preço que a Imprensa Universitária cobrou, foi quase um presente.

No ano vindouro, a Universidade do Ceará completará dez anos de profícuas atividades, com comemorações excepcionais, notadamente no tocante ao campo cultural. Várias edições e reedições anunciarão a passagem daquele decênio da instituição que foi o fator preponderante do atual desenvolvimento intelectual da terra cearense, que não encontra similar noutra recanto do norte brasileiro.

O JUMENTO, NOSSO IRMÃO

J. DE FIGUEIREDO FILHO

O lançamento de "O Jumento, Nosso Irmão", com retumbância, em todo o país e até mesmo no exterior, marcou, não somente uma vitória pessoal do autor — Padre Antônio Vieira, como do próprio interior cearense. O litoral, de pouco a pouco, começa a ceder terreno, no campo da cultura intelectual, aos centros interioranos. Otrora, ninguém, por valor que tivesse, teria a coragem de lançar um livro, residindo em cidade pequena, encravada em plena interlândia. Isso agora já não constitui mais novidades. Em plena zona central, mesmo no Nordeste Brasileiro, há cidades líderes, no terreno cultural, a exemplo de Crato, Campina Grande, Mossoró e Iguatu que desponta pujante, além de outras. Sentimos-nos satisfeitos de registrar esse fato, pois, a valorização do interior é dos programas básicos do Instituto Cultural do Cariri.

O Padre Antonio Vieira, teve a sua primeira formação jornalística, em modesto semanário cratense. "A AÇÃO", que ainda hoje vive e pulsa pujante.

E' dos sacerdotes mais brilhantes do clero cearense. Mantém crônica diária em "O POVO", de Fortaleza, podendo equiparar-se aos melhores comentaristas do Brasil. E' inteligente, perspicaz e, muitas vezes, veemente em sua linguagem, quando defende a verdade, ou

seus pontos de vistas feridos.

O JUMENTO, NOSSO IRMÃO foi recebido, de norte a sul, com os maiores aplausos. E' livro original, de conceitos inéditos, em torno de um tema universal. O livro, cheio de coisas regionais pitorescas em torno do tão caluniado e sofredor jerico, possui igualmente caráter geral. E' erudito. Convém vermos amostra de seu estilo agradável, logo em seu prefácio, com o título — NÃO LEIA ÊSTE LIVRO...

"O JUMENTO, NOSSO IRMÃO" é um libelo contra você. Contra a sociedade que você frequenta. Contra a hipocrisia dos que adulam os seus defeitos e exploram a sua vaidade. Para os que, nas suas paixões e desatinos, desceram muito a escala biológica, a honestidade, a paciência, o amor ao trabalho, as virtudes morais do Jumento representam uma censura e uma condenação.

O livro é injurioso no título. Não contra você, meu amigo, mas contra o humilde, o proibido, o injuriado Jerico".

Com o êxito repetido noutras partes, O JUMENTO, NOSSO IRMÃO foi lançado em Crato, pelo Autor, a 6 de Agosto de 1964, sob os auspícios da Faculdade de Filosofia do Crato e do Instituto Cultural do Cariri.

Mestre José Fernandes

BRUNO DE MENEZES

para "ITAYTERA"

Convencidos estamos, de ser um dever daquêles que ainda vivem, em fixarem em letras de fôrma tudo aquilo que testemunharam na infância, plasmando fatos, costumes, pessoas e outros motivos sociais, existentes no Crato nos fins do século passado e no começo desta centúria em curso.

Com tal propósito procuramos agora, nas comemorações do Bi-Centenário de nossa cidade natal, dando a conhecer à geração presente um pouco de material humano, destinado aos estudiosos da sociologia, na formação progressiva e étnica da Princesa do Cariri.

Sendo essa ciência uma das mais difíceis, tal sua profunda transcendência, só adquirindo no bojo dos conhecimentos da antropologia, etnografia e outros "ias", poderíamos concretizar algo mais ou menos perfeito, aproveitando quaisquer elementos, até mesmo os mais obscuros que nos pareçam para apreciá-los, estudá-los e enfim, conseguirmos ligá-los como peças documentárias de sua razão de sêr. Partindo desse princípio, mesmo como leigo no assunto, a figura singular de Mestre José Fernandes — precursor da indústria motorizada no sul do Ceará.

Raríssimas são as pessoas que o conheceram de perto, todavia, sômos um dêstes, pois nossas famílias eram vizinhas; sendo amigo e colega na escola primária de Rosa Brígido, do Manoel seu filho caçula, podendo portanto, penetrar livremente na sua oficina.

O Crato teve a sorte de possuir cidadãos como Mestre José Fernandes, cujo predicado marcante caracterizava-se pela sua arguta tenacidade, tornando-o de modesto ferreiro o a-rauto da metalurgia cratense.

Guardamos ainda na subconsciência alguns traços fisionômicos d'esse admirável paladino: — estatura proporcional do tipo nordestino; epiderme de moreno claro, torax e ombros largos, peito, costas e braços peludos, cabeça redonda e cabelos pretos-agrisalhados; rosto angular, olhos castanhos sob sombanceiras espessas, nariz nem adunco nem achatado, no qual se escanchavam óculos de vista cançada; barba raspada e bigodes pendendo em torno dos lábios perenemente num sorriso enigmático e fator de natural simpatia; conversando com voz pausada, sentia-se a ternura de suas palavras medidas como se fossem feitas em compasso... Tipicamente um homem simples, amável e de acentuado bom humor.

A oficina de Mestre Zefernandes era instalada no casarão da rua das Laranjeiras esquina da Travessa do Xaruteiro, estendendo-se até enfrentar toda a frente da rua Formosa, com seu largo portão de entrada para o galpão abrigando a grande fornalha que queimando lenha de angico, produzia o vapor necessário para movimentar com polias de sola, o maquinário composto de tornos diversos e laminadores montado em toda extensão do espaço feito com derrubada das paredes internas do velho prédio.

Que espetáculo quotidiano e deslumbrante naquêlo pequeno mundo de movimentos dinâmicos, para aqueles que passavam diante das portas e janelas gradeadas e pintadas em vérd-gaio!

No afã desse templo admirável de trabalho, Zefernandes, seus filhos e agregados, eram visios como se fossem “sacerdotes” na função litúrgica de um rito estranho; que faziam ou produziam êles? — além de ricas facas e punhais de aço com cabos torneados e encrustados de ouro, prata, marfim e tartaruga, variados tipos de engrenagens para engenhos, de máquinas de costuras, mancáis, pequenos e médios sinos, etc. etc.

Presenciamos a moldagem da Cruz comemorativa da entrada deste século (1901) com letreiros em alto relêvo alusivos ao fato, se encontrando colocado na parêde lateral em frente o Batistério da Matriz de N. S. da Penha, excelsa padroeira dos cratenses.

Curiosos como sempre fômos, assistimos o despejar do enorme cadinho (de fabricação portuguesa e adquirido em Recife), o transporte do ferro liquidificado pelo próprio Mestre Zefernandes e um outro de porte atlético, no largo bocal do "frasco". Denomina-se "frasco" um vaso que depois de ser enxertado de um tipo de areia finissima, são calcados os moldes, e retirados deixam os sulcos para serem preenchidos pelo liquido despejado no bocal aberto em cima. feito de madeira.

Finalizando estas notas, devemos acrescentar que, pouco depois falecia, após aflitivos sofrimentos, o herói de uma batalha vitoriosa — o Mestre José Fernandes... constando ter sido em consequencia do excessivo calor suportado, ter atingido os pulmões e o coração; e assim tombou, com o exito de sua corajosa iniciativa, o "Almirante" de uma Nau que os proprios filhos destroçaram. **Pie Jesus Domine, Done eis requien.**

Dr. Manuel Florêncio de Alencar

No dia 5 de Abril de 1964, veio a falecer, em Barbalha, o ilustre advogado — Dr. Manuel Florêncio de Alencar, dos primeiros oradores da terra caririense e de seus mais eméritos cultores do direito. Nasceu em Granito, no vizinho estado de Pernambuco, mas radicou-se em Barbalha, onde constituiu família. Bacharelou-se e foi dos primeiros advogados formados, a exercer sua profissão no Cariri. Por muito tempo, com eficiência, foi inspector de cursos secundários, sendo por conseguinte, das pessoas que contribuíram bastante para o atual surto de desenvolvimento educacional da região. Exerciu também atividades na imprensa Caririense.

História Econômica Geral e do Brasil

Raimundo Girão é das grandes figuras intelectuais do Ceará atual. Sua obra de pesquisas revela-lhe talento multiforme. A ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DO CEARÁ, sob o competente direção do Dr. Mozart Soriano Aderaldo, lançou a sua HISTORIA ECONOMICA GERAL E DO BRASIL, para uso didático. Mas deve figurar na biblioteca de qualquer interessado no assunto. Raimundo Girão é homem que sabe movimentar inteligências. Está sempre à frente dos empreendimentos culturais do Ceará, divulgando a nossa historia e penetrando noutros campos da cultura, tornando-se assim dos vanguardeiros do atual movimento intelectual que se processo, no Ceará, com real repercussão no Brasil inteiro.

A HISTORIA ECONOMICA é prefaciada pelo próprio Diretor da Escola de Administração — Prof. Mozart Soriano Aderaldo.

Município do Crato comemorou condignamente seu Bi-Centenário

Nota de

J. LINDEMBERG DE AQUINO

A 21 de Junho de 1964, o Município do Crato completou 200 anos de autonomia administrativa, e a efeméride foi comemorada de modo condigno, sendo honrada a nossa cidade com a visita do Sr. Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. O fato se revestiu de um significado histórico: pela primeira vez o Crato recebeu um Presidente da República, no pleno exercício do seu cargo, e era, também, pela primeira vez, que o Ceará recebia a visita do seu ilustre filho, após a investidura no mais alto posto da Nação.

O "Avro" Presidencial desceu no aeroporto de Fátima às 14,30 daquele dia, e lá já se encontravam as mais altas autoridades do Estado, tendo à frente o Governador Virgílio Távora, que chegara momentos antes, e representações de todos os poderes estaduais e de todas as Municipalidades da zona cariense. O Chefe do Executivo passou em revista a tropa formada em sua honra, e desceu à cidade precedendo um grandioso cortejo de veículos. A entrada do Chefe da Nação em Crato foi assinalada com o espoucar de foguetes e alegria indiscreta. Verdadeira multidão se aglomerava em todas as ruas da cidade. O Presidente da Nação fez questão de descer ao meio do povo, e, com o povo, veio até à Praça da Sé, onde se formava grandiosa concentração popular.

Acompanhavam-no o Ministro Juarez Távora, o general Geisel, deputados, senadores e jornalistas. Foi saudado, em palanque armado, pelo Prefeito Pedro Felício, após o que o jornalista J. de Figueiredo Filho fez um histórico da formação do Crato. O Chefe do Governo agradeceu depois, em breves palavras. Falou também Monsenhor Rubens Lóssio.

Do programa do Chefe da Nação, em Crato, constaram audiência na residência do casal Dr. José Ribeiro Dantas (onde ficou hospedado), encerramento da Quinta Exposição Centro

Nordestina, coquetel na Casa de Caridade do Crato e banquete no Crato Tennis Clube, onde fez pronunciamento de importância histórica.

Diversas obras públicas foram inauguradas pela Prefeitura, comemorando o evento.

Para conhecimento dos nossos leitores, e com intuito de documentar para a posteridade, transcrevemos os discursos da Praça da Sé — o do Prefeito Municipal do Crato e o do Presidente da República, já que o do dr. Figueiredo Filho foi publicado anteriormente em piauquêta. Foram os seguintes os dois discursos :

DISCURSO DO PREFEITO

“ Constitui para mim motivo de satisfação e de honra, apresentar a V. Excia., Sr. Presidente da República, ao Exmo. Sr. Governador do Ceará, às suas ilustres comitivas e às demais autoridades aqui presentes as boas vindas do Povo e do Governo do Crato. Devo, sem dúvida, êste privilégio que tanto me desvanece, à circunstância de ser eu o Chefe do Poder Executivo dêste Município que, comemorando hoje, com justificada exaltação cívica, importante fato de sua vida política, ao mesmo tempo, nôvo capítulo de sua História abre, neste instante, com o auspicioso episódio da presença de tantas e tão notórias e proeminentes autoridades da vida político-administrativa brasileira. Sou muito grato à Providência Divina pela desvanecedora mercê que me concede, de poder contemplar em espetáculo de tão alto sentido cívico e patriótico, ao ensejo desta concentração, na maior diversidade de nosso munus social, desde o artífice ao sacerdote, professôres e estudantes dos mais variados níveis, senhoras e senhoritas das mais ressaltadas esferas, tôdas as camadas essenciais do nosso povo, na mais expressiva e larga convivência cívica e que representam e exprimem tôda a nossa comunidade, na sua estrutura mais ampla e mais significativa. Nesta hora em que atingimos o instante supremo das comemorações do Bicentenário de autonomia política dêste Município, saudando V. Excia., Sr. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e as demais autoridades aqui reunidas, faço votos para que Deus dê ao Crato, ao Ceará, ao Brasil, a paz, a alegria, a fartura, na graça, na beleza e na

bravura cívica de seus filhos, cuja estrutura espiritual constituiu o mais seguro penhor das nossas instituições democráticas”.

DISCURSO DO PRESIDENTE

“Povo da Cidade do Crato :

Bem haja o convite que me trouxe a esta Cidade no dia de hoje. Agradecido estou eu, por ter merecido a oportunidade de conviver com o povo desta Cidade, no Bicentenário de seu Município. Melhor porta de entrada para a minha visita ao Ceará, eu não encontraria se não o Crato, que me deixa ver o Cariri e que me deixa deslumbrar todo o nosso Estado, através de seu povo, através desta terra. Um dos oradores disse que estou aqui empunhando a “Bandeira da Revolução”. Eu aceito este honroso e histórico mandato, mas eu vos peço que empunheis juntamente comigo esta “Bandeira”. Ela aqui se desfalda, em reverência ao povo deste Município, no dia da comemoração de duzentos anos de trabalho, de duzentos anos de nobreza cívica. Um dos oradores, com entusiasmo marcante, traçou a perspectiva da revolução entregue ao governo. Falou no expurgo que se processa. Falou no programa que se procura executar.

O Presidente da República, que tem a missão de exercer o mandato assim tão bem caracterizado, vem a esta Cidade buscar ânimo, buscar entusiasmo, buscar compenetração para cumprir a missão aqui também lembrada.

Eu, amanhã, parto para Fortaleza e depois volto à sede do Governo. E levarei comigo não só o calor do vosso entusiasmo e apiauso, mas também a determinação de se vencer por Crato, pelo Ceará e pelo Brasil”.

NOTA DA REDAÇÃO

Zuleika Figueirêdo, esposa do presidente atual do Instituto Cultural do Cariri e sócia efetiva da mesma entidade, já publicou desenhos na imprensa, e agora estréia, na qualidade de cronista. Em colaboração com o mes-

mo — J. de Figueiredo Filho, lançará, nestes próximos meses, o livro de impressões de viagens “NO ASFALTO E NA PIÇARRA”, em torno de recente excursão que fizeram, em ônibus, pelo sul do país e parte do nordeste.

Fortaleza, 14 de junho de 1963.

Presado José de Figueiredo Filho,

C r a t o .

Dívida antiga também se paga e lhe devo, há pouco mais de um ano, os agradecimentos pela gentil oferta de um exemplar do seu livro "O Folclore do Cariri".

Recebi-o quando ainda judicava em Juazeiro do Norte e aguardei-me para lhe agradecer depois de lê-lo, capacitando-me a fazer do mesmo uma apreciação posto que superficial. Aos doutos cabe a crítica de profundidade.

Adveio-me, porém, nova crise hipertensional e ainda na convalescência começaram a chegar-me os primeiros anuncios da possibilidade da minha remoção para esta Capital, o que ocorreu em julho do ano pretérito, desde quando ocupo uma das Varas Criminais do fóro local. Aconteceu que, em aqui chegando, passei nove meses instalado precariamente e com quasi todos os livros encaixotados, inclusive o de sua autoria, por não encontrar uma casa que atendesse às necessidades de minha família sem exceder às próprias possibilidades econômicas. Se continuar se agravando a situação financeira do país com a galopante inflação que nos aflige, dentro em breve as pessoas de poucos recursos estarão privadas de se transferirem para a decantada Fortaleza, esbarrando se tal pretendem, o anseio na barreira da exorbitância dos alugueis dos prédios residenciais.

Com os meus agradecimentos vão ligeiras palavras de apreciação, lamentando não ter qualquer produção literária para a retribuição, como seria elegante e do meu agrado fazê-lo. Consola-me, no entanto, a certeza de que se algo tivesse a lhe ofertar seria cascalho de baixa qualidade incomparável ao seu diamante literário.

Conquanto não me apaixone pelo folclore, gosto de vêr exaltados os conhecimentos e as crenças populares, notadamente, quando a divulgação em aprêço visa à comunicação da sabedoria popular, ainda não estimada com justiça. O vulgo tem sua cultura incubada ou estado de latência, sendo admirável a inserção de palavras eruditas (às vezes deturpadas) na linguagem do povo.

Passei parte de minha infância no interior do Estado e, logo que comecei a lêr autores recomendáveis, surpreendi-me com o encontro, naquelas páginas, de palavras que considerava erros crassos dos matutos chamados beiradeiros da região em que vivera antes. Até, tomei o vêzo de assinalar os termos e expressões comprovadores dêsse enunciado; constituiriam elementos para alentado estudo que não sairá de minha pena por carência de talentos.

Sua obra produziu em mim outro efeito, o de me transportar, em retrocesso mental, à década de 1920, principalmente quando li o 8.º capítulo: "Bandas Cabaçais do Cariri".

Como é delicioso recordar o passado dosado de bondade, pelo menos de simplicidade da existência da gente! Entretanto, há quem interrogue, como o Visconde de Taunay: "Não será preferível esquecer, vêr cair o véu do olvido após cada momento? ("Memórias", ed. Melhoramentos, pág. 154). Assim não entendo, porque estou com Julio Dantas para quem recordar é viver. ("A Ceia dos Cardeais").

Passei a minha meninice em Sussuarana, como era chamado o pequeno povoado do município de Iguatu, hoje vila de Suaçurana. A estação é Engenheiro José Barreto. O progresso e os homens do Poder destroem muitas tradições que nos são caras.

Para a meninada (e para os adultos também) daquele humilde núcleo populacional era um encanto vêr a banda cabaçal chefiada por seu Marco tocar durante os festejos religiosos do mês de maio e de São João, o padroeiro do lugar. Exatamente como o amigo descreve, os músicos subiam ao altar, finda a recitação das orações e após o entoamento dos bemditos integrantes do novenário, e, sempre tocando, giravam e faziam genuflexões grotescas.

Noutras épocas, seu Marco costumava tocar pife (pifaro) sentado no terreiro de sua casinha sita no "outro lado da linha". Entretinha-se, nas bocas de noite, executando as poucas peças do seu repertório e não lhe faltava a "Cachorra" de que nos fala à página 82. Atentos, os meninos aguardavam o momento em que a imaginária cadela era açoitada e grunhia com alarde.

Agora conheço melhor, porque, como o velho de Sussuarana, sinto saudades do passado. Sua música dolente o

enlevava na lembrança do seu distante e sempre querido Cariri.

Já tendo completado meio século de existência, exatamente quando Juazeiro — minha última comarca do interior, de gente tão boa — comemorava o seu cinquentenário, e ainda lá estando, vejo-me no quinto degrau da montanha descrita por seu pai no penúltimo capítulo de "Ana Mulata". As minhas esperanças de antanho estão passando para trás e, daqui a pouco, estarei ligando as duas extremidades da vida pelo poder recordativo: infância e velhice, como prenuncia um escritor.

Afirmando-lhe que a leitura do livro de sua lavra me fez bem ao espírito, graças ao leite que me proporcionou, torno-lhe expressiva a minha gratidão.

E me firmo, cordialmente.

(Valdetário Pinheiro Mota)

Rua Joaquim Torres, 86

Bairro: Joaquim Távora

COLABORADORES QUE DESAPARECEM

No ano de 1964, faleceram inesperadamente, dois ótimos colaboradores da revista "ITAYTERA" e sócios do Instituto Cultural do Cariri.

Um deles foi o escritor Dr. Hermínio de Brito Conde que ainda deixou trabalho para o presente número. Tanta-se de vulto de valor do norte, nascido no vizinho estado de Piauí. Autor de vários livros, entre os quais alguns de repercussão internacional, cultivava não só as letras, com belo estilo, como as ciências. Era dos grandes oftalmólogos nacionais, tendo feito parte de diversos congressos internacionais especializados, sabendo elevar sempre o nome do Brasil. Residia no Rio, GB onde era casado com Dona Nilsa Conde, deixando vários filhos. Pai de família exemplar, sua perda, em consequência de doença cardíaca,

foi muito lamentada entre os seus e as rodas científicas e literárias do país.

Era sócio efetivo do Instituto Cultural do Cariri e Crato editou-lhe "A INDEPENDÊNCIA NO NORDESTE", através do CADERNOS DO CARIRI.

Também faleceu, em Campina Grande, no Paraíba, o poeta João Dantas Monteiro, membro correspondente do Instituto Cultural do Cariri, antigo e apreciado colaborador de nossa revista. Sua morte foi em consequência de colapso cardíaco, quando se dirigia a comprar jornal, naquela importante cidade. Publicou vários livros de versos, bem inspirados e dirigia a ótima publicação REVISTA DO CENTENÁRIO, editada na metrópole algodoeira do Nordeste.

ULTIMOS VERSOS

Eu cantei minha dôr e meus pesares
Na lira da amargura e da tristeza.
Aos ricos eu os disse em seus solares
Aos humildes contei em sua pobreza.

Riram todos de mim, com que dureza!
E me correram lagrimas aos pares,
Ao sentir dos humanos a rudeza,
Semelhante á inclemência dos jaguares.

Minhas maguas a mais ninguém direi,
No intimo do peito as guardarei,
Que o silêncio é o amigo verdadeiro.

Si para mim o mundo foi perverso,
Na solidão jamais comporei verso,
Porque este que aqui deixo é o derradeiro.

Con. Feitosa".

REVISTA DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

Sergipe foi sempre parcela da nacionalidade brasileira, embora pequena, porém, muito atuante no cenário das letras de nosso Brasil. Não foi só no passado. Tive ocasião de conhecer recentemente Aracaju e privar de perto com seus intelectuais. O entusiasmo ali reinante, no campo da inteligência, é idêntico ao tempo de Silvio Romero, Tobias Barreto, João Ribeiro, Jackson e outros. O sergipano é o nordestino que mais se aproxima do cearense em tudo e por tudo.

Seu meio culto é bem vivo. Sobressai no meio amor acendado à terra. Em Aracaju há Accademia de Letras que pode se ombrear com qualquer outra do Brasil.

Edita revista, de colaboração esmerada e com serviço gráfico de primeira ordem. É seu diretor — João E. Cajueiro. Vale a pena a gente conhe-

cê-la, consultá-la de quando em vez e guardá-la carinhosamente, na biblioteca. Lá é onde pontificam homens do qualite de Zózimo Lima, Clodoaldo de Alencar, Severino Uchôa, Dr. Mário Cobral, o próprio diretor, Dr. José Augusto de Rocha Lima e outros. Há também o Instituto Histórico de Sergipe com sua enorme projeção.

As faculdades de Filosofia e de Química Industrial honrariam a qualquer meio culto do planeta. Tive a satisfação de conhecer também, em Aracaju, que é Fortaleza em miniatura: Dr. Fernando Pôrto, Dr. Urbano Neto e Monsenhor Dr. Luciano Cobral Duarte. Todos destacam-se pela cultura aprimorada e lhanza de trato.

Sergipe, embora territorialmente pequenino, ocupa lugar grandioso no mapa da inteligência nacional.

J. F. F.

COISAS QUE SE FORAM...

Zuleika Figueiredo

O tempo dos comboeiros e do surruo de couro já vai longe.

As segundas feiras é que são as mesmas e, desde que me entendo, é esse o aia da feira do Crato.

Meu avô morava em uma fazenda lá para as bandas do Jaguaribe. Vinham, de tempos em tempos, comboeiros do sertão comprar farinha e rapadura no Cariri. Parece que estou a ouvir o vozeirão do velho João Colares, moreno, casado com uma escrava velha da família que ainda conheci. Chegava êle, cheirando o sabão de oitica e da porta da rua gritava:

— Ma-a-ria!

Chamava mamãe pelo nome porque a vira menina.

Corriamos pressurosos. Mamãe, para receber notícias dos pais, minha irmã e eu, mais pelas coisas boas que meu avô mandava. Manta de carne seca, mala de queijo de prensa, lata de querosene de peixe empilhado e o que mais me agradava era o doce de leite que embolava na boca, feito por minha avó.

A rua, a principal da cidade, ficava cheia de burros, cangalhas, e malas de couro pelo chão. Como eu gostava daquele movimento!

João Colares almoçava à mesa da família. Papai, sempre afável, o perguntar por tudo e por todos e a ouvir interessado o que havia por lá.

Antigamente os pretos velhos quase faziam parte da família. Eram tratados com carinho e não havia grande distância entre êles e os patrões.

Feitas as compras, especulando os preços dos engenhos e armazens, retornavam João Colares e seus ajudantes.

SACERDOTISA

ALVES DE OLIVEIRA

Meu coração é gleba morta,
Mu'her em flor!

Templo que enfim cerrou a porta
Ao deus do amor!

Cut'ora um mundo de ilusão,
Marnele, sou,
Da tarde a se ir, como um vulcão
Que se apogou.

Mas não, que em Saara, que em cratera
Não há findar
O peito que, ainda em voz austera,
Sabe cantar.

Se à filha bela, à filha pura
Do irmão de ideal
Não vibra a nota de ternura
Do madrigal,

Que ouvir possa êle da divina,
Sacra mansão,
O melodiar do serafino
Plena de unção:

Trajando as claras gazas da Arte,
A que és fiel;
Transfigurada à luz que parte
Do teu pincel,

Penetra o templo, em que, a vagar,
Se converteu
Meu coração... Ne'le há um lugar
Que é teu.

Lá se ia a caravana pela estrada da ribeira, estalando o linha para alertar os pobres burros. Quatro ou cinco dias para chegarem à fazenda de meu avô.

Aqui, ficava ainda o cheiro de sabão de oitica

Não há mais comboeiros, nem troupa de burros pela rua. Nunca mais vi um surruo de couro.

O Professor Filgueiras Lima dá suas impressões sobre ITAYTERA

“Fortaleza, 1º. de junho de 1955.

Prezado amigo Cel. Raimundo Teles Pinheiro

Saudações

Devo ao seu generoso espírito a surpresa intelectual da leitura desta magnífica revista em que se espelha, de maneira eloquente e nítida, a mentalidade vigorosa que hoje floresce no Vale do Cariri.

“Itaytera” é, realmente, uma prova exuberante de que a mais fértil zona do nosso Estado se quer afirmar definitivamente no campo do pensamento e da cultura. E o faz com uma superioridade mental digna dos movimentos libertários do que foi berço, entre os primeiros clarões de independência daquelas “antemanhãs sangrentas da Republica”, como disse no poema que dediquei à memória do meu trisavô José Pereira Filgueiras, o maior caudilho do Cariri no começo do século XIX.

E’ tóda uma equipe de valores autênticos que pontifica e reluz nas páginas do órgão oficial do “Instituto Cultural do Cariri”. Lendo-lhe os artigos e ensaios de alto nível, lembrei-me, na qualidade de Presidente do Conselho Estadual de Educação, de apresentar aos meus pares uma proposta, aliás unanimemente aceita, a qual consistia em aplaudirmos a obra já realizada pela novel instituição e, do mesmo passo, apelarmos para os seus dirigentes no sentido de que também focalizem e encarem, no âmbito de suas atividades precípua, os problemas educacionais do meio.

Já agora leio na imprensa desta Capital que aquêlê Instituto está a frente de um movimento em prol da criação de uma Faculdade de Filosofia na cidade do Crato, cérebro e dínamo da riquíssima região.

Daí, por certo, o entusiasmo, a vibração, o quase fervor cívico com que você, como militar de prol e intelectual autêntico, meu caro Teles, tanto exalta e propaga as virtudes da gente extracrdinária daquele privilegiado pedaço do Ceará.

Dou-lhe parabéns calorosos pelo êxito do Instituto e da bela revista que serve de veículo aos seus propósitos, às iniciativas, sonhos e ideais do povo e da terra caririenses.

Seja você, junto a êles, o intérprete da minha admiração do meu entusiasmo e das minhas homenagens.

Cordialmente,

(Ass) Filgueiras Lima”

OS ALENCARES

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 81)

II — TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE

(Tristão Gonçalves Pereira de Alencar)

Filho legítimo de JOSE' GONÇALVES DOS SANTOS, português e natural da Freguezia de S. Marinho de Tropejo, Cidade do Aroma, bispado de Lamego, Portugal, e de BARBARA PEREIRA DE ALENCAR, natural da Freguezia do Cabrobó, Pernambuco.

Nasceu no valé do Rio Salamanca, naquele tempo distrito de Barbalha, Cariri, e civilmente pertencente ao Crato, a 17 de novembro de 1789.

Casou-se com ANA PORCINA DE LIMA (nascida no sítio Pau Sêco, distrito da Vila do Crato, a 16 de fevereiro de 1789, na matriz do Crato, a 11 de julho de 1810. (Notas auto-biográficas do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe).

Ela ficou conhecida como ANA TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.

A tradição conta ser TRISTÃO "famoso tipo de homem, belo como Apolo e ousado como Titã". Era praticamente homem preparado para o tempo. Nas prisões da Bahia travara relações com homens ilustrados e se fizera admirado destes.

Enérgico e decidido, não trepidava ante os maiores perigos. Impunha-se por excepcionais qualidades militares de comando e de chefe.

Desde cedo, participou, com sua mãe, na direção das propriedades da família e das questões políticas, já costumeiras nos sertões e que não admitiam posições neutras.

Por isso fêz-se para as lutas intestinas e adotou as idéias libertadoras vindas do Recife, do França e dos Estados Unidos.

Como já vimos, quando o diácono JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, seu irmão mais velho, chegou ao Crato, para as proclamações dos chefes do movimento do Recife de 1817, assumiu a direção da rebelião contra a opressão absolutista dos portugueses e visando também a independência com a República.

Com sua mãe, irmãos e vários parentes, sofreu quatro anos de ergástulo em Fortaleza e Salvador. Nunca se deixou abater pelo infortúnio.

Anistiado e de volta ao Cariri, retoma as atividades libertadoras. Chefe o movimento de independência das Câmaras Municipais de Icó, Crato, antes de ter notícia da proclamação de São Paulo e Rio de Janeiro. Faz parte, aliado a JOSE' FILGUEIRAS, do governo provisório de Fortaleza.

Organiza, com esse chefe de milícias, o corpo expedicionário de imperiais, para combater a reação reinol do Piauí e Maranhão. Consegue a rendição de Fidié, em Caxias, ao mesmo tempo que Cockrane sem resistência se apoderava de São Luiz, e assim se tornou elemento essencial na implantação da Independência no Piauí e no Maranhão.

De volta a Fortaleza, com as suas tropas aguerridas, filia-se ao movimento revolucionário da Confederação do Equador e se faz Presidente da República do Ceará.

Enfrenta corajosamente a reação dos lusitanos e apaniguados do governo imperial, ainda em grande maioria no Norte.

Intenta, com Filgueiros, unir suas forças às dos insurgentes de Pernambuco e Paraíba.

Esvai-se o seu esforço ante o comodismo de muitos, a traição dos fracos, o ódio de famílias inimigas da sua e dos aguerridos meios que a Côrte consegue reunir para esmagar os anseios libertadores, nacionalistas dos denodados e evoluidos nordestinos.

Batidas suas tropas e as de Filgueiros, é alcançado pelos imperialistas, em Santa Rosa, hoje Solonopolis ao atravessar o Rio foi alcançado e bárbaramente trucidado, em 31-X-1824, por um camarada de JOSE' LEÃO DA CUNHA PEREIRA, e por este. Seu cadáver ficou insepulto, exposto às intempéries, por vários meses e só foi enterrado por mãos amigas, mais tarde.

O ódio inclemente do governo imperial não permitiu que êle fôsse beneficiado pelo decreto de anistia, apesar de alguma boa vontade manifestada por Lord Cockrane, que com êle manteve correspondência. Sua cabeça chegou a ser posta a prêmio, que foi posteriormente reclamado e negado pelo ocupante do governo da província, em curioso despacho.

Foi verdadeiro revolucionário e mártir de Independência Nacional. Ao contrário dos mártires mineiros, que não chegaram a assumir atitudes de franca rebeldia e que não possavam de confabulações românticas e idealistas. TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE, seus irmãos e parentes, foram emancipacionistas decididos e de ação. Deram a vida, desassombadamente, pela emancipação política do Brasil. Foram mártires e heróis genuínos da Nacionalidade.

O Brasil deve-lhes um grande monumento de reparação, para que não persista até hoje o opróbrio e o esquecimento imposto pelos interesses odiosos dos imperialistas lusitanos e bragantinos, derrotados pelos republicanos de 1889.

TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE e seu irmão JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, Senador do Governo, são dois grandes vultos da História Pátria, por si e por sua valorosa descendência.

TRISTÃO GONÇALVES deixou os seguintes filhos:

- 1 — XILDERICO DE ALENCAR ARARIPE, nascido em 13-V-1811, e que morreu capitão do Exército, no cerco de Uruguiana, em 22-IX-1865;
- 2 — NEUTEL NORTON DE ALENCAR ARARIPE, nascido em 1813;
- 3 — ADERALDO AUREOLO DE ALENCAR ARARIPE, nascido em 3-VIII-1814;
- 4 — CAROLINA CLARENCE DE ALENCAR ARARIPE;
- 5 — MARIA DORGIVAL DE ALENCAR ARARIPE;
- 6 — TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, nascido em 7-X-1821. Grande figura da Magistratura — Ministro da Côrte Suprema de Justiça, do Supremo Tribunal Federal; Deputado Federal; Presidente de Províncias; Ministro da Fazenda e da Justiça do primeiro govêrno da República;
- 7 — DELECARIENSE DRUMOND DE ALENCAR ARARIPE, nascido em 11-I-1823, oficial do Exército e funcionário público.

Daí proveio grande descendência, espalhado por todo o País e que muito se tem distinguido.

*
* * *

OS ALENCARES ILUSTRES

Pelo Ministro Presidente do Superior Tribunal Militar General de Exército TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE — (O 10.º do nome)

Advertência — Estas anotações não apresentam novidade. Constituem coligenda do que se tem escrito sobre a Família e os movimentos revolucionários do Nordeste.

Utilizou-se principalmente dos artigos de João F. de Alencar Nogueira, na Revista do Instituto do Ceará, Tomo IV — 1940, e outros.

III — SENADOR JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, o pai

Filho do casal JOSE' GONÇALVES DOS SANTOS e de BARBARA PEIREIRA DE ALENCAR, heroína do nordeste, nasceu em Borbache, Ceará, em 16.X.1794.

Pode ser considerado, sem favor algum, grande estadista e o mais notável dos governantes do Ceará, de todos os tempos.

Feitas as primeiras letras no Crato, foi mandado estudar em Olinda, Pernambuco, onde conviveu com mestres ilustres e principalmente com o sábio ARRUDA CAMARA, o líder intelectual da revolução de 1817.

Desde cedo, revelou altivez de espírito e ardor patriótico.

Diacono, estudante, ao romper a revolução de 1817, da mesma participou com entusiasmo na qualidade de membro da associação política da Academia do Paraíso, também inspirada por aquele sábio, em cujo testamento recomenda: "todo o cuidado no adiantamento de JOSE MARTINIANO DE ALENCAR" e que "a Dona BARBARA, do Crato, devem olhá-la como heroína".

Já vimos que irrompida a revolução, foi enviado para o sertão do Ceará, a fim de promover o levante da população contra o jugo português dominante. Aí com o apoio de sua mãe, irmãos e demais parentes, proclamou a República, em frente à Igreja matriz do Crato no dia 3 de maio de 1817.

Dominada a tentativa de implantação do regime republicano pela reação do partido reinol e das milícias, foi preso com sua mãe, irmãos, parentes e correligionários e conduzidos sob algemas e correntes de ferro ao pescoço, para Fortaleza e daí encaminhados aos cárceres do Recife e de Salvador, sob os mais atrozes sofrimentos. Esteve encarcerado por quatro longos anos.

Nos cárceres em Salvador teve íntima convivência com ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADES MACHADO E SILVA, paulista, ex-Ouvidor de Olinda e revolucionário do Recife, que havia de tornar-se notável nos acontecimentos dos primeiros anos do Império do Brasil.

Esse grande político converteu o cárcere em escola viva e ministrou lições científicas e cívicas aos seus companheiros de infortúnio.

Foi perdoado em 6 de fevereiro de 1818 e solto em novembro de 1820. Voltou ao Ceará, não vencido, mas com espírito altaneiro e ardoroso.

Em 1821, conseguiu eleger-se primeiro suplente de deputado à Constituinte de Lisboa e, nessa qualidade, substituiu GOMES PARENTE, tomando assento a 10 de maio de 1822. Formou com os deputados brasileiros, a oposição às intenções absolutistas da Casa de Bragança, tomando parte ativa nos debates que precederam à separação do Brasil. Com eles foi obrigado a axilar-se na Inglaterra, em janeiro de 1823, quando chegou à Lisboa a notícia da proclamação da Independência.

Regressou logo ao Brasil e no Rio de Janeiro já encontrou o seu diploma de deputado pelo Ceará à Assembléa Constituinte de 1823. Tomou assento e constituiu-se, ao lado dos ANDRADES, e de outros, figura de primeira grandeza.

Na sessão da Constituinte de 12 de novembro de 1823, quando foi lido o decreto de PEDRO I, dissolvendo a Assembléa, — decreto entregue por um oficial do Exército que, no recinto, assistiu a sua leitura, foi destemida a atitude do deputado ALENCAR. Como alguns deputados, após a declaração do Presidente MACIEL DA COSTA, de que o oficial podia assegurar a Majestade que a Assembléa se dissolvia" — quisessem usar da palavra,

JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR exclamou: "Não sei por que se pede a palavra e as nossas discussões estão acabadas. Nós já não temos que fazer aqui". E assim, todos os deputados levantam-se, retiram-se e fica dissolvida a Assembléia á uma hora da tarde do citado dia.

JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR deixa a Côrte a 18 de dezembro seguinte, segue para o Norte e, de passagem pelo Recife, toma parte na sessão extraordinário do Grande Conselho que elegeu MANOEL DE CARVALHO PAES DE ANDRADE, presidente de Pernambuco.

Dáí ALENCAR seguiu para o Ceará a pregar a revolta contra o despotismo de PEDRO I. Em Fortaleza, toma parte, a 24 de agosto de 1824, como representante do Vigário do Crato, na sessão extraordinária do Grande Conselho Provincial da Confederação das Províncias Unidas do Brasil, o notável movimento federalista conhecido como Confederação do Equador. Com os ALENCARES, foi a alma do movimento revolucionário do Ceará. O seu irmão TRISTÃO GONÇALVES, já havia deposto, a 24 de abril de 1824, o presidente do Ceará, tenente-coronel PEDRO JOSE' DA COSTA BARROS, fazendo-se eger, com o apóio do Comandante das armas JOSE' PEREIRA FILGUEIRAS, na Meceane, presidente da junta republicana. JOSE' MARTINIANO foi um dos conselheiros dessa junta.

Precedendo as tropas de FILGUEIRAS, JOSE' MARTINIANO seguiu para o Crato a fim de abrir caminho para o Recife. Antes de lá chegar, soube, no sítio São Paulo, da reação de Jardim, onde os imperialistas haviam assaltado o Engenho Velho, de LEONEL PEREIRA DE ALENCAR, junta á cidade, assassinado este, o seu filho RAIMUNDO PEREIRA DE ALENCAR e ferida a esposa daquele, D. MARIA XAVIER PEREIRA DE CARVALHO ALENCAR, que conseguiu fugir e escapar á tremenda perseguição que os imperialistas exerceram contra os ALENCARES.

JOSE' MARTINIANO, fracassada a revolução e massacrados os seus participantes e simpatizantes, conseguiu fugir para o Exu, Pernambuco, acompanhado dos seus parentes PEDRO JAIME DE ALENCAR ARARIPE, JOAQUIM ANTÃO DE CARVALHO, MANOEL ANTÃO DE CARVALHO, JOÃO FRANKLIN DE LIMA e alguns soldados fiéis, com o intuito de homiziar-se na Bahia. Alcançou o Rio São Francisco, mas não encontrando passagem, a sua comitiva debandou e JOSE' MARTINIANO tentou voltar para o Exu. Nas proximidades dessa vila chocou-se com tropas legalistas em ligeiro tiroteio de que saiu levemente ferido. Ai morreu o seu sobrinho MANOEL ANTÃO DE CARVALHO. JOSE' MARTINIANO conseguiu escapar e esconder-se no Riacho da Brígida, na cabana de FRANCISCO DIAS. Tempos depois, apresentou-se e foi conduzido para Joazeiro. No caminho, teve a felicidade de encontrar o Bispo de Olinda, D. TOMAZ DE NORONHA, na vila da Borra do Rio São Francisco, em janeiro de 1825. O prelado, compadecido da sorte do padre e ex-deputado, recomendou-o ao comandante da escolta e deu-lhe cartas de empenho para a Côrte de Minas.

Há notícias de que, de vila da Barra, JOSE' MARTINIANO dirigira uma súplica ao Imperador, documento que fôra publicado em Ouro Preto (João Nogueira). Daí seguiu êle para Sabará e Ouro Preto, com destino ao Rio de Janeiro, onde chegado, foi recolhido à Fortaleza de Santa Cruz. Transferido para o Ceará, o fim de ser julgado, lá chegou o 1.º de dezembro de 1825. A 14 do mesmo mês, foi absolvido pela Comissão Militar.

Seguiu depis para o interior da província e por lá ficou algum tempo.

Em 1830, JOSE' MARTINIANO é eleito deputado à segunda legislatura, simultâneamente pelo Ceará e por Minas, o que pôs em evidência a popularidade de seu nome. Opinou pela representação do Ceará e publicou a "Carta aos eleitores do Ceará".

Foi eleito, em 1831, presidente da Câmara dos Deputados.

Amigo da instrução pública, conseguiu a criação das cadeiras de filosofia, francês e geometria em Fortaleza e uma de latim no Crato, cadeiras que foram instaladas em 1831 e funcionaram separadamente até 1844, quando foram incorporadas ao liceu, criado pela província.

Em 1830, JOSE' MARTINIANO, foi a Minas agradecer o sua eleição.

Em 1831, achou-se êle envolvido, como deputado, estadista e patriota, no movimento que provocou a abdicação de PEDRO I.

Foi um dos 23 deputados que, com o Senador CAMPOS VERGUEIROS, foram solicitar ao Imperador medidas de manutenção da ordem. Logo depois do 7 de abril, publicou com os demais deputados pelo Ceará, um "Preciso dos sucessos que ocasionaram o grande acontecimento do faustoso dia 7 de abril, dirigido aos cearenses".

Realizada a abdicação, JOSE' MARTINIANO, como presidente da Câmara dos Deputados, lança ao povo do Rio, a 14 de junho de 1831, e em face das desordens promovidas pelo corpo de polícia, uma proclamação em que concita ao respeito à lei e à Constituição, para evitar a queda das instituições.

E' singular a posição de ALENCAR, na orientação dos fatos políticos de 1831.

Disseram testemunhas da época (Antonio Pereira Rebouças, o Marquês de Paranaguá e outros) que foi o voto vencedor de ALENCAR que concorreu para não ser mudada a forma de govêrno do Brasil.

O republicano revolucionário de 1817 o 1824, salvou, assim, em 1831, o trono de PEDRO II.

Os politicos da época ou de mais tarde, querendo explicar essa incoerência, procurou retirar aos movimentos de 1817 e 1824, o seu caráter republicano. Faziam-no, naturalmente, por suas convicções monárquicas e pelo desejo de agradar ao imperante, depreciando o alcance dos referidos movimentos.

Quem que a primeira fôsse apenas uma tentativa de emancipação do Brasil, sem reconhecer a decisão pela forma republicana. O deputado CARLOS AUGUSTO PEIXOTO DE ALENCAR chegou a afirmar, em sessão de 29 de agosto de 1839 que "a revolução de 1824 não fôra o resultado de princípios

destruidores da liberdade, nem seus autores eram nomes adventícios e cobertos de crimes; mas, pelo contrário, quizeram sustentar a liberdade e desafrontar a Nação de um ataque que sofreu na sua dignidade". Por seu lado, o senador TOMAZ POMPEU, falando no Senado, em 21 de fevereiro de 1873, disse: "A revolução do Equador, nas províncias do Norte, em 1824, foi o resultado da dissolução da Constituinte, foi um protesto que os CARVALHOS, de Pernambuco, e os ALENCARES do Ceará e outros homens de influência levantaram contra aquele ato. As idéias republicanas desapareceram em 1831, com a abdicação e em 1824 com o ato adicional".

Releva, entretanto, anotarem que o Conselheiro TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE escreveu em 1881, em pleno regime monárquico (Guerra Civil do Rio Grande do Sul — Memória): "No Norte do Império, apareceram em 1817 e 1824 dois movimentos revolucionários que tomaram forma republicana... No Norte o primeiro pensamento dos revolucionários foi recorrer ao povo como origem do poder. Os governos passageiros que então se organizaram procuraram legitimar-se pela eleição popular; e no Ceará, em 1824, um Grande Conselho eleitoral de toda a província, nomeou o seu Presidente e elegeu representantes para o Congresso do Estado, planejado sob a denominação de Confederação do Equador.

Ali (no Norte) a idéia política ou o sentimento democrático levantou a rebelião... No Norte os rebeldes olhavam para os Estados Unidos e dali tiravam argumentos para as suas deliberações...".

Esse ALENCAR ARARIPE nunca renegou as convicções republicanas de seus maiores.

É de crer-se que, em 1831, JOSE' MARTINIANO tenha transigido com o fato consumado, na presunção de que, sob a regência, o País, ia governar-se a si mesmo com o simulacro de um trono.

Tendo sido declarado vago o lugar do Senador CARLOS OYENHAUSEN, que se ausentara do país sem licença, foi eleito para substituí-lo e escolhido pela regência trina JOSE' MARTINIANO, que tomou posse no Senado a 2 de maio de 1832.

A abdicação de PEDRO I, provocou séria reação no interior do Ceará, chefiada por PINTO MADEIRA e Cônego ANTONIO MANOEL DE SOUZA, vigário de Jardim, este "Benzecacetes". Os ALENCARES, inclusive D. BARBARA, sofriam atroz perseguições.

O governador da província, tenente JOSE' MARIANO DE ALBUQUERQUE CAVALCANTE, companheiro de ALENCAR na revolução de 1817, e na Constituinte Brasileira, derrotou os pretensos restauradores em Missão Velha, a 23 de junho de 1832. A 9 de agosto, no Icó, JOSE' MARIANO passa o comando ao General PEDRO LABATUT, nomeado pela Regência, e a 9 de novembro, os restauradores depõem as armas.

Para pacificar o Ceará, foi nomeado seu Presidente, por carta imperial de 23 de agosto de 1834, o Senador JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, que

a 6 de outubro, tomou posse do cargo e iniciou medidas enérgicas para extinguir o banditismo no interior da província e assegurar a ordem em toda ela. Fêz prender, processar e julgar os mais célebres e temidos criminosos.

Conta-se, então, que, entre os presos na cadeia pública, encontrou FRANCISCO DIAS, em cuja cabana se homiziara quando foragido no Riacho da Brigida, em Pernambuco, e que guardara segredo do seu asilo, salvando-lhe a vida. ALENCAR foi-lhe reconhecido e, quando FRANCISCO DIAS foi absolvido, por legítima defesa e solto, o presidente o hospedou e amparou-o.

Na Presidência da Província, coube a ALENCAR executar o ATO Adicional de 1834 e que fêz nascer em todo o Brasil vagas e indefinidas aspirações de federação, só definitivamente concretizadas sessenta anos mais tarde, na Constituição Republicana de 1891.

Teve o encargo de instalar, em 7 de abril de 1835, a Assembléa Provincial do Ceará e, embora tivesse anteriormente, quando processado, por motivo da revolução de 1817, negado, como recurso de defesa, a sua participação na mesma, dizendo-se coagido, mas sem delatar ninguém, disse no discurso de abertura: "Permiti que vos signifique o prazer que sinto por me haver a fortuna deparado a glória de abrir os trabalhos desta primeira assembléa, tendo conseguido o sistema que fui eu o primeiro a proclamar em nossa província, há 18 anos (1817), e pelo qual tenho sacrificado os melhores anos de minha vida, todo o sossêgo dela, quase toda a minha pequena fortuna, parte do meu sangue, a vida dos meus mais conjuntos e melhores parentes, em fim, tudo o que possuía de mais precioso". (Revista do Instituto do Ceará — Vol. X — Paulino Nogueira).

Presidiu o Ceará por duas vèzes, com brilho invulgar. A primeira de 16 de outubro de 1834 a 23 de novembro de 1837. A segunda de 20 de outubro de 1840 até 1841. A administração de JOSE' MARTINIANO foi fecunda; criou o Banco do Ceará; contratou artistas europeus (portuguêses e franceses), iniciou a colonização; construiu ótimas estradas de roagem; sancionou leis de estatística da população; melhorou o pôrto de desembarque; cuidou do reservatório d'água; abriu cacimbas; construiu açudes; reprimiu o tráfico de escravos africanos e executando a lei de 1831, o extinguiu definitivamente no Ceará; cuidou da instrução; elevou o nível moral da justiça e da administração e melhorou de tal modo as finanças da Província, que remetteu para Londres dinheiro em ouro para amortização da dívida da Nação, fato único nas administrações provinciais do primeiro e segundo reinados, e cujo sobe de valor, tratando-se de província assolada periódicamente por longas estíagens. A administração não foi serena; foi combatida e a vida do Príncipe sofreu perigos.

Melhorou os serviços públicos; incrementou a agricultura e a pecuária, tudo em regime de severa honestidade. Seus relatórios são modelos de clareza e precisão.

A sua nomeação pela segunda vez para presidente provocou acentuada reação não só da Assembléia Provincial como das tropas que haviam sido organizadas para debelar as revoluções dos Balaios, no Maranhão e das Cabanas no Pará. O Presidente ALENCAR, dispondo de poucos recursos mas fiado em sua popularidade, enfrentou os sediciosos e os dominou.

JOSE' MARTINIANO deixou a presidência do Ceará em 1841, depois de seis meses de governo, e tornou ao Senado, onde se colocou em opposição ao gabinete do Marquês de Paranaguá.

Com a promulgação da lei de 3 de dezembro de 1841 e consequentes revoluções de Minas e São Paulo, foi processado com FEIJO' e outros, como chefes da revolta liberal. Também seus parentes da chamada facção alencarina foi dada como suspeita no Ceará.

Havia nessa época, crença infundada da existência da "Associação dos Inevitáveis" sob o chefia de ALENCAR, para quem a Maioridade, levada a efeito para pôr termo ao período revolucionário que se seguia à fundação do Império, convertero-se em mera panacéia.

As acusações e perseguições contra FEIJO' e o processo contra ALENCAR caíram por terra.

Este publicou a "Resposta dada ao Senado pelo Senador José Martiniano de Alencar, sobre a pronúncia contra êle feita pelo juiz Municipal da segunda vara, Bernardo Augusto Nascente e Azambuja no processo organizado na Côrte, pelos movimentos de São Paulo e Minas".

ALENCAR, até 1847, foi ainda um dos chefes liberais de maior prestígio no país. Nessa data, voltou à terra natal, em busca de repouso e fortalecimento da saúde. Foi recebido festivamente com honras oficiais. Correspondeu a essas manifestações, com o espírito liberal de sempre, abnegado, esquecido das injustiças e conciliador.

Foi então agraciado com a comenda da Ordem de Cristo, mas não aceitou a honraria, por ser contrário ao uso de Titulos Honoríficos.

Restabelecido de seus achaques, voltou em 1848 ao Rio e até 1853, continuou em opposição.

Com a política de conciliação do Marquês do Paraná, afastou-se positivamente das atividades políticas, ensarilhou os armas de seu liberalismo, fêz testamento e aguardou a morte.

Faleceu a 15 de março de 1860, em sua chácara de Morui, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

No cenário político, administrativo e parlamentar, foi um dos brasileiros de maior destaque em sua época.

Na "Galeria dos Brasileiros Ilustres", de S. A. Sisson, está escrito: "...Alencar, uma das popularidades de 1830, um dos homens mais notáveis de 1839, um dos autores da revolução parlamentar que produziu a maioria em 1840, só aspira a servir o seu país com o seu voto de legislador e a conservar puras e inalteráveis as crenças políticas que o dirigiram durante a sua vida.

Poucas existências há no Brasil tão cheias de viscissitudes como a sua; poucos homens passaram por tão duras provações e acompanharam a revolução da independência de seu país, desde o primeiro balbuciar d'êste povo, ainda menino e já respirando a liberdade, até o momento em que o arrefecimento da luta e a calma dos espíritos extinguiram os antigos partidos". Sua modestia, desambição e zelo pelo interesse público, levaram-no a recusar posições oficiais de relevo. Mas quando vencido o seu partido, seu nome figurou entre os que mais sofreram a reação dos contrários.

Daí a conclusão de Sisson: "Tanta celebridade e tanto prestígio no revés; tanta obscuridade e tanto afastamento no triunfo; — é um contraste que faz honra ao caráter do homem político e que lhe deu a reputação de integridade que seus próprios inimigos nunca lhe negaram.



IV — JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR — (Filho)

Escritor, grande romancista e político. Nasceu no Alagadiço (Mecejana), Ceará, a 1.º de março de 1829. Filho de JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR, que foi uma das figuras predominantes das revoluções de 1817-1824, do primeiro Império, da Regência e do segundo Império, e neto de D. BARBARA DE ALENCAR, extrênuo patriota e heroína naqueles movimentos revolucionários.

Herdou dos seus o brio nativista-nacionalista e manifestou-o desde cedo, no amor entranhado à terra e no entusiasmo que se lhe nota nos temas dos romances pela vida e poesia dos aborígenes.

Por outro lado, vieram-lhe de sua mãe, como confessou, os fogos de imaginação potente que contrastavam com o gênio sobranceiro, a violência calculada e a tirania de faculdades, do lado paterno, todo êsse conjunto rígido, após determinada época pelos anseios febris de sua mente, pelos cruéis e desconhecidos desenganos; enérgicos e violentos impulsos que deram em resultado o mais coprichoso dos artistas americanos, no dizer de ARARIPE JUNIOR.

No colégio primário e secundário, o menino confirmou a agudeza de espírito revelada desde cedo. Pouco dedicado às cifras e à ginástica de memória, desenvolvera-se, entretanto, nos temas e composições e triunfava no esmêro e forma.

Afastara-se do que é vulgar e concentrava-se em si para criar novos olentos. Destarte, preparou-se conscientemente para o papel que teria de representar na literatura do seu país.

A sua passagem pelos bancos acadêmicos foi quase que obscura. Não se dedicou às Pandectas. Nunca procurou sobressair-se. Lia sem descanso e refazia a leitura dos monumentos da literatura, em busca não de imaginação, que já era em si uma força latente, nem as inspirações que se apresentavam espontâneas, mas a forma que lhes havia de dar as roupagens com que haverá de adorná-las. Exercitava-se lendo e analisando os clássicos e impregnando-se com a originalidade dos dizeres e construções.

Já nos bancos da Faculdade de São Paulo, sua passagem foi quase obscura. Pouco se dedicou ao estudo do Direito nenhum esforço fez para sobressair-se entre os colegas. Sua imaginação e sensibilidade reservaram-se a outros planos. Lia sem descanso novelas e os monumentos de literatura romântica e frequentava os alfarrábios da Biblioteca de São Paulo, buscando trechos dos escritores antigos para aperfeiçoar-se na linguagem e criar-se um estilo próprio. Atirou-se com sofreguidão aos cronistas e aos escritores de caráter puramente americano, aos pintores da natureza agreste. Preparou-se com afinco para realizar a sua grande obra literária. Assim apreciou, em resumo, Araripe Junior os primeiros oncs da vida do seu parente.

SYLVIO ROMERO, confirma essa apreciação:

"Tendo a preocupação constante da formação de uma literatura nacional, preparou-se convenientemente para contribuir para ela.

Estudou com afinco os velhos cronistas e historiadores, procurou conhecer os costumes dos selvagens, o viver dos colonos, dos escravos, das classes dirigentes durante a formação das populações brasileiras; põe em contribuição suas recordações próprias, já do que viu nas suas viagens, quer a que fez do Ceará ao Rio de Janeiro, longo percurso por terra nos vivos anos da meninice, quer as que, posteriormente, fez para Pernambuco e São Paulo, durante o curso acadêmico, quer as que mais tarde fez ao Ceará e a Minas, já do que observou diretamente da vida social, ou aprendeu de informações de amigos sinceros, competentes conhecedores do país.

Junte-se a isto a sua extraordinária facilidade de escrever num vocabulário rico e, ao mesmo tempo transparente, simples e num estilo sonoro e vibrante; sua poderosa imaginação sempre prestes a alçar o vôo, seu talento descritivo, lesto nas cenas humanas, brilhantíssimo na paisagem e nas cenas da natureza, e ter-se-ia a idéia da valia deste escritor". (SYLVIO ROMERO — História da Literatura Brasileiro, tomo V).

Realizou-se a sua maior produção no período de 1852-1877.

Formado em São Paulo, em 1850, praticou, por algum tempo, a advocacia, atira-se vivamente à atividade da imprensa, em folhetins que fizeram época.

Dizem os seus críticos que o primeiro período de sua vida correu suave, sem as menores agruras, à sombra do prestígio do pai, com abastança e em seleta convivência. Formado, frequentou as melhores rodas, relacionado e festejado pelas mais notáveis figuras da política, do jornalismo e da administração.

Apnas bacharelado, foi feito oficial da Secretaria do Ministério da Justiça e pouco após, chefe de seção e, em seguida, consultor do mesmo Ministério. Aos trinta anos deram-no o título de Conselheiro do Império. (1859).

Essas côres róseas não o botaram a perder. Entregou-se à literatura com seriedade e paixão. Mas a quietude da vida e dos sentimentos impregnou, nessa primeira fase, a sua obra de severidade e dogura que contrasta com a do período final.

A política que o vai atrair servirá para modificar-lhe os sentimentos e dar à sua obra novos tons, com vibrante paixão, cheio de cóleras, despeitos e ironias e, por isso mesmo, com mais vida, mais calor, mais intensidade passional, mais real e mais humana.

Por tudo isso, Sylvio Romero, tão vigoroso no seu julgamento, exalta o seu valor de grande escritor nacional.

Eleito deputado pelo Ceará à Assembléa Geral, nos três primeiros annos, de 1860 a 1863, a tribuna parlamentar não lhe permitiu o triumpho que esperava.

A sua projecção, contudo, o elevou a Ministro da Justiça, do gabinete de 16 de julho de 1868, convidado pelo Visconde de Itaboraí.

Aí, tomou vulto a toga do orador que enfrenta ZACHARIAS e SILVAN MARTINS, com vantagens. Teve dias no parlamento, de verdadeiras glórias oratórias. As divergências de índole e de idéias, concorreram para o incompatibilidade entre o Ministro indomável e os seus colegas mais accessíveis ao pensamento imperial. Nasceu contra elle guerra surda no gabinete e no parlamento, com o fito de afastar o homem que não se acomodava aos interesses mesquinhos e empanava o brilho dos que só visavam a bemquerença de D. PEDRO II. Carreou para o seu nome a malquerença do potentado que, desde iogo, antipatizava com "a altivez do Ministro e com os seus arroubos de moço mal acostumado".

Foi-lhe recusado a nomeação para a cadeira da Câmara vitalícia.

JOSE' DE ALENCAR, em comêços de 1870, renunciou o cargo de ministro e à situação política.

Saiu vencido, com o coração ulcerado e todo o seu despeito cresceu contra o poder pessoal do imperante.

Foi um grande mal, porque "desde essa época JOSE' DE ALENCAR deixou de ser o homem que era. Foi um mal, um grande mal para nós, que tínhamos o direito de esperar da rejuvescência de seu talento, ainda em todo o seu vigor, um novo impulso ao influxo das idéias que começavam a caminhar no país".

Começou a época dos seus desenganos e grandes desalentos. Influuiu o desengano na saúde e no caráter do grande escritor. Refletiu nas obras que produziu.

Minado por enfermidade sorrateira, arrastou-se gradualmente para a sepultura, amparado no amor da família e dos filhos que elle formara com grande zêlo em 1877.

Graças a Deus, já havia se firmado com uma das maiores figuras da litteratura brasileira.

Irmão do Barão LEONEL DE ALENCAR, que faleceu ministro plenipotenciário aposentado.

Casou-se com uma sobrinha do Almirante Lorde COKRANE, deixando filhos e entre elles MARIO DE ALENCAR, poeta consagrado e membro da Academia Brasileira de Letras.



V — A N A T R I S T E

(Ana Triste de Alencar Araripe)

Alma de espartano por seu valor e dedicação, sua vida, representa verdadeiro compêndio de virtudes e sofrimentos. O cognome — Triste — que adotou bem mostra as dores cruciantes que lhe pungiram a existência amargurada.

Dona ANA TRISTE DE ALENCAR ARARIPE — E' nome que todos sabem da veneranda matrona, esposa do grande patriota cearense Tristão Gonçalves de Alencar, o presidente da república do Ceará da Confederação do Equador, proclamada em 1824.

Nasceu ela em 16 de fevereiro de 1789, na atual cidade do Crato; filha do capitão-mor JOAQUIM FERREIRA LIMA e dona DESIDÉRIA MARIA DO ESPIRITO SANTO. Casou-se em 1810, com TRISTÃO GONÇALVES e tornou-se a colaboradora assídua e dedicada na atribulada vida do seu jovem e valoroso marido.

Quando em 1817, seu marido, um dos mais ardentes entusiastas da emancipação política e um dos mais ardentes propugnadores foi prêso e transferido para Salvador, D. ANA, com a alma transida de dôr, pela cruel separação do espôso, a despeito de tôdas as dificuldades que se lhe antepunham e fazendo-se acompanhar pelo irmão, Coronel JOÃO FRANKLIN DE LIMA, atravessa invios e inóspitos sertões, infestados de perversos que só viam inimigos nos partidários da libertação, transporta-se para o Recife e daí, com sacrifícios inauditos, cheia de angústias, segue para Salvador, onde se reúne ao espôso e compartilha do seu infortúnio e sorte.

Lá permaneceu até 1820, quando os insurgentes foram postos em liberdade, por ordem da Côrte.

Nesse mesmo ano, o casal regressou ao Crato. Mas não houve sossego e felicidade.

As dôres cruéis, os perigos, a fome, a sede, o ultraje, o confisco dos bens, não impediram que a família se empenhe arduosamente no movimento de independência do Brasil.

Já vimos que neste, TRISTÃO GONÇALVES tem papel ativo e destacado. Fêz parte da junta Provisória do Governo da Província e, como delegado dêste, cooperou eficientemente na organização e comando das tropas expedicionárias ao Piauí e ao Maranhão, para combater o partido português, chefiado por FIDIE', e confirmar a independência daquelas províncias.

Já aí, e dali por diante, o herói cearense teve sempre a secundá-lo, o animá-lo e a ampará-lo o espírito de D. ANA, sua dedicada e incomparável esposa, cujo denôdo, atividade, energia e entusiasmo pela causa se harmoni-

zavam aos do espôso. "Mas sua intervenção na campanha não se limitou a essa influência abstrata, o que aliás já bastante significaria e valeria. Ela ia e foi muito mais longe, encarregando-se de missões de sigilo e confiança, entre o marido e os sub-chefes da revolução, missões que a outrem não poderiam ser confiadas.

"Por várias vêzes, D. ANA teve de deixar a lar, onde sua presença era necessária aos filhos, um dos quais ainda de colo — e marchar léguas a pé, sôzinha, por invios e desertos caminhos, durante noites inteiras, entre Fortaleza e os pontos onde se achavam com suas forças aqueles sub-chefes. E não regressava sem que houvesse cumprido plena e fielmente sua missão.

Nessas ocasiões falava aos cidadãos, soldados dessas novas legiões, exortando-os ao patriotismo, ao cumprimento do dever e a darem a vida pela República e pelo Brasil.

Embrenhado em atividades políticas, administrativas e militares, ALENCAR ARARIPE te e sempre a companhia e a colaboração da espôsa, encorajando-o a manter as posições conquistadas e a não ceder um passo aos elementos que combatia, mesmo que as atitudes firmes pudessem custar-lhe a vida". (General Carlos de Campos e Franklin Doria).

Quando TRISTÃO GONÇALVES, já eleito e empossado Presidente da República do Ceará, da Confederação do Equador — se decide a marchar contra os que se opunham a êsse movimento, D. ANA precente o fracasso dêsse movimento e corre pressurosa do Crato, onde se achava, para dissuadí-lo cessa tentativa. Fêz-lhe apêlo veemente.

TRISTÃO, entretanto, não cede aos rogos da estremecida espôsa. E' impossível. O dever exige que parta". D. ANA, corajosamente, se conforma.

Os esposos se separam por caminhos opostos. Ela para o Quixadá, ao abrigo das perseguições inevitáveis; êle, ao encontro dos adversários, em Aracati.

Que de torturas, que transe angustiosos não sofreu ela, seguindo taciturna, a resar... , tão cheia de apreensões, vendo o coração a pressagiar coisas tão tristes, tão lúgubres...



Em Quixadá, D. ANA recebe a dolorosa notícia do assassinato e morte da espôsa. Desde êsse dia, deixou de existir. A orma que roubou a vida do grande patriota, despedaçou igualmente o seu coração.

Desde então, em viuvez, manteve rigoroso luto e nunca deixou o traje negro dêsse estado, nem mesmo no lar doméstico, e jamais assistiu a festas públicas ou particulares. Adotou o cognome TRISTE, definindo assim o grande pesar de que se achava possuída a sua alma. Era a personificação da dôr e da amargura.

Do Ceará, retirou-se para o Piauí, Campo Maior, residindo ali, com os parentes, mas em breve regressou à provincia, graças aos conselhos de seu cunhado, o Senador JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR.

Em 1829, D. ANA TRISTE comprou o sitio Corrego, próximo à vila de Arconche, hoje Parongaba, e aí abrigou e educou seus filhos (Xilderica, Cícera, Neutel, Norton, Aderaldo, Carolina Clarence, Maria Dorgival, Tristão e Delecarliense Drumond).

Por fim, o governo imperial, na regência, concedeu-lhe uma pensão.

Faleceu aos 85 anos de idade, a 15 de outubro de 1874.

Mãe e avó de homens ilustres (TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, Magistrado, historiador, conselheiro, ministro do Supremo Tribunal Federal, Presidente de Província, Ministro de Estado, na República, seu filho; TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE JUNIOR, jurista, escritor, crítico literário, seu neto; TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, General, Ministro Presidente do Superior Tribunal Militar; ARNALDO DE ALENCAR ARARIPE, jurista, desembargador em Minas Gerais, seus bisnetos), teve nestes e em muitos outros ilustres descendentes, quem lhe seguisse os exemplos de dignidade, inteligência, educação e firmeza de caráter.



VI — TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE — (O segundo do nome)

Conselheiro. Filho de TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE e de D. ANA TRISTE.

Nasceu a 7 de outubro de 1821, na então vila de Icó, província do Ceará, quando TRISTÃO GONÇALVES e sua esposa regressaram da Bahia, onde oquele estivera prêso, em virtude do movimento político de 1817.

Com apenas três anos de idade, perdeu o pai, vítima de sua temeridade e pertinácia republicano, ao proclamar a República do Ceará, ligada ao movimento da Confederação do Equador, iniciado em Pernambuco.

Esse ensaio de governo republicano, durou apenas 22 dias; e a 31 de outubro de 1824, com êle em Santa Rosa, extinguiram-se as últimas esperanças de sacudir-se definitivamente o jugo político do partido colonial e reinol.

Como já assinalamos, houve perseguições injustas, repugnantes espetáculos de vinganças, assassinatos, martírios, confiscos e depredações.

A família ALENCAR teve neste ajuste de contas a ferro e fogo, um dos piores quinhões; e raro foi o chefe, pertencente ao grupo de parentes, que não fôsse obrigado a homiziar-se para evitar a fúria e os bacamartes dos si-cários adversários.

Foi nessa atmosfera triste e desoladora que o futuro conselheiro ARARIPE teve o seu alvorecer de vida, recebendo as primeiras impressões, que, de ordinário, são as que formam os caracteres.

Privado do apóio paterno e de abastança, o jovem TRISTÃO iniciou o seu tircínio na adversidade; e como era dotado de ânimo enérgico, refletido e resignado, essas qualidades serão as bases de diretrizes de sua longo vida.

Auxiliado por seu tio e padrinho, JOSE' MARTINIANO, já restituído à vida pública, foi para o Rio de Janeiro, onde cursou, com grande aproveitamento, os preparatórios do Seminário São José. Fêz os dois primeiros anos de direito na Faculdade de Olinda e concluiu o curso na de São Paulo, onde recebeu o grau de bacharel.

Desde os bancos acadêmicos foi TRISTÃO dedicado e metódico anotador dos assuntos históricos e de direito e desses estudos, realizados com amor e atenção, formou a filosofia da vida própria.

Nas horas vagas, como salutar exercício, traduzia Plutarco, de modo que, quando fechou os seus compêndios para entrar na vida prática, sem o sentir, estavam trasladados para o vernáculo os vinte volumes das obras históricas e morais do referido autor.

"A convivência com esse notável moralista formou-lhe a convicção de que nenhuma grandeza sobreleva a grandeza moral; daí o desgosto que sempre lhe causou o espetáculo das magnitudes humanas postas ao serviço de causas repugnantes".

Não o deslumbavam ainda moço, as inteligências superiores desde que estas não eram norteadas pela pureza de sentimentos ou pelos instintos de bondade.

Uma vêz formado, encarreirou-se na magistratura. A missão de juiz atraía-o, porque de todas as funções sociais era a que mais se coadunava com o seu temperamento de retidão e de justiça". (João Baptista Perdigão de Oliveira — 1914).

Foi juiz municipal em Fortaleza, em 1847; deputada provincial à Assembléia do Ceará, da qual foi presidente — 1849-1850; juiz de direito em Bragança, no Pará, 1854; chefe de policia no Espírito Santo, 1856.

Abandonou, nessa época, o partido liberal, por desavença com o respectivo chefe, NASCIMENTO FEITOSA.

Foi juiz especial do comércio no Recife, em 1861; desembargador da Relação na Bahia, em 1870, com exercício na Côrte; Presidente da Relação de São Paulo, em 1874, com o título de Conselheiro; removido para a Côrte, em 1875; deputado geral pelo Ceará, 1869-1878; Presidente do Rio Grande do Sul, 1876; Presidente do Pará, 1886; Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, 1886; Ministro do Supremo Tribunal Federal, 1890; Ministro da Fazenda, e depois da Justiça de Negócios Interiores da Presidência DEODORO DA FONSECA.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE subscreveu, como Ministro da Justiça, o decreto que dissolveu o primeiro Congresso da República.

Figura, por duas vêzes, na lista para a escolha de Senadores pelo Ceará, mas não foi escolhido pelo Poder Moderador.

Dirigiu o jornal Cearense, jornal liberal, em 1846, com Otomar Pompeu e Frederico Pamplona.

Formou sempre na escola dos que entendem que a justiça só se torna uma realidade no seio da sociedade, quando cada um cumpre resolutamente o

que julga o seu dever, deixando ao destino a composição do futuro, entre o qual não há bondade nem saber humano que se antepõemham.

Casou-se em Fortaleza, em 12 de junho de 1847, com ARGENTINA, nascida em Muritiba, filha do seu tio JOÃO FRANKLIN DE LIMA.

Teve os seguintes filhos: TRISTÃO, ARGENTINA, MARIA, JOSE', ARTHUR, ANA, DESIDERIA, com descendentes que muito honram à família.

Faleceu no Rio de Janeiro, o 3 de julho de 1908.

Era membro benemérito e tesoureiro perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a que pertencia desde 21 de outubro de 1870; da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, correspondente da Academia Cearense; honorário do Instituto do Ceará e de inúmeras outras sociedades científicas e literárias.

Era oficial da Ordem da Rosa.

Publicou :

- Eleição de 1863, em Pernambuco — Philopoemei;
- Males Presentes — 1864 — idem;
- História da Província do Ceará, desde os tempos primitivos até 1850 - 1867, Recife; trabalho elogiado pela originalidade das pesquisas sobre o povoamento da terra, costumes dos índios, pela concisão da forma e rigorosa exatidão;
- Ligeira análise do folheto "O Rei e o Partido Liberal", Recife, 1869;
- Negócios do Ceará, artigos diversos — sem nome, 1872;
- A Questão Religiosa, 1873, sob o pseudônimo de verdadeiro crente;
- Discursos na Relação de São Paulo, 1874;
- Discursos na Câmara dos Deputados, 1874;
- Discursos sobre os limites do Ceará e Piauí, 1875;
- Projeto e discursos sobre a liberdade de consciência, 1878;
- Como cumpre escrever a História do Brasil, 1876;
- Consolidação do Processo Criminal do Império do Brasil, 1876;
- Discursos sobre as Sêcas no Ceará, 1877;
- Primeiras linhas sobre o Processo orfanológico, por José Pereira de Carvalho, 1879;
- Pater Família no Brasil, nos tempos Coloniais — memória, 1880;
- Discurso sobre o Visconde do Rio Branco na Maçonaria, 1880;
- Guerra Civil no Rio Grande do Sul, memória — 1881; trabalho de incontestável valor, por estar apoiado em valiosos documentos, pacientemente compulsados, durante o tempo em que exerceu a Presidência da Província;
- Notícia sobre Maioridade — memórias — 1882;
- O 25 de Março — O Ceará no Rio de Janeiro — Discurso — 1884;

- Classificação das Leis do Processo Criminal e Civil do Império do Brasil ou Código do Processo pôsto em Ordem de matérias, com tôda a legislação referente nas duas partes criminal e civil — 1884;
- Código Civil Brasileiro, em seu estado atual — 1885;
- Neologia e Neografia Geográfica do Brasil — memórias — 1885;
- Expedição do Ceará em auxílio do Piauí e do Maranhão — memórias — 1885;
- Independência do Maranhão — memórias — 1885;
- Discurso na Sociedade protetora da Instrução — 1890;
- Relatório do Ministro da Fazenda — 1891;
- Movimento Colonial da América — 1893;
- Primeiro Navio Francês no Brasil — memórias;
- Cidades Petrificadas no Brasil;
- A mudança do nome de Fortaleza — 1896;
- Ao Marechal Deodoro — soneto;
- Primazias do Ceará — 1903;

As traduções :

- Ataque e tomada do Rio de Janeiro, pelos Franceses, em 1771, sob o comando de DUGUAY TROUIN — 1884;
- Vida do Padre Estanislau de Campos, da Companhia de Jesus;
- História de uma viagem à Terra do Brasil, por João Levi;
- Relação Verídica e Suscinta dos Usos e Costumes dos Tupinambás, por Hans Staden;
- Comentários de Alvaro Nunes Cabeça de Vaca;

Inéditos :

- História da Cabanada;
- História do Ceará, até o século XIX, e
- Traduções diversas, inclusive de Plutarco.

* * *

VII — TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE JUNIOR (O quarto do nome)

Nascido a 27 de junho de 1848, em Fortaleza, êsse grande crítico trouxe do bêmço a responsabilidade de antepassados illustres.

Seu avô, TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE, filho de D. BARBARA DE ALENCAR, foi, talvez, a figura mais interessante das revoluções de 1817 e 1824. O pai de ARARIPE JUNIOR, TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, jurista, estadista e historiador, chegou a deputado, Conselheiro do

Império, Ministro da mais alta Côrte de Justiça, no Império e na República, e Ministro de Estado no primeiro governo republicano. Sua mãe, D. ARGENTINA DE ALENCAR ARARIPE, senhora de peregrinas virtudes e também descendente da família ALENCAR.

Fêz os estudos de humanidades no Colégio Bom Conselho, no Recife, dirigido por Barbosa Lima, e cursou a Faculdade de Direito do Recife, para diplomar-se em 1869. Em 1871, foi secretário da Presidência da Província de Santa Catarina, e de 1872 a 1876, viveu no Ceará, como juiz de direito em Maranguape e deputado provincial por dois biênios..

Por volta de 1877, transferiu-se para o Rio de Janeiro e dedicou-se daí por diante, à advocacia, à literatura e ao jornalismo.

Em 1903, foi nomeado Consultor-Geral da República, cargo que ocupou até falecer, em 29 de outubro de 1911.

O mais importante de sua atividade, e a sua maior glória, estão no cultivo das letras, e por isso foi tido, em seu tempo, como um dos maiores, senão o mais acatado crítico literário brasileiro. Na verdade, os seus estudos sobre GREGORIO DE MATOS, JOSÉ DE ALENCAR, GARCIA MEROU, IBSEN e DIRCEU, são páginas substanciosas que nos legou até hoje a crítica nacional.

Não só nesse gênero, acentuou o seu talento.

Ainda na adolescência, publicou CONTOS BRASILEIROS, e, em seguida, produziu NINHO DE BEIJA-FLOR (romance), 1874; JACINA A MARABÁ (crônica dos tempos coloniais, 1875), O REINO ENCANTADO, (romance, 1878), LUIZINHA (romance, 1878), MOVIMENTO DE 1893 (literatura brasileira, 1869), CARTA SOBRE A LITERATURA BRASILEIRA, (1869), O PAPADO (conferência), XICO MELINDROSO (conto), FUNÇÃO NORMAL DO TERROR, EMILIO ZOLA E A TERRA, ALUIZIO DE AZEVEDO e o HOMEM (artigos de imprensa), RAUL POMPEIA, SYLVIO ROMERO, POLEMISTA, ESTETICA DE POE, CLOVIS BEVILAQUA (estudo), MISS KATE (romance), DIALOGOS DAS NOVAS GRANDEZAS DO BRASIL, O CAJUEIRO DO FAGUNDES (episódio cearense), pareceres jurídicos.

Foi ARARIPE JUNIOR um dos vultos mais proeminente da geração de homens sérios que fundou a Academia Brasileira de Letras e muito produziu nos últimos anos do século passado e nos primeiros do atual. Suas obras pouco compulsadas, por sua raridade, vêm sendo reeditadas e comentadas pela CASA DE RUI BARBOSA, graças à sábia orientação do mestre e notável crítica AFRANIO COUTINHO, e estão se impondo à atenção dos que se dedicam à crítica literária, nos nossos dias.

O ilustre cearense foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico do Ceará, da American Academy of Political and Social Science, de Philadelphie, e da Academia Brasileira de Letras, de que foi fundador — cadeira GREGORIO DE MATOS.

Foi casado com ANTONIA MOREIRA e teve cinco filhos: HUGO, FERNANDO, ANTONIETA, ARGENTINA, ESTER, com ilustre descendência.

QUIMERA

JOSE' ALVES DE FIGUEIREDO

SEI QUE LONGE DE MIM ELA HOJE HABITA
LA' NUMA PLAGA DE SIDÉRIO ENCANTO,
MAS, VIVE IGUAL A MIM, SAUDOSA E AFLITA
A SE BANHAR NAS VAGAS DO MEU PRANTO.

ALGUÉM QUE VAI DE ENCONTRO A NOSSA DITA,
SEM DÓ, DE MIM A SEPAROU; NO ENTANTO,
SINTO QUE NO MEU PEITO MAIS SE AGITA
A CHAMA ARDENTE DÊSSE AMOR TÃO SANTO.

MAS QUE FUNDO MISTÉRIO, QUE MEDONHO
PESADELO! NÃO SEI DIZER SE VIVO
SONHANDO NEM SE MINHA VIDA E' SONHO.

SÓ SEI QUE VEJO A TODO INSTANTE, ESQUIVO
NO CÉU, NA FLOR, ESPLENDIDO, RISONHO
SURGIR SEU VULTO VAPOROSO E ALTIVO.

ABRIL DE 1900

Santa Quitéria

PEDRO FERREIRA

SANTA QUITÉRIA! TENS SE BEM QUE EDIFICADA
NO HINTERLÂND CEARENSE, UM GRÃ POVO OPEROSO,
O QUAL SE GABA DA ÁGUA ASSIM PURIFICADA
QUE — A FLUX — LHE DÁ O TEU "JACURUTÚ" FAMOSO.

ÉS DIVINAL QUANDO, NO INVERNO, A PASSARADA
CHILRA NA MATA EM FLOR E O BOI MUGE SAUDOSO.
ÉS A TERRA, TAMBÉM, DA OITICICA ESTIMADA,
QUE E' ALMA DE TEU PROGRESSO ATIVO E FUTUROSO.

SÃO TEUS FILHOS CATUNDA, — EXCELENTE ESCRITOR,
MENEZES PIMENTEL, — EXÍMIO EDUCADOR,
BEM ASSIM MORORO' E OUTROS DE ILUSTRAÇÃO.

RAZÃO POR QUE SE UFANA TODO O FILHO TEU!
— SALVE BELO TORRÃO DO GENIAL POMPEU!
SALVE SANTA QUITÉRIA, O' DEUSA DO SERTÃO!

UBAJARA, 1965

ALMIRANTE ALEXANDRINO DE ALENCAR

J. BRIGIDO

Entrou para o Senado este mui notável homem do mar.
Representa o Amazonas.

O Snr. Alexandrino não é cearense de berço, como a muita gente parece. Pertence, porém, ao Ceará pelas suas tradições e alinhamento de família.

Nasceu no Rio Grande do Sul, de mãe rio-grandense, tendo por pai um bravo oficial do Ceará, que prestou serviços os mais relevantes ao Brasil, na guerra do Paraguay.

Tiburcio falava dele com admiração.

Esse nosso conterrâneo era filho do chamado Pedro Labatut, que foi morto, na praça do Garrote, por uma bala que sua sogra lhe enviara do Cariri, por motivos de família.

Essa mulher, de coragem varonil e maus bofes, foi d. Inacia de Alencar, uma das irmãs da heroína d. Barbara, que padeceu longamente nos carceres da Bahia, em 1817, e se pode dizer que foi a monera da família, por ter secundado, corajosamente no primeiro movimento republicano do Brasil a seu filho o subdiácono José Martiniano de Alencar, que veio a ser homem tamanho na política do Império.

A família Alencar é de origem pernambucana. Teve anteriormente a sua séde nos sertões de Pernambuco, que se denominava então — Catingas, e hoje constituem os municípios de Ouricuri, Exú, Granito, etc.

Passou-se para o Cariri em fins do século 18, começo do século passado, atraída pelas riquezas que o cultivo da cana estava produzindo.

Serviu-lhe de chefe—Leonel Pereira de Alencar, um dos irmãos daquelas duas senhoras, o qual, em 1824, teve a sua casa cercada pelos corcundas, e por eles foi morto, com um filho e alguns amigos.

Leonei era o proprietário do engenho que fica à vista da cidade do Jardim, lado oposto do ribeiro.

A família Alencar, estava já mui ramificada nessa época.

De d. Inácia é bisneto Alexandrino e foi neto o deputado Meton.

De Leonel foi genro o deputado, senador e visconde de Jaguaribe; é neto o ex-deputado Domingos Jaguaribe, bem como o seu irmão, João, e genro o ex-deputado Paulino Nogueira. É bisneto Otto Alencar, alteum Otto Silva, professor da Escola Politécnica.

Nessa família nota-se a anomalia de ser pouco observada a lei sálica. Muitos preferem tomar o nome materno, deixando o paterno; o que até certo ponto dá a entender que procuram armar à consideração de — Alencar.

De d. Barbara foram filhos mais ilustres :

1.º — José Martiniano de Alencar, deputado às Constituintes de Lisboa e do Rio, e à Assembléia Legislativa, senador, duas vèzes presidente do Ceará e, por algum tempo, chefe do Partido Liberal do Império.

2.º — Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, antigo preso da Bahia, que na Independência tomou o cognome de Araripe e na Revolução do Equador foi morto no combate de Santa Rosa (13 de outubro de 1824), com as insígnias de presidente do Ceará.

Do 1.º destes, procederam J. de Alencar, deputado e ministro e Leonel, diplomata e titular. Um seu neto (Alencar Guimarães) tem sido deputado, e o foi também seu genro dr. Joaquim Bento de saudosa memória.

Do 2.º, procedeu o Conselheiro Araripe, deputado, ministro do Supremo Tribunal, e da Fazenda na República.

Este é o pai do literato Araripe Junior e sôgro-avô de Cardoso de Castro, membro do Supremo Tribunal.

Quem fez toda essa gente foi, d. Barbara, com sofrer as maiores afrontas e angustias em 1817.

Os Alencar são materialmente valentes, quase sempre e cívicamente algumas vèzes; vigorosos, inteligentes e prestadios.

Desta numerosa família, hoje disseminada por todo o Brasil, ainda existe o tronco nas Catíngas de Pernambuco, tendo feito o seu chefe, últimamente ali, o falecido, barão do Exu.

A esses Alencar, se prendia mui de perto o vigário Carlos Augusto Peixoto de Alencar, primo do senador e seu lugar-tenente, no Ceará, e deputado que fêz parte da lista triplíce em 1847.

(Do "UNITARIO", de 26 de abril de 1906)

V E L H O S O L A R

(Canto a um amigo morto)

JOSE' NEWTON

O sussurro do mar na muralha.
O azul-saudade do mar...

O casarão escuta o mar.
O silêncio das parêdes.
O Somido de madeirame.

O tempo morou ali.
Espiou pelas portas e janelas.
Viu o mundo e viu o mar...

— Quem guarda o silêncio do sótão?
Que mundo no ritmo das escadas!

Barão de Jeremoabo...
A dor da escravaria submissa.
A fragilidade da fôrça deslocada.
Velho casarão de janelas para o mar,
oihando além, à Sagrada Colina, a basílica de Deus!

Montesserrate ao longe.
A colméia operária industriando.
Juventude da Pátria em livro e marcha.

Foi ali, à mansão não sonhada,
que um dia cheguei,
para criar raízes.
Foi ali que iniciei, em manhã-profecia,
o mistério de outra caminhada.

Depois te vi, Amigo,
e senti a juventude de tua alma.
Sob o mesmo teto nossas mãos moldaram argila nova,
ao sôpro dos Sagrados Ideais.

O velho casarão foi oficina,
onde, operários do ensino,
construímos templos e caminhos.

As mãos de Deus pousavam sôbre o velho casarão.

alguns
poemas
de
Jurandy

PRESENÇA

Na esquina da praça
cheirando a cachaça
a doida passou...
Tragédia ambulante que Deus permitiu
para humilhar os poderosos.

BUSCA

Viver
lutar
sofrer
morrer...
e depois?
Será que a salvação consiste
em se querer aquilo
que não se conhece?

DESEJO

Amar intensamente
tomar café quente
jogar futebol.
Entrar no estudo
de corpo e alma
manter em tudo
muita calma
pensar coisas boas
muito belas,
vencer!

COMPANHEIRA

Você será o meu motivo;
conversaremos coisas bobas
e nos riremos por nada.
Falaremos de tudo
e deixaremos nossa conversa
para depois...
Tôda linguagem se vestirá
dos olhos e do coração, porque
mesmo mudos êles traduzem
a mensagem que não foi dita.

P R E C E

...que os vivos se lembrem
dos mortos abandonados
dos pobres congelados
que vivem e morrem
sem pão
sem assistência
e sem carinho.
Que os ricos se esqueçam
que são donos do mundo
sózinhos
e repartam um pouco
um pouquinho
com o seu irmão.
Que os maus conheçam a bondade
e preguem a verdade
sem profanação.
Que reine paz em tôda juventude
que a humanidade busque plenitude
e encontre o salvação.

AO DEUS DA ANGÚSTIA E DA PAZ

Neste momento
em que minh'alma canto
o canto lúgubre de quem chora,
deposito em ti, Senhor,
tôda esperança
e a desesperança
que eu tenho agora.
Nas tuas mãos, Senhor,
a minha prece,
o; meus desejos,
a minha vida enfim...
Que tudo seja como Tu quiseste
e que eu não queira demais
para mim.

C O N T E Ú D O

Há
em cada desespero
uma esperança;
em cada dúvida,
uma certeza cristalizada;
em cada mágoa,
um hino;
em cada gesto,
uma procura;
em cada renúncia,
um ato de amor...
O essencial é que a vida
seja sempre cheia
de coisas importantes.

GUARDO TEU SORRISO

Morena boa, morena linda,
de pele escura, que sorri pra mim,
eu tenho teu sorriso guardado.
Você não liga pra nada
nem eu ligo pra você;
mas vez por outra eu guardo teu sorriso

F A N T A S I A

Você gostou do filme?
Não, porque o artista morre.
Só por isso você não gostou do filme?
Sim, você quer mais? eu morro de pena
quando o artista morre.

I N C O E R Ê N C I A

Você é ateu?
— graças a Deus.

Abôio: Gemido e Canção

J. BELIZARIO NUNES

Verdadeiramente, a mais importante conquista (...) do folclore na esfera literária nestes últimos anos consistiu em trazer à luz o seguinte fato: a chamada produção literária popular é uma atividade útil, necessária à conservação e ao funcionamento da organização social, como consequência de sua vinculação com outras atividades, estas últimas de ordem material. Sobretudo em seus começos, é um elemento orgânico, e não como se acreditava, uma atividade estética supérflua, um luxo". (Aires da Mãe M. Filho, Curso de Folclore).

Luis da Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro e, mais tarde, nas "Tradições Populares da Pecuária Nordestina, edição do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, define o abôio: Canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. Dentro desses limites tradicionais, o abôio é de livre improvisação, e são salientados os que se distinguem como bons no abôio".

Inácio da Catingueira,
Escravo de Manoel Luis,
E' doutô preto, formado,
E' vigário da matriz.
Tanto fala como abóia,
Como sustenta o que diz.

Por isso é cabra de fama,
Por isso sabe dançar,
Por isso eu digo cantando:
Só lá se sabe aboiar!

O mesmo Câmara Cascudo, citando Carlos M. Santos, que pesquisou o folclore da Ilha da Madeira, informa a impossibilidade da notação musical exata. Textualmente: "O abôio não tem letra, frases, versos, senão o excitação final e este mesmo já falado e não mais cantado. A fixação é igualmente impossível pela divisão dos períodos musicais. Um abôio no pentagrama é um pingüim no Saara".

A QUESTÃO DA ORIGEM

E' indiscutível, hoje, a origem africana ou asiática do abôio, surgido com os primeiros pastores de gado. O abôio, com tanto poder de sugestão, entre as rêsas, é onomatopáico. O homem copiou mentalmente a voz de alegria ou de tristeza do gado, reproduziu na boca esses sons, acrescentou-lhes outras modulações.

Pessoas que têm ouvido cantos melopáicos na África muçulmânica, na costa do Marfim, afirmam a impressionante semelhança desses gemidos melódicos intermináveis e assombrosos de sugestão, se *trainant sur les troits éternelles mêmes notes*, como escreveu o General Baratier (AU CONGO, 50). Esse mesmo milico, Baratier, parece que interessado no assunto, conta noutra lugar (EPOPÉES AFRICAINES, 95) que, precisando conduzir u'a manada de bois selvagens, tão ferozes que eram abatidos a fuzil, foi aconselhado a entregar o gado a um peuhl do Sudão—povo de trabalho pastoril milenar—, encarregando-o de agrupar os bois e fazê-los marchar em coluna militar. O aboiador do peuhl sudanês, doucement à bouche close, embora diferente do aboiador do vaqueiro nordestino, é idênticamente eficaz: amansa o gado, torna-o disciplinado, é a melhor receita contra o estouro da boiada. Isto é o que diz gente entendida, que sabe onde tem as ventas.

ABÓIO COM LETRA

Quanto à introdução da letra — palavras e versos — no abóio, embora seja um fato ainda não reconhecido pela

maioria dos folcloristas, é uma questão consumada. Como Luís Gonzaga, o grande sanfoneiro do Exu, foi o primeiro a aboiar peio rádio, admite-se que tenha sido êle, nesse ponto, um renovador do abóio. Nada disso. Antes de Luis Gonzaga, já os vaqueiros nordestinos tinham botado letra no abóio. Há muito o vaqueiro de Jacobina e Mundo Novo, na Bahia; de Exu e Surubim, em Pernambuco; de Patos, na Paraíba, ou de Crato, no Ceará, canta, através “dêsse gemido melódico”, as suas tristezas e as alegrias, ou, o que é muito importante, as suas relações com o fazendeiro. Isto parece claro no abóio “Alegria do Vaqueiro”, do cego Birrão, famoso aboiador das feiras de gado e exposições agro-pecuárias do Crato :

Alegria do Vaqueiro

Alegria do vaqueiro
E' ouvir o ronco do trovão,
Vê o céu se enubrá
E a chuva cair no chão,
Bota a sela no cavalo
Vou a casa do patrão.
Bom dia, senhores todos,
Como vai, meu cidadão?
Vim dizer ao senhor
Que já choveu no sertão,
Vamo juntá o gado,
Pra fazer apartação.

Ê ê ê boi
Ê ê ê boiá
Borá, peiá !

Por que o vaqueiro bota a sela no cavalo e vai à casa do patrão? Simplesmente porque o patrão já não mora na fazenda, mas em Crato, Juazeiro ou Barbalha, onde os filhos fazem o ginásio ou o científico, enquanto o pobre vaqueiro, tanto quanto o gado apertado pelos cercados de arame, tende a desaparecer ou irrecar as roupagens pela do cow-boy de cinema. O vaqueiro não fica mais com o garrote dos quatro que nasceram (à sorte). Agora um bicho raciado vale por quatro ou cinco do tipo pé-duro. A lei antiga da sorte ficou para trás; vaqueiro tem de contentar-se com a paga em dinheiro: monetarizou-se, como diria um estudante de economia.

Outro belo exemplo de abóio, em que está caracterizada em côres mais firmes a mesquinhez do patrão em relação ao vaqueiro, está no que a seguir transcreverei, do mesmo cego Birrão (João Teixeira da Silva) e recolhido pelo escritor cearense J. de Figueiredo Filho, do Instituto Cultural do Cariri :

!nunca vi caririzeiro
Que não fôsse aventureiro,
Deixa as vacas de leite,
Leva o gado solteiro.

Ê ê ê boi
Ê ê ê boiá
Borá, peiá !

Quero vaca de leite
Pra tirá um leitim,
Pra levá pro sertão
Pra alimentá meus fiim

Ê ê ê boi
Ê ê ê boiá
Borá, peiá !

O patrão fala ao vaqueiro :
Ajunte boi e novilhote
Que das vacas de leite
Eu só lhe cedo as de garrote,
De quatro você tem um
E será a sua sorte.

Ê ê ê boi
Ê ê ê boiá
Borá, peiá !

O vaqueiro baixa a cabeça
Ali começa a maginá,
Não responde má ao patrão,
Pra êle não se zangá,
Leite de vaca de garrote
Não paga o trabalho de arriá.

Ê ê ê boi
Ê ê ê boiá
Borá, peiá !

(Do Boletim da Comissão Nacional do Folclore) — Rio GB.

Livraria e Papelaria

RAMIRO

Fundada em 1928

de RAMIRO MAIA

Livros em geral sobre Pedagogia e Didáticos - Material escolar e Artigos para escritório e mais uma secção de espelhos vidros e molduras

Rua Dr. João Pessoa, 108

CRATO — CEARÁ

CONSTRULAR

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO
REPRESENTAÇÕES EM GERAL

Peixoto & Filho

Patente de Registro, 586

Inscrição, 523

Teleg.: PEIXOTO - Caixa Postal, 19

Rua Barbara de Alencar N.º 133

CRATO — CEARÁ

ABRAHÃO ROMCY & CIA.

End. Teleg.: - CASA ABRAHÃO

ESCRITÓRIO DE COMPRAS EM FORTALEZA

Rua Senador Pompeu, 622

Vendas em Grosso e a Retalho - Fazendas. Miudezas, Perfumarias - Linhos, Sedas, Tecidos de Algodão em Geral - Artefatos de Tecidos - Roupas Imperial Extra - Unico Distribuidor dos Produtos de «Helena Rubinstein»

CASA ABRAHÃO Matriz

Caixa Postal, 23 — Rua Dr. João Pessoa, 102

CASA NOVA Filial

Rua Dr. João Pessoa, 75

CRATO

—

CEARA'

A MAIS COMPLETA ORGANIZAÇÃO
GRÁFICA DO INTERIOR CEARENSE

TIPOGRAFIA E PAPELARIA DO
C A R I R I

EDITOU O PRESENTE NUMERO DE "ITAYTERA"

Dispõe de linotipo e impressoras
automáticas para maior perfeição
e pontualidade nas encomendas

SECÇÃO DE MATERIAL P/ ESCRITÓRIO

ARTIGOS ESCOLARES

REVISTAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

TIPOGRAFIA E PAPELARIA DO
C A R I R I

RAIMUNDO PIRES MAIA

Rua Dr. João Pessoa, 112 -- CRATO - Ceará

UMA ITAJUBENSE NO CRATO

FRANCISCO VASCONCELOS

Convidada por meu intermédio, pelo professor JOSE' DE FIGUEIREDO FILHO, a jovem poetisa itajubense CORIZANDE APARECIDA DE PAULA ALVES, para contribuir na revista ITAYTERA, accedeu prontamente e preparou para a abertura d'este novo ciclo algumas de suas melhores peças.

CORIZANDE, ou melhor CORY como é tratada pelos mais íntimos, nasceu em Juiz de Fora, a segunda cidade do Estado de Minas, importante centro industrial.

Cêdo porém, transferiu-se com seus pais para a cidade sul-mineira de ITAJUBÁ, onde foi registrado e onde vive até os dias que correm. Aluna exemplar é a nossa poetisa atualmente professora de inglês na quarta série ginásial de um colégio de Irmãs de Itajubá. Além disso, dona de um espirito curioso e inteligente, dedica-se ao aprimoramento de seus conhecimentos da língua de SHAKESPEARE, através de assídua correspondência com um official em serviço no Cairo. Estuda ainda alemão, italiano e espanhol encontrando tempo para ler as crônicas e os romances dos autores atuais.

Mas, de todos os seus atributos intellectuais, o que mais me chamou a atenção foi sua verve poética. Através de seus versos ora soltos, ora rimados, uns românticos, outros pitorescos mesmo pictóricos, deixa ela transparecer tôda a sua simplicidade de espirito, alma límpida e desprentenciosa e elevação intellectual. Não é a nossa Cory uma artista como aquelas que infelizmente pululam pelos grandes centros na actualidade. Não busca, ela, no alcool, nos entorpecentes, nos vícios, nas frustrações, nos insucessos amorosos e até mesmo nas angústias forjadas e pré-fabricadas, os subsídios para a sua inspiração poética. É uma artista natural, espontânea, enquadrada no seu meio, dona de um espirito tranqüilo acomodado e retilíneo.

É colaboradora assídua do jornal "O Sul de Minas" de Itajubá, e agora passa a fazer parte da Academia de Letras que está sendo fundada naquela cidade.

Pelo visto, é com júbilo e imensa satisfação que faço esta ligação de duas cidades tão distantes através da arte e do espirito desta jovem mineira.

"U N O"

Uno...
O nosso amor foi uno, singular,
sem par...
Uno... e vivemos um amor profundo
que o mundo
exterminar, jamais conseguirá...
Uno...
Hoje ainda é uno nosso amor sem fim...
e assim,
uno haveremos de levá-lo a Deus,
que os meus
e os sonhos seus, no céu realizará!...

FÓLHA EM BRANCO

A minha vida,
era uma fôlha em branco...
Nasceste, para mim
e, em meu caminho,
foi a felicidade despertando.
Amei-te. Nada mais.
Um dia,
houve a decepção,
e então,
na minha vida,
que era uma fôlha em branco,
eu escrevi: "SAUDADE"!...

A TUA SOMBRA

Passadas...
cansadas...
pesadas...
de alguém
que vem
na estrada...
caminha...
definha...
e vai morrer sozinho...
E' ela
que vela
por ti:
apenas a sombra tua
que, a seguir-te, vai
para mostrar-te, num esbôço pobre
o pobre ser que és!...

FIM. TERMINOU...

Fim. Terminou...
eis a palavra exata...
Já nada mais existe de um amor
que outrora florescia...
Foi tudo bom demais para ser verdade
e hoje a saudade
é tudo que restou!...

Fim. Terminou...
O adeus somente existe e concretiza,
na sombra de um amor que finaliza,
a solidão amarga que ficou!...

CONFIDÊNCIAS

Vento frio...
As folhas dançam...
E na dança das folhas
segues também...
mas as folhas se cansam
e, ao cessar o vento,
param de dançar...
Tu, porém, que a vida levas
ao sabor do vento,
de ser leviano
quando vais parar?

MENINO DA PRAÇA

Menino da praça,
menino que passa
cantando
brincando
e engraxando!...
Menino sem jeito
tu já foste eleito:
— moleque perfeito —
Garoto otimista
que ri, quando avista
revista...
(em quadrinho!)
que banca o mocinho
com seu cigarrinho
apanhado no chão...
Menino sem jeito,
adoro seu jeito:
feliz, folgazão...
Moleque perfeito,
também tens direito
ao meu coração!...

INSÔNIA

São duas horas
há duas horas...
Olhando o teto,
penso em dormir
sem conseguir
o meu projeto...
...Vem um zumbido
no meu ouvido:
é a serenata
insensata
de um inseto
indiscreto...
E as horas seguem
lentamente...
vagarosamente...
no tempo
sem tempo
do insônia!...

O MESTRE

(Para o velho Manoel Raimundo)

Mestre, antes que a noite chegue,
eu quero ouvir, dos seus lábios milenários,
doces conselhos, lendas e verdades,
que me ensinem a arte de viver
— a de saber cantar, a de saber sofrer...

—Meu filho,
deixa que a vida corra
ao léu das coisas mansas!
Por acaso, não sentes
a paz, a doce paz,
das arvores crianças?
—Que importam a elas
os negros vendavais
e o claro sol crestante
das quadras estivais?
—Choram nas suas folhas
os pássaros sem ninho
e cantam nas suas frondes
os meigos passarinhos.
—O vento brando passa,
passa a tempestade,
a vida mesma passa
e tudo vai passando...
e as arvores presas
à terra mais ingrata
continuam serenas,
silenciosas e puras,
na doce paz da mata,
aos males enfrentando.
—Não olhas, por acaso,
os pássaros do bosque?
Eles voam em charolas,
nos espaços azuis,
e não se lembram nunca
das chuvas e dos ventos...
Vão sempre cantando,
cantando eternamente.
—Olha, por fim, ó filho,
o berço das crianças!...

Como dormem sem sonhos,
sem negros pesadelos
e ressonam, felizes,
no sono da inocência,
com os lábios risonhos,
abertos como flôres,
trescalando vida,
trescalando essência!
—A ti, que és pobre homem,
pobre desgraçado,
que vives do desejo,
vives desejando,
só te resta a calma
que há dentro de ti,
oculta no teu ser,
no âmago da alma.
—Para que possas encontrá-la
é preciso, primeiro,
mergulhares na vida,
e desceres bem fundo,
à derradeira essência,
e muito procurá-la,
e sempre procurá-la,
até ouvir sem susto
a voz da consciência.
—Então, sim, tu serás feliz,
e nem pertences mais
ao turbilhão humano.
Es a águia do céu,
o belo puritano,
espírito de luz,
tão grande como Buda,
e puro como Jesus!

S. Paulo - setembro - 1964

S O N E T O

Ao Ten. Brigadeiro Lobato

Ex Oficial da Marinha Brasileira

Era um lobo do mar, entre as procelas
Singrava os mares destemidamente;
Tambem, nas calmarias, bravamente,
Com pulso forte, dominava as velas.

Depois, fêz-se condor, e nas alturas
Cruzava os céus vertiginosamente;
E nas lutas da vida, firmemente
Colheu vitórias, demonstrou bravuras...

Tendo o sonho da vida realizado,
Esperava feliz e sossegado
Da sua vida, o derradeiro áto.

Mas o destino irônico e traiçoeiro
Em terra firme abateu o pioneiro
Que tanto navegou e voou tão alto.

G. LOBO.

REVOADAS CANORAS

Cícero Martins é o poeta que nasceu e vive para cantar as belezas desta natureza encantadora que nos cerca. Para ele a vida é eterno sonho. Não seria esse mesmo sonho a realidade pura da vida?

Vejamos alguma coisa de Cícero Martins: de seu novo livro REVOADAS CANORAS, escrito com tôda a sua alma de poeta

Gemendo, acordando com harmonias
tristes, dolentes, do agudo canto
as solidões do êrmo, em noites frias —
— carros de bois são dos sertões encanto.

CRÔNICA

OS BANCOS DA PRAÇA

CORIZANDE APARECIDA DE PAULA ALVES

Detenho-me no centro da cidade, a observar os bancos da Praça Teodomiro Santiago. Simples construções de concreto armado, não ouvem, não falam, não vêem. No entanto, metagôgicamente, adquirem expressão colorido e forma. São gente como nós, com as faculdades de ouvir, falar e vêr. Até nomes possuem. Nomes legados, principalmente por firmas comerciais, que os ofertaram a cidade. Há o "Tangará", "Pedro Narciso", "Alfaiataria Nossa Senhora de Lourdes" e outros, sobre os quais minha pena se perderia em divagações.

Quantas vezes, os Bancos da Praça, a qualquer hora do dia, ouvem pela boca dos casais que ali vão, frases como esta que já se tornaram folclóricas:

— "Sentemo-nos no "nosso banquinho", o da Companhia Força e Luz". . .

— "Sim foi ali que nos sentamos pela primeira vez, lembra-se?"

. . . E a partir desse momento, o escolhido passa a ouvir frases românticas, a ver os doces carinhos, trocados entre os jovens. . .

Quicá os bancos da praça falem entre si; quicá também se admirem e se respeitem. Entendamos; pois quem souber ouvir, ver e falar aos seres inanimados, quem conseguir compreender a muda linguagem das coisas, quanta motivação encontrará para meditar num fenecer de tarde, enquanto o sol declina, espreguicando, no poente, e o céu se tinge de um vermelho vivo símbolo do amor. . .

UM AUTO POPULAR BRASILEIRO DE ALAGOAS

Alagoas representa um pedaço bem vivo do Nordeste. Seu folclore é dos mais originais e seus pesquisadores se destacam em todo o Brasil, pela dedicação e segurança dos comentários, como também pela magnífica interpreta-

ção. Quem não conhece no Brasil os trabalhos de Théo Brandão? Seu nome já se projeta em todo o mundo dos cultivadores do folclore. Pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em separata, do seu BOLETIM, editou, em 1962, no Recife o estudo do BUMBA-MEU-BOI UM AUTO POPULAR BRASILEIRO NAS ALAGOAS. Foi outro sucesso e outra vitória do folclore alagoano.

M
U
C
U
R
I
P
E

Mucuripe. Manhã. Velas partindo.
Sonhos se indo
Na imensidão do mar...
Saudades fazendo
Mágoas tecendo
No coração...
Saudades tremendas
Daquelas lendas
De Alencar!
Saudades cruéis
Dêsses batéis
Da ilusão...
Daquêles amores
Sem dissabores
Dos meus vinte anos.

DOLORES

FURTADO

Tarde. Velas voltando
No porto ancorando...
Cestos sem peixes,
Trazendo-me os feixes
De desenganos!...

Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista

O centenário de Delmiro Gouveia, comemorado em 1963, marcou um surto de publicação de biografias do homem que devassou os caminhos para o aproveitamento redentor da energia de Paulo Afonso. F. Magalhães Martins, cearense do norte do estado, lançou uma, editada, no Rio, pela Civilização Brasileira S/A. Escreveu o livro com amor, pois, o herói pioneiro que teve a coragem de iniciar indústria, em plena caatinga nordestina, nasceu também à sombra da serra da Ibiapaba, como o inteligente autor, agora residindo no Rio. Apesar dos documentos mostrados à luz por seus mais conscienciosos e perspicazes biografos, há muita gente que ainda nega ter Delmiro nascido fora do Ceará. F. Magalhães Martins comprovou bem o caso, de forma a não deixar a menor dúvida sobre o assunto. Mostra também o arraigado espírito nacionalista de criador da fábrica de linha ESTRELA, de Pedra que fundou, indústria inteiramente nossa e lutou contra um truste internacional, conseguindo mantê-lo à distância, enquanto teve vida e força para lutar. Delmiro é bem a encarnação do nordestino destemido, inteligente e empreendedor. Foi quem preparou o terreno para a atual CHESF expandir-se pelo Nordeste.

Romance Sintético

PEDRO FERREIRA

1.º

DESCONHECIDOS

Num baile, Lauro e Maria,
Pela vez primeira, é certo,
Se olharam, com alegria,
E se saudaram de perto.

2.º

NAMORADOS

Saíram, assim, a valsar
Deveras apaixonados,
Depois foram segredar
Como lindos namorados.

3.º

NOIVOS

Findo o baile já se amavam
Com todo amor que a alma tem
E— já noivos — se bejavam
E se abraçavam também.

4.º

CASADOS

Dias em-pós, realmente,
Os garridos namorados
Saíam — tão alegremente —
De uma ermida, já casados!

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

Telegrama: OSTERNE — Caixa Postal, 16

Uma tradição de amizade aos clientes,
servindo-os com artigos eletro-domésticos
e máquinas agrícolas da melhor
qualidade e das mais afamadas marcas

MATRIZ: RUA JOÃO PESSÔA, 113 / 119

FILIAL: RUA SANTOS DUMONT, 51

CRATO

—

CEARA'

Poemas

de JOÃO ALVES ROCHA

A S E M P R E A M A D A

A' Memória de minha Mãe

Minha mãe! Minha mãe! por que partiste!
Por que tão cedo tu te foste embora!
Não vês como o teu filho ainda chora
Imerso nesta dôr que mal resiste?

A nossa casa, mãe, ficou tão triste,
(No pensamento vejo tudo agora)
Desde a fatal, inesquecível hora,
Em que ó minha mãe, d'aqui partiste.

Depois de tanto tempo decorrido,
Ainda tenho o coração partido
Pelas saudades que não terão fim.

E do Céu, onde estás, ó sempre amada,
Estende a tua mão abençoada,
Deixa cáírem bençãos sobre mim.

O "ORÓS" ESTÁ SANGRANDO

Vinde ver, ó brasileiros

O "Orós" sangrando.

Vinde ver de perto

Esta maravilha do engenho humano.

Vinde ver, ó brasileiros!

Vinde extasiar os vossos olhos,

Empolgar as vossas almas,

Encher vossos ouvidos

Com o bramido

O rugido,

O tonitroar das águas

Se despenhando,

Rolando,

Descendo,

Subindo

E se transformando em poeira líquida.

Vinde ver, ó Brasileiros,

Vinde ver de perto

Esta maravilha tão grande,

Tão impressionante,

Tão empolgante

Que descrever não se pode.

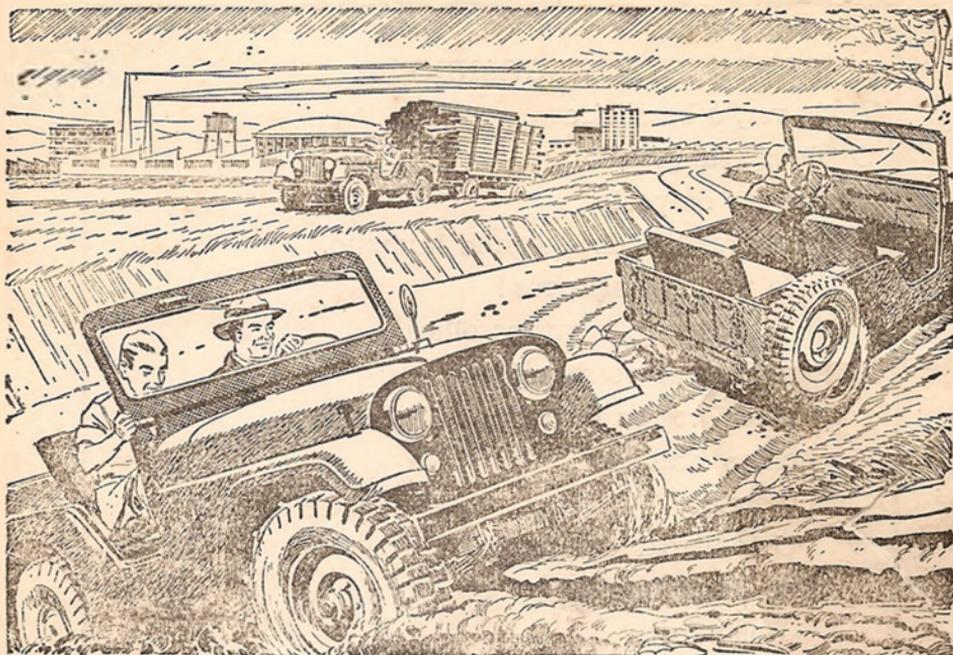
Vinde ver, ó brasileiros

O "Orós" sangrando.

Vinde ver esta obra ciclópica

Feita pela mão do homem

Com a inteligência que Deus lhe deu.



P. G. Nascimento acc.

Jeep[®] passa onde outros ficam... WILLYS

Em boas ou más estradas e onde não há estradas, o Jeep-Willys segue em frente, haja sol, chuva, ladeiras, lama ou areia, com o impulso adicional de sua tração nas 4 rodas.

Fácil de manobrar, robusto, potente e de econômica manutenção, é um veículo em que V. pode confiar, para todo serviço.

**AGORA PARA
PRONTA ENTREGA**

*Procure imediatamente
o seu Concessionário*

EM CRATO

Cariri Comercial e Agrícola S/A

Concessionário WILLYS com experiência de 10 anos.

Rua Monsenhor Esmeraldo, 177/179

CRATO

CEARÁ

AO LEITOR :

Vários motivos impediram maior rigor na revisão do presente número.

O leitor, porém, inteligente e benévolo, descobrirá e perdoará as falhas tipográficas.

E a Editôra, certa dessa compreensão, confessa-se, por isto, agradecida.

A Editôra

O poema " O MESTRE " à página 143
é de autoria de Juarez de Alencar

Indústria e Moagens do Cariri S. A.

IMOCASA

A Indústria que trará o engrandecimento
da região do Cariri.

A IMOCASA – com o seu programa,
levará ao homem do campo dias
melhores, ajudando na sua lavoura.

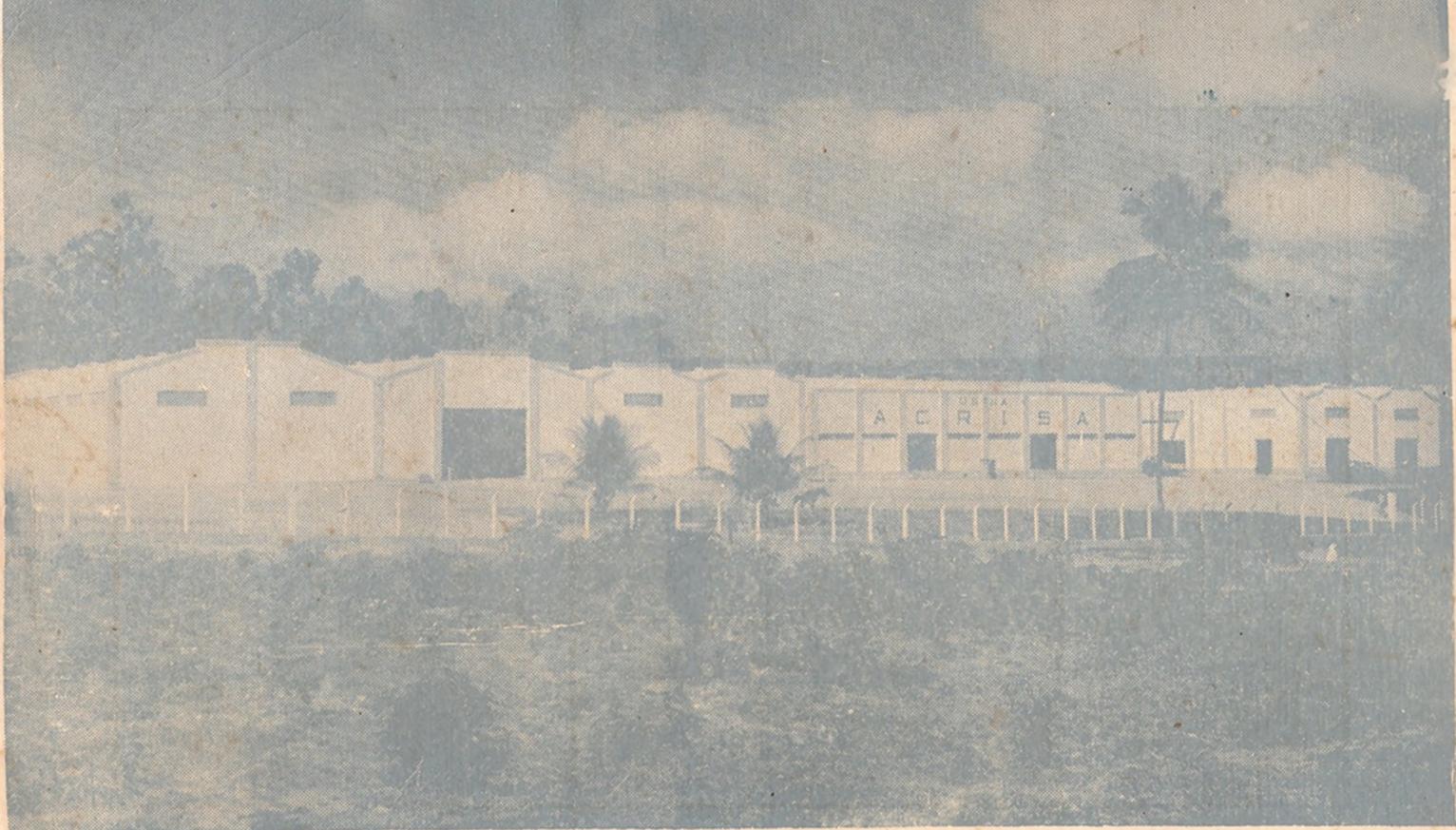
Agricultores, procurem fazer contacto
com a IMOCASA.

ALTO DA INDEPENDENCIA S/N

CRATO

—

CEARÁ



ALGODOEIRA CRATENSE INDUSTRIAL S. A. - ACRISA

USINA DE BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO E EXTRAÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS

Escritório: RUA SENADOR PUMPEU, 97 — Telegrama: ACRISA — CAIXA POSTAL — INSCRIÇÃO 560 — CRATO — CEARÁ